

Oferta  
-0. NOV. 1993

ANO III N.º 152  
13  
ABRIL  
1944  
PREÇO AVULSO  
ESC. 1\$50

«Madalena, zero em comportamento!...»  
**Iracema Dilian está em Portugal  
e vai aprender a falar português...**

Neste número: Uma entrevista com a grande vedeta do cinema europeu



**VIDA  
MUNDIAL**

**ILUSTRADA**

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

## O "encontrão" e o "desencontro"

**E**ILLOS de mãos dadas. Parecem não ter relação e completam-se; mostram-se como coisas opostas e harmonizam-se; sugerem contradição e formam conjunto fraternal.

E que ao bem montado sistema do «encontrão» no trânsito do Chiado e ruas áureas, corresponde o não menos bem montado «desencontro» verificado a cada passo no trânsito da vida entre os homens e as funções que suas mãos exercem.

Forçado pugilista nesta época sobremodo desportiva, o português que tem de ir do Rossio ao Loreto conhece os vários ritmos, rodeios, «stravagens» e solavancos por meio dos quais lhe é mister conduzir o arca-boiço.

Pior é a tempestade se vai acompanhado por uma senhora. Cumpre nessa emergência transformar as arrelhas em licorosos sorrisos. E temos pois o lisboeta passando ovante em frente das vitrinas tapadas pelas costas de elegantes cavaqueadores, rodeando grupos parados no centro dos passeios — meninas que combinam chás, cavalheiros que falam de «nada», mas atiram com tudo e todos para cima dos automóveis que passam de goela aberta a ensurdecer a gente — então, metido no meio dos «lentos» ou dos «apressados», esbarrando nos que descem, empurrado pelos que sobem, acotovelado e pisado pelos que sobem e descem ou ladeiam, cruzam, param, voltam atrás, andam e desandam, é obrigado o viril transeunte a fazer aquele brilhante jôgo dos automóveis eléctricos na pista do Parque Mayer.

Seja dito à margem que, em estas linhas escreve, visitou o Rio de Janeiro e transitou bastas vezes na Avenida Rio Branco. Artéria de intenso movimento. Todavia, ali, ninguém se atropela, esbarra, pisa ou faz o pavoroso jôgo de «ji-jutsu» a que se é obrigado em Lisboa. Ali, o passo é célere. Todos vão à vida. Sobem e descem em direcções comuns. Dentro do mesmo passeio formam-se naturalmente duas correntes de caminhantes que procuram, apenas, seguir sempre pela sua direita.

Quere dizer: um pouco de bom-senso, uns pôzi, os de canela, dessa que se chama boa educação, e é quanto basta afinal para que a vida se torne doce como um pudim em qualquer lado...

Indo agora ao «desencontro» achamos que a enfermidade vem, por sua vez, do mesmo mal de falta de consenso, de «higiene» ideológica.

Assim, todos nós suportamos, sem culpa, e conhecemos o empregado que está mal humorado ao «guichet»... porque é poeta, odeia os algarismos e só gosta de fazer versos; igualmente conhecemos os maus versos daqueles que as circunstâncias tornaram às vezes, sem se saber como, poetas, e gostaríamos mais de estar sentados a um «guichet» lidando com números, gastando as horas vagas a decifrar charadas aritméticas.

A falta de culto pelo profissionalismo, o vulgar desvio, entre nós, da vocação própria — e não esqueçamos que a vocação do indivíduo é uma das leis mais sagradas em relação ao seu destino — tornaram caótico o «desencontro», a maior improvisação das aptidões, criaram a situação de milhares de indivíduos que vivem metidos em sapatos ou muito grandes ou pequenos de mais para o seu pé. Daí, muitos calos apertados, joanetes sem aconchego, suores e enfados — uns doridos porque os pais lhes impuseram a carreira, outros grotescos porque andam ao contrário dos sóprios da sua alma, outros ainda porque a ignorância do «Fazei mais o que souberdes...», de Camões, os obrigará a remar toda a vida contra a «sua maré»...

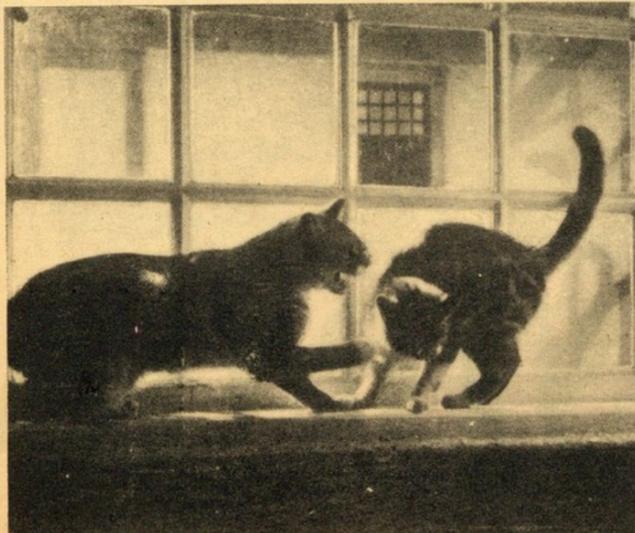
E, no fim, o marinheiro que é alfaiate, e o alfaiate que seria bom marinheiro, o motorista que é ourives e o ourives que foi para pedreiro, o pintor de portões que deu em pintor de arte e este que não pôde ir além de obscuro escrevinhador ao canto duma redacção, o engenheiro que não tem engenho, o médico que é um doente e o doente com queda para médico, o sapateiro que é actor e o actor que seria um bom caveiro de loja de modas, o novelista que é crítico e o crítico que gostava de saber fazer novelas — tudo isso, todos esses «desencontros» não lembram acaso a multidão confusa da Balza a certas horas vivas do dia? Tal soma de «desencontros» não será irmã do «encontrão»?

Que diferença profunda haverá realmente entre o trânsito do Chiado e o trânsito da vida?

JOÃO AMARAL JUNIOR

## Arrufos de ocasião...

(Foto Virgílio de Oliveira Menço)



**C**ERTAMENTE, já repararam. Lá para o cimo da Avenida, por entre canteiros de flores, ergue-se aquela estátua bonita. Sabeis o que ela representa, não é verdade? É uma justa e sincera homenagem prestada a Manuel Pinheiro Chagas, o inesquecível romancista da «Morgadinha de Valflor».

Foi em 1908 que se resolveu prestar esse tributo de homenagem. A ideia partiu de José de Melo, nessa altura director da «Mala da Europa». José de Melo tinha muitas e gratas recordações de Pinheiro Chagas. Da íntima solidariedade de ambos nascera a fundação do «Correio da Manhã», no coração do Chiado.

Por isso mesmo, José de Melo era o primeiro a lembrar-se do companheiro e amigo que tão grande destaque alcançara na literatura portuguesa com tanto brilho e maleabilidade.

E assim, nas próprias colunas da «Mala da Europa», nasceu a subscrição que havia de tornar realidade o sonho dum monumento de consagração ao talento e ao carácter de Manuel Pinheiro Chagas.

Costa Mota, tio, foi o feliz executor dessa estátua. E ela, desde 1908, ali ficou, em plena Avenida da Liberdade, a testemunhar aos vindouros o preito da homenagem sincera àquela que fôra um dos mais árduos e dos mais felizes trabalhadores das letras nacionais.

De facto, logo que se estreou como escritor, em 1863, com 21 anos de idade, colaborando na «Gazeta de Portugal», Pinheiro Chagas revelou imediatamente os privilegiados dotes da sua imaginação.

E, também, a partir do início da sua carreira literária, Pinheiro Chagas viu o seu nome ligado às polémicas de então.

O «Anjo do Lar», o segundo volume publicado por Manuel Pinheiro Chagas, apareceu acompanhado por uma carta de Castilho, dirigida ao editor António Maria Pereira e intitulada «Crítica Literária». Nessa missiva, Castilho censurava agressivamente o modo de pensar e de escrever de alguns jovens autores que frequentavam então a Universidade de Coimbra. Daí nasceu apenas a célebre «Questão coimbrã», que tão larga repercussão e tão grande influência havia de ter nos meios literários portugueses.

Mas falar de Pinheiro Chagas é falar duma época. Ele não foi somente o literato culto e consciencioso. Foi também orador elegante, de palavras quentes e dominadoras e brilhous, bastas vezes, na tribuna parlamentar, onde a sua voz era sempre escutada com fervoroso interesse.

Em 1888, sucedeu um trágico episódio na sua vida: Pinheiro Chagas fizera certas apreciações, duras e insistentes, sobre Luiza Miguel, a «famosa virgem vermelha» dos socialistas. E,

## AQUELA ESTÁTUA DA AVENIDA...

por causa disso, foi vítima duma brutal e traiçoeira agressão que o deixou, bastante tempo, entre a vida e a morte.

Afinal, os médicos conseguiram salvar-lhe o corpo. Mas o corpo apenas. Porque o espírito, esse, ficou sempre a viver, desde aí, numa nuvem pueril de irrealdade. Não mais voltou a adquirir a vivacidade antiga, a boa alegria, os malabarismos audaciosos de imaginação...

Gémeo de Camilo na tarefa sobre-humana de produzir uma obra para ganhar o pão de cada dia — pão que ele dividia ainda entre a esposa e sete filhos — Pinheiro Chagas foi sempre um escritor de trabalhos forçados. Castilho definiu-o bem, proclamando alto: «Este escritor é obrigado a frigar todos os dias os miolos para dar de almoçar à família.» Os seus livros são imensos. Alguns não saem da memória do povo... «Tristeza à beira-mar»... «As duas flores de sangue»... «A manilha de Beatriz»... «A Morgadinha de Valflor»... Outros, porém, andam mais esquecidos. Já Mendes dos Remedios alvitrou, e com razão, que se devia fazer a publicação integral das suas obras, que são sempre uma lição para todos os que amam a língua portuguesa, que poucos como ele escreveram com tanto brilho e maleabilidade.

Mas quem passa na Avenida e olha aquela estátua bonita, no meio dos canteiros de flores, não pode adivinhar nem de longe a história romântica e agitada de Manuel Pinheiro Chagas...

## CINCO MINUTOS DE REPORTAGEM

# Quando Lisboa tem sede...

**N**ÃO sei se conhecem aquelas velhas toadas que enchiam as nossas ruas, cantando «Ai água... Ai água...».

Eram os negros aguadeiros, os moços da água — e eles marcaram uma tradição na vida da nossa capital.

Hoje, essa tradição quasi não existe. Perdeu-se no perpassar dos tempos. Dela, ficou apenas uma vaga recordação, muito vaga, muito vaga.

Agora, somente alguns velhos e algumas velhas percorrem as ruas dos bairros afastados, vendendo a sua água, para conseguirem amearhar uns tostões que lhes dê para comer.

Mas Lisboa teve e tem, na verdade, muitas fontes para matar a sede.

Aí estão os antigos chafarizes, o de S. Paulo, o da Bica, o do Rato — e cada um deles tem a sua história, rica de pitoresco e de imaginação.

Conta-se a lenda tão popular em que Tântalo sofreu um dos piores e dos mais cruéis suplícios que a história regista.

Tântalo era o soberano da Lytia. Um dia recebeu a visita dos Deuses. Preparou uma festa sumptuosa. Flores, grinaldas e música. Mulheres belas e frutos apetitosos.

Mas, no meio da festa, mandou servir à refeição os membros do seu próprio filho Pelops, para verificar a sua divindade.

Os Deuses indignaram-se. Parecia quasi

## ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Desta vez temos uma série de cartas, nada menos do que trinta e uma, e todas de Lisboa, lamentando-se do mesmo mal: a renda impossível que as casas atingem no dia de hoje e que — o que é muito pior — não parece com tendência a diminuir ou estabilizar, mas, ao contrário, a aumentar cada vez mais.

Não publicamos nenhuma destas trinta e uma cartas que fomos recebendo desde há dois meses para cá, porque não queremos dar a preferência a nenhuma delas e publicá-las todas seria repetir trinta e uma vezes o mesmo tema — o que não seria exaustivo dada a importância que este problema atingiu para as classes lisboetas que não se podem dar à excentricidade de gastar todo o ordenado apenas no pagamento de uma casa para habitar.

São trinta e uma vozes que vêm juntar-se ao coro geral, dizendo, gritando, que isto não pode ser, que se devem tomar providências para pôr ponto final neste estado de coisas que dia para dia se torna mais lamentável.

Não sabemos as medidas que foram tomadas. Mas ousamos crer que este problema de transcendente importância está a ser devidamente estudado e em via de solução.

Não sei se já tiveram a pouca sorte de necessitarem de tirar esta coisa que se chama bilhete de identidade. Se não tiveram, felicito-os de todo o coração. Eu, por mim, perdi todo um dia nesse asarão abjecto, quasi a ruir de velho, à espera que chegasse a minha vez de

ser atendida. Vamos nós saltitando de cadeira em cadeira, à espera de nos aproximarmos do almejado «guichet». E nisto se gasta, como eu gastei, cerca de cinco horas. Não é formidável? E tudo porquê? Porque os «guichets» são poucos (um apenas, veja-se!) Não seria simpático que houvesse maior respeito e atenção pelo público? Porque não abrem mais «guichets»? Porque falta pessoal, é a resposta. Mas que culpa temos nós que falte pessoal? O que eu não quero — nem posso compreender — é perder cinco horas numa repartição em virtude da má organização ou deficiência, dos respectivos serviços. Será assim ou não?...

GILBERTA DE SOUSA

Uma pergunta apenas, para não roubar muito espaço: disseram-me que já tinham acabado os contratadores? Será verdade?...

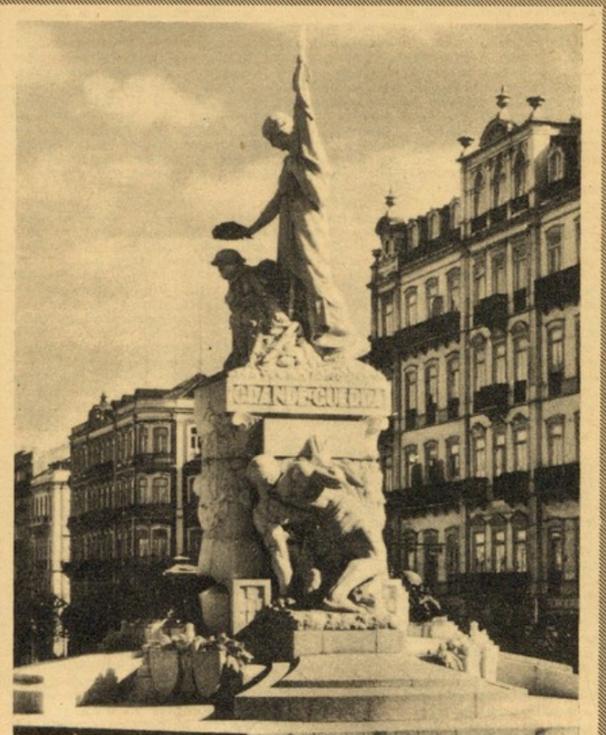
A. RODRIGUES

Toda a gente fala dos condutores dos carros eléctricos: que são indelicados, que não sabem calar-se. De facto, em regra, é assim. O passageiro diz-lhes uma coisa e eles respondem com meia dúzia. Mas, pergunta-se: estará certo que os passageiros passem a vida a ser grosseiros com os condutores? Às vezes, francamente, dá-me vontade de intervir: ficam muito aborrecidos se lhes pedem para comprar bilhete, se o condutor pergunta se já estão servidos respondem com uma grosseria — «come queijo» «bebes demais» ou «outra vez? Veja lá»...

Ouvi dizer que há escola de delicadeza na Carris. Cá fora, parece que ela também faz falta, porque o nosso público é insociável, pouco cordeal — para não dizer... mal educado. E contra esse seu mau estado de conservação, não há delicadeza de condutores que resista!

JOSÉ MARIA CAMPOS — Rua Palmira, 12.

## Lisboa, a velha Ulissea...



**L**ISBOA, a velha cidade de Ulisses, não tem monumentos. Os cataclismos, as guerras da fundação, o mau gosto e o mau costume, de não fazer hoje o que pode ficar para amanhã, não lhe deram grandes e vetustos monumentos. O que temos é quasi tudo do século passado — coisas de mau gosto róbico, coisas a que o humorismo nacional — e nisso somos fortes construtores... — assinalou para sempre. No entanto, as grandes estátuas, os arcos triunfais — e não nos faltam razões para os erguermos — não custam os olhos da cara. Temos um Grupo de Amigos de Lisboa. Porque não há-de ele promover, por meio de subscrição pública, um grande monumento a Ulisses ou o Arco do Triunfo, ao cimo da Avenida da Liberdade? A colónia portuguesa do Brasil já uma vez pensou em mandar erguer esse arco que dominaria a cidade até ao mar — no dia em que o mar se visse para lá do Rossio...

Por que havemos de ficar em visitas a monumentos? Por que não havemos de ser amigos da cidade — presenteando-a?

## Cortejo de figuras

**N**A última semana, à mingua de notícias impressionantes capazes de alterar o ritmo e o sentido das operações, não faltaram, entretanto, alguns factos para anotar, todos de política interna de vários países, mas cada um deles com significado bastante para interessar a própria marcha da guerra. De resto, a guerra é apenas um aspecto da política — a expressão mais violenta de todos os conflitos.

Os factos que se recolhem para registro são todos da mesma estirpe. Nos Estados Unidos, a convenção do Partido Republicano deixou de ter que considerar o nome de Wendell Willkie como candidato à sucessão de Roosevelt. Fica o fogueiro Thomas Dewey como candidato mais representativo da oposição. Mas irá Roosevelt fazer embarcar Willkie na barca dos democráticos e fazer do opositor derrotado um colaborador precioso de primeira fila? A verdade é que o republicano Willkie tem estado mais próximo da política do democrático Roosevelt do que muitos membros do partido deste último. E Roosevelt, finalmente, teria desmentido, para o «terno» futuro, quem pudesse desempenhar as funções de seu dilecto «delfim»...

Na Itália — bipartida — a parte que está colaborando com as Nações Unidas mantém-se em pé de discussão. Badoglio — o velho marechal, como Pétain em França — tem de empenhar nas suas mãos débeis o fardo da derrota. Ele é o fiador aceite pelos anglo-americanos e reconhecido por Moscovo. Mas prossegue a contenda entre os que querem que Vitor Manuel se mantenha e os que persistem na sua convicção de que não podem colaborar com o homem que durante vinte anos se deixou conduzir pelo fascismo. Disse-se que estava assente haver mudança de governo após a conquista de Roma, mas Benedito Croce pôde já anunciar que, nessa altura, o próprio Vitor Manuel se retirará. Não será ainda uma abdicação definitiva mas um apagamento temporário, até que a Itália reconstituída possa estar em condições, pelo processo político que figura no programa dos Aliados, de escolher o regime que lhe convém. Até lá, segundo a declaração que Croce atribue ao monarca, ficará o príncipe Humberto com o encargo de velar pelos direitos da Casa de Saboia. É uma plataforma. Poderá ela suscitar a aprovação dos descontentes?

Na França de Argel, o general De Gaulle e os que ele representa ganharam mais um «round» da luta de predominio que se tem travado desde o desembarque americano. De Gaulle e Giraud — eliminado Darlan, que foi quem «deu a mão» — eram os dois vultos de maior destaque, cada um deles polarizando uma corrente. De que dos tinham poderosa representação ficou a prova no regime instituído após o estabelecimento da Comissão Nacional de Libertação. Ambos faziam parte dessa comissão, cada um deles seria alternadamente presidente. Por sucessivos lances, Giraud tem sido eliminado do poder. A última fase assinalou-se por De Gaulle ter assumido a direcção suprema do exército francês combatente. Para além das consequências militares, até onde irão as consequências políticas? A França dará a sua palavra. E não é sem ansiedade que essa palavra se espera. Se o mundo continuar a escutar a Europa, a Europa continuará a escutar a França.

Passa Willkie, passa Vitor Manuel, passa Giraud. Como passam? Em passo transitório ou irremediável? Tudo vai rápido e imprevisto para que possam fazer-se suposições, mas, já que se fala dos que, ao menos por momentos, se deixam apagar na sombra dos bastidores, vem a propósito referir também a insistência com que, durante 15 dias, se falou na próxima saída de Anthony Eden da direcção da política externa britânica. Tal hipótese coincidiu com uma fase manifestamente crítica da evolução dos problemas diplomáticos comuns às Nações Unidas. Churchill, realista por temperamento e raciocínio, entendeu que devia levar a Inglaterra a atitudes e compromissos em harmonia com a repartição actual do esforço para a vitória comum. Eden é, evidentemente, um colaborador classificado — mas também ele, pelos seus antecedentes bem conhecidos, tinha que ser considerado como agente classificado dessa mesma política. Os boatos da sua demissão — atenuada que fosse pela alegação de muito trabalho e necessidade de mais se apegar à tarefa de falar nos Comuns em nome do Governo — tinham manifestamente o significado de proibir das esferas onde se não leva cem por cento a bem a tendência preconizada por Churchill. Mas Churchill, de momento, é intangível: o homem que elevou a Inglaterra da beira da derrota às perspectivas actuais. E Eden tem o seu activo de atitudes e opiniões — a que 1939 deu uma dolorosa confirmação. Um e outro não são figuras que passem. Quando Eden, durante a crise da Abissínia, se separou de Chamberlain e cedeu o passo a Halifax para que este realizasse a política «de apaziguamento» de que o extinto Neville se fizera convicto arauto, o «Times», dentro da sua circunspeção proverbial, disse que estava no homem que ostensivamente se afastava do poder a figura com que havia de se contar para o futuro...

J. R. S.

## ALEMANHA

### Um tanque de chapas de ferro onduladas

Eis uma nova espécie de blindagem. E em aço ondulado e é usada na construção do tanque alemão que apresentamos na foto, transmitida pela rádio de Estocolmo para Londres. Como se vê, o general Heinz Guderian — o segundo a contar da direita — está a inspecionar o aparelho que, segundo a opinião dos técnicos germânicos, não será perfurado pelas bombas, por causa da sua superfície ondulada.



## INGLATERRA

### O ARCEBISPO DE WESTMINSTER E A SUA OBRA SOCIAL

**T**ODOS se recordam que, por morte do cardinal Hinsley, em Março do ano passado, os católicos Ingleses se perguntaram quem seria o seu sucessor no arcebispado de Westminster. Depois, todos ficaram satisfeitos: o escolhido foi o Dr. Bernard Griffin, bispo de Abya e coadjutor do bispo de Birmingham. E a escolha deu satisfação ao mundo católico britânico, porque o novo arcebispo de Westminster é uma figura destacada da sociedade inglesa, pela acção social que vem desenvolvendo. Muitas vezes defendeu o plano Beveridge, instando sempre porque as igrejas da Grã-Bretanha colaborassem, cada vez mais, no sentido de se criar um melhor nível social. Como o seu predecessor, o arcebispo de Westminster é de origem humilde — o pai vendia bicicletas em Birmingham, onde, de resto, o dr. Bernard Griffin exerceu a maior parte do seu apostolado.

Entre as muitas outras altas funções desempenhadas pelo ilustre eclesiástico, salienta-se a de director de uma importante instituição de amparo à infância, denominada «Father Hudson's Homes», de Coleshill, perto de Birmingham, para educação de crianças — desde os bebés mal acordados para o mundo, até aos adolescentes de 15 e 16 anos.

Durante a última guerra, quando tinha apenas 18 anos, alistou-se na aviação da marinha, como fotógrafo. E ainda hoje, sempre que fala desse tempo, já um tanto longínquo e afinal tão próximo, o arcebispo de Westminster costuma dizer, sorrindo:

— Não passel nunca de uma aprendizagem de segunda classe... Nem sequer ganhei um galão!...

Na guerra actual, serviu na D.C.A. durante os grandes «raids» sobre os bairros de Londres. Depois da destruição de Coventry, foi um dos primeiros a lá chegar para prestar

assistência moral, material e religiosa aos sinistrados.

Por isso os católicos e os não católicos receberam com alegria a notícia da sua nomeação para arcebispo de Westminster — um lugar que só muito poucos merecerão ocupar...

## BÉLGICA

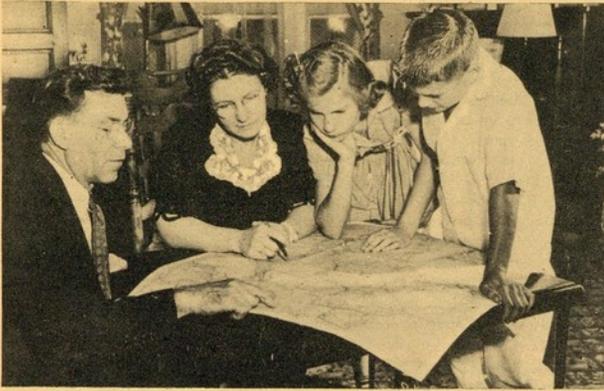
### PESCADOR DA BARCA BELA...

«Pescador da barca bela... onde vais pescar com ela, oh! pescador?..»

E as velas fizeram-se ao vento, e os barcos, como galvoas espavoridas, fugiram ao invasor e foram da Bélgica para a Grã-Bretanha, vai já para quatro anos...

Agora, formam uma colónia de pescadores e esperam, impacientes de asas batendo ao vento, que a tempestade passe e de novo possam atravessar o mar e recolher as rédes na Bélgica distante. Entretanto, vão-se dedicando ao seu trabalho, contribuem, como podem, para que aos soldados das nações aliadas não falte o peixe de cada dia. Mas o tempo custa-lhes tanto a passar que parece não mais chegar o dia de mostrar aos filhos pequeninos — sessenta belgas não conhecem a Bélgica, porque nasceram em Inglaterra — a pátria ausente.

Em qualquer parte da Grã-Bretanha eles pescam, portanto, com os olhos postos nos areais da Bélgica, enquanto as raparigas da colónia tecem as rédes ou trabalham nos armazéns frigoríficos. E porque os rapazes vão para a escola de pescadores belgas, só à noite, à roda do fogão, a família se reúne, para sonhar e sentir a mesma saudade pungente e a mesma esperança sólida de regresso.



## ESTADOS UNIDOS

# O HOMEM QUE INVENTOU A ESPINGARDA...

**E**RA uma vez um senhor chamado John Garand. Tinha nascido numa herdade, entre prados floridos e águas romurejantes de uma aldeia do Canadá — S. Remi, pequenina e encrustada na terra como um presépio de brinquedo.

O menino criara-se sem preocupações de maior, provavelmente distraído dos livros e correndo atrás das borboletas, quando ia para a escola de sacola ao ombro. Eram lindos os campos, eram lindas as flores — e John gostava imenso de se ficar pelas quebradas dos caminhos a brincar com os pardais — se é que no Canadá há pardais... — ou com os companheiros a quem fazia guerra. Era esperto e «engenhocas» o menino. Por isso, então como hoje, surpreendia quantos com ele lidavam.

Onde fôra aprender tantos princípios físicos, tanta coisa de engenharia!

O certo é que todos os dias tinha para «vencer» o «inimigo» uma nova arma, uma nova peça de artilharia. Naturalmente que, com o tempo e as necessidades de vida, ele que fora trabalhar para Montreal — 20 milhas para lá da sua aldeia — fêz-se mecânico, estudou e foi técnico de engenharia. Subiu, criou prestígio consolidado no seu real talento e hoje é o principal desenhador do arsenal do governo dos

Estados Unidos em Springfield—Massachusetts. Há 19 anos que, de resto, ocupa êsse cargo de responsabilidade

— o que, no entanto, lhe não garantiu as honras dêste artigo. Porque o verdadeiro mérito de Garand está nou-

tra razão mais forte: é o autor das célebres espingardas automáticas M-1, calibre 3.°, John C. Garand. Os americanos atribuem-lhe parte dos êxitos alcançados em 4 anos de guerra, porque as novas — ou velhas... — armas são de uma eficiência notável, nas mãos dos soldados de infantaria, onde quer que hoje se encontrem exércitos aliados. E, de tal modo, que o general Mac Arthur — vá lá, sem réclame... — comandante supremo das forças aliadas no sudoeste do Pacífico, já elogiou publicamente o seu autor, que classificou a M-1 de inextinguível em combate.

Garand, de resto, não construiu só a espingarda que tem o seu nome: tem mais duas espingardas metralhadoras, uma espingarda «semi-automática» — e vinte pelo menos, das muitas máquinas empregadas no arsenal para fabricação destas espingardas, são também invento seu.

Garand naturalizou-se americano em 1914 e, caso curioso, êste descendente de *la douce France*, que se chamava docemente Jean — passou a chamar-se John.

Depois casou-se, montou uma casinha e assim vive, como se vê nas fotos que encimam esta crônica, rodeado do trabalho, da simplicidade e do conforto, porque tudo isso reflecte o seu lar nos arredores de Springfield...

## ITALIA DE GAULLE ESTEVE EM ITALIA

**F**AZ hoje um mês que De Gaulle esteve em Itália, mesmo na frente de batalha. Num dia, o presidente do Comité dos Franceses Livres não podia ter visto melhor — nem mais compatriotas. Foi aos hospitais e aos cemitérios, soube dos vencedores e dos vencidos. Através da neve — todo o sul de Itália veste ainda de branco — os seus passos decididos ficaram assinalados e ouviram, com êle, os ouvidos dos campos desolados, quanto lhe disseram os chefes das unidades que ocupam posições mais importantes e difíceis. Falaram dos problemas resolvidos e dos que estão para resolver, numa linguagem franca e clara, solicitada por De Gaulle que não fêz uma visita simbólica à Itália — mas de uma visita de contactos efectivos, mesmo com os generais Clark e Alexander. Na realidade, De Gaulle quis certificar-se de todas as verdades relativas a esta lenta e dura campanha, em que o Corpo Expedicionário francês tanto sangue tem vertido. Ainda assim, a acalmia que reina presentemente, pôde proporcionar-lhe o conhecimento directo com muitos dos heróis apresentados pelo general Juin, que tomaram parte na travessia do pantano às margens de Terolite. E De Gaulle, perante os factos, pôde afirmar:

«O corpo expedicionário está em vias de poder demonstrar ao mundo que o exército francês ressuscitado das suas amarguras, é digno das suas mais gloriosas tradições — as tradições do «primeiro exército do mundo».

Prosseguindo, nas suas afirmações às tropas, o general De Gaulle disse ainda:

«O exército francês, cujo Corpo Expedicionário representa, actualmente, as forças combatentes, marcha em passos seguros para a vitória, quer dizer, para a única coisa que conta». Todas as armas e todos os Serviços do Corpo Expedicionário «satisfazem» o verdadeiro Governo da França e a própria França sem desfalecimento lhe obedecem.

A tarde, quando regressou ao Norte de África, De Gaulle confessou aos jornalistas: — Sintoc — satisfeito. E tudo e o melhor que posso dizer...





## UM VETERANO DO TEATRO

**C**ONTA-SE que um dia um amigo encontrou Gervásio Lobato que caminhava, apressadamente, em direção ao «Martinho».  
— Para onde vais com tanta pressa? — perguntou-lhe.  
— Vou ali ao «Martinho» combinar com o João da Câmara a perpetração dum crime... — respondeu Gervásio.

— Dum crime?  
— É como te digo: vou desafiá-lo para fazer uma peça! Pois também eu, várias vezes, me tenho lembrado de avançar para Xavier de Magalhães com intuito de perpetrar com ele um crime idêntico; e se ainda não o fiz tem sido rigorosamente, apesar de tudo, porque me falta a coragem de meter em apuros um homem tão simples, tão bonacheirão, tão pachorrento de carnes, tão abade de Alcobaça, tão onze mil virgens — não obstante ele já ser autor de 315.678 peças. Eu não sei se fazer teatro em Portugal equivale, de facto, a cometer um crime, no pitoresco dizer de Gervásio Lobato; mas, se assim é, Xavier de Magalhães nasceu... criminoso nato. Entretanto o público, que é o grande juiz, tem-o absolvido quasi sempre — absolvido e até aplaudido — e se não tem ficado sempre quite com a Justiça de Talma é porque não há autor muito representado que se gabe de não ter — uma pena maior ou menor no seu certificado de registo teatral... O próprio São Francisco de Assis, se fizesse peças, teria entrado na Academia; não teria, porém, entrado no céu!

## A maneira de Silva Bastos

Rua do Ouro, rua das meninas,  
Rua eterna... Tradição e brio.  
Há D. Juans parados nas esquisas,  
Olhando vagamente p'ró Rossio...

Passam vultos, airosos, pela rua,  
São mulheres de ríços e graúdos,  
E eu noto que a beleza é tóda nua  
Hesmo envolta em peles e veludos.

No Tejo, ao fundo, todo aberto à vida,  
Os barcos lembram pequeninas ilhas,  
E, através da água adormecida,  
Adivinham-se os sábios, em Cacilhas.

Venham dos longes ver como Lisboa  
É viçosa, bonita, cresce e alastra,  
A rua do Ouro lembra a Madragôa  
Vestida à Luiz XV — mas com canastra...

## A realidade e a imaginação

**U**M amigo meu dizia-me ontem:  
— As coisas que nós nunca vimos são aquelas que verdadeiramente admiramos!

Há nesta opinião um grande fundo de verdade. De facto, a realidade reduz os vãos da nossa imaginação criadora. Sonhar é melhor do que ver. Júlio Brandão conta a este respeito um episódio, que não deixa de conter a sua filosofia pitoresca.

Um dia, em casa de Ramalho Ortigão, — creio que foi em casa de Ramalho Ortigão, que isto se passou — houve um jantar a que assistiram vários componentes do célebre grupo *Vencidos-da-Vida*, entre eles Eça de Queiroz. Ao autor dos *Maias* coubera a presidência literária do banquete. Conversou-se. Esfusiaram anedotas. Um maravilhoso prato de carne seca com feijão preto, cozinhado à maneira do Brasil, acompanhado de gomos de laranja, causou sensação.

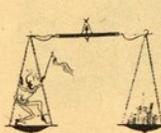
— Isto é um verdadeiro monumento! — exclamou, com entusiasmo, um dos convivas.

Logo a propósito de monumento, se falou dum artigo recente de Eça de Queiroz acerca do mosteiro da Batalha. António Cândido, com a sua admirável eloquência, fez um caloroso elogio desse artigo, que considerava uma obra prima. Então um dos presentes permitiu-se perguntar a Eça de Queiroz, se ele quando estivera em Leiria, visitava com frequência aquêlê mosteiro pois só tendo-o visitado, muitas vezes, teria sido possível descrever, com tanta beleza a maravilha de pedra que ele é. Eça sorriu à pergunta, deixou cair intencionalmente o monóculo, e numa vaga atitude de surpresa e de ironia, murmurou ante o justificado espanto de tóda a gente...

— Eu nunca vi a Batalha...

Fôra, só por si, a imaginação que erguera no espírito de romancista aquêlê monumento, porventura com mais beleza do que aquela que lhe daria a realidade, se ele o tivesse visto. É natural que se trate apenas duma anedota, — mas há anedotas que valem tratados de filosofia!

## DUALIDADE DAS ESTÁTUAS



No Canadá faleceu, há pouco, um homem — Stephen Leacock — que aliou em si duas coisas que pareciam incompatíveis: o humorismo e a Economia.

Na verdade, Leacock não foi apenas um grande economista: foi também um grande humorista. Os seus livros humorísticos tornaram-se tão célebres como os seus estudos económicos. Em qualquer dos ramos foi um mestre. Simplesmente se não sabe ainda bem se ele era mais economista quando fazia humorista, se mais humorista quando pontificava sobre economia.



Aquelas quatro estátuas que povoavam o cimo da Avenida da Liberdade foram recentemente transportadas para Queluz, acompanhando D. Maria I, de que eram, por assim dizer as aias. A propósito dessas quatro estátuas, há uma anedota que vale a pena contar.

Um dia, na Avenida, um petiz, curioso como todos os petizes, perguntou ao pai o que representavam aquelas quatro estátuas. O pai que não era forte nem história, nem em geografia, mas que não queria ficar mal perante o filho, não hesitou:

— Estas quatro «estátuas» representam as cinco partes do mundo: Grécia, Pérsia, Etiópia e Neptuno...

## IDÉIAS GERAIS



Conta o biógrafo do Conde d'Abra-nhos que, uma vez, na Câmara dos Deputados, o conde falando de Moçambique considerou esta nossa possessão na Costa Ocidental.

— Moçambique é na costa oriental, Senhor Ministro da Marinha! — gritaram-lhe, com furor, alguns deputados mais miudamente instruídos.

— Que fique na costa ocidental ou oriental nada tira a que seja verdadeira a doutrina que estabeleço. Os regulamentos não mudam com as latitudes — respondeu genialmente Abra-nhos.

O conde tinha razão: só as idéias gerais são dignas dos grandes espíritos subalternos se preocupam com a análise microscópica de certos detalhes práticos.

## MISTÉRIOS



As exposições de Eduarda Lapa constituem sempre, não apenas um acontecimento artístico, mas mundano. A d'êste ano não faltou a regra. No dia da inauguração as salas de Barata Salgueiro assemelhavam-se a um jardim de mulheres — e de flores. Mas, enquanto as mulheres se pintam a si próprias, as flores são pintadas — e neste capítulo, Eduarda Lapa é uma abelha-mestra. E ante tóda aquela revoadã de rosas, malmequeres geraneos, mimosas, goivos, cravos, maravilhas, occorre perguntar:

— Como é que uma lapa pode dar tantas flores?

## Sabe quem foi SILVIO PÉLICO?



A figura, a forma estoica como suportou tão penoso cativo, havia de tornar imortal o nome de Silvio Pélico, já então conhecido pelos seus versos e pelas suas peças de teatro.

Em 1820, como a polícia austríaca suspeitava que Silvio Pélico promovia o separatismo italiano, prendeu-o, condenando-o à morte em 1822.

Influências, grandes pedidos se moveram, a solicitar uma diminuição da pena. A «clemência imperial» do imperador Francisco José comutou para quinze anos, passados na fortaleza e cárcere de Spielberg, o período de reclusão que Silvio Pélico havia de sofrer.

Esta prisão era conhecida como uma das piores do mundo. Para que a solidão dos presos se tornasse ainda mais penosa, as autoridades obrigavam-nos a uma ociosidade desmoralizadora. Não podiam ler, não lhes era permitido receber visitas, nem notícias da família, como também lhes era vedado usar lápis, papel ou caneta.

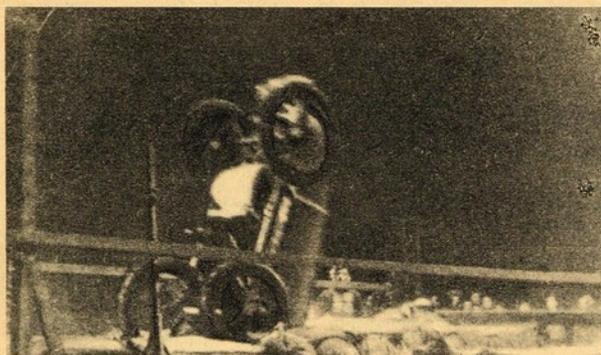
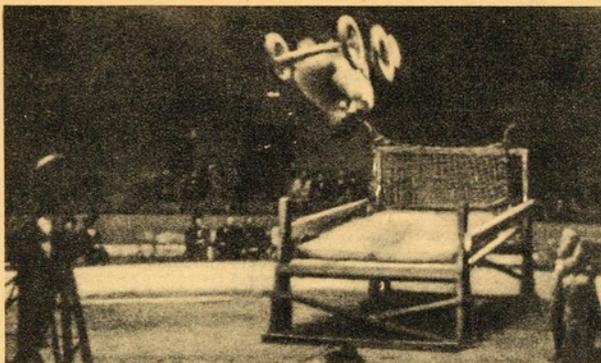
Todavia, foi em Spielberg que Silvio Pélico, sem um livro, sem um lápis, sem uma caneta, arranjou maneira de passar o seu cativo, compondo, de memória, uma tragédia que, mais tarde, havia de publicar em livro.

Silvio Pélico, mártir da independência italiana, sofreu pela sua causa, como sofrem todos os lutadores e todos os apóstolos. A prisão foi-lhe extremamente dura. Castigos corporais, ofensas e aquele isolamento que matava dia a dia. Mas tudo, Silvio Pélico suportou com o estoicismo próprio dos grandes homens. Durante os quinze anos de prisão, jamais os seus lábios se abriram, pronunciando uma exclamação, ou uma injúria contra os seus carcereiros.

No seu livro, hoje traduzido em quase todas as línguas do mundo, conta de uma maneira tão trágica, como apoteótica, o que foram os dias passados na solidão do cárcere.

Dêle escreveu M. de la Tour: «sepultado dez anos nos «piombi» de Veneza e nas masmorras de Spielberg, um homem descreveu os seus sofrimentos sem deixar escapar dos lábios o menor murmúrio contra os juizes que o retiveram prêsos tantos anos»...

Silvio Pélico foi um apóstolo do bem, da verdade e da independência. O seu nome perdurará nas brumas do tempo...



## O SALTO DA MORTE

ÉIS o número mais sensacional do circo de Paris. Todas as noites, perante público numerosíssimo, os irmãos Desprez executam o salto da morte. Instalados num pequeno automóvel, descem a toda a velocidade, por uma prancha colocada na cúpula, descrevem um «looping» e vão cair — quando caem — num pequeno colchão pôsto ao meio da pista...

## UMA EXPERIÊNCIA ORIGINAL

UMA experiência tão bem sucedida como original, foi empreendida recentemente por um conhecido jornalista de Nova York que foi postar-se numa movimentada esquina, no turbilhão da grande metrópole americana, oferecendo à venda umas caixas de fósforos. Vestia umas calças muito rötas, calçava sapatos brancos, mas enegrecidos pela imundície, um lenço multicolor atado ao pescoço, um casaco coçado, chelo de lustro, e um boné de «apache» sobre a cabeça de cabelos revoltos e uma barba selvagem por fazer. Mas ninguém dava ouvidos ao pobre-diabo que supplicava aos transeúntes que se comessem dele e adquirissem uma caixinha de fósforos. As mulheres passavam com o nariz no ar; os homens fingiam ignorá-lo.

O jornalista permaneceu, durante duas horas, nesse disfarce, na esquina. O resultado da sua «mendicância» foi miserável... Tinha obtido uns escassos 19 céntimos, a maior parte dada por estrangeiros.

No dia imediato, o mesmo jornalista voltou à mesma esquina. Tal como no dia anterior, trazia no braço um cabaz pequeno, com caixas de fósforos. Desta vez, porém, mendigava como «gentleman». Envergava um fato elegante de desportista, uma gravata moderna, uma camisa limpinha, e um chapéu elegante. Declarava aos transeúntes que, transitariamente, se via em apêrto, e pedia para que o ajudassem. O resultado da sua experiência lança uma luz significativa sobre a verdade da afirmação de que «contra «fatos» não há argumentos» — mesmo quando se vai mendigar. Nas mesmas duas horas em que o jornalista, mascarado em mendigo elegante, estendia a mão aos transeúntes, colheu dez vezes mais a quantia que obtivera no primeiro dia, no seu traje andrajoso. E foram principalmente as mulheres que mostraram a sua compaixão para com o mendigo, com ar de cavalheiro. De certo, esta história é tipicamente americana. Mas, ousamos perguntar: Não terá ela um sentido humano e mais profundo?

## Sabe responder?

- 1—Quem inventou a primeira máquina a vapor?
- 2—Porque foi célebre Nobel?
- 3—Quem esculpiu «O Desterrado»?
- 4—Qual foi o primeiro produto sintético a ser descoberto?
- 5—A que livro pertence o «Conselheiro Acácio»?
- 6—Quem foi o criador dos desenhos animados?

(Respostas na pag. 28)

## AH, SE AS MULHERES CRUZASSEM OS BRAÇOS!...

HA quem leve dias inteiros a falar mal das mulheres. Que, na verdade, elas têm coisas que não são mesmo nada simpáticas...

Mas já pensaram no que aconteceria ao mundo se elas cruzassem os braços? Foi esta a pergunta que fez, há tempos, na América, a senhora Williams, conhecida feminista. Pelo menos, disse ela, ficariam paralizadas as centrais telefónicas de todas as cidades, vilas e aldeias da América, que empregam cerca de meio milhão de mulheres. Na indústria fabril aconteceria o mesmo, dado que, nesta profissão, trabalham um milhão e oitocentas mil mulheres. E o que dizer nos trabalhos de escritório, etc., etc.?

Num caso de greve geral feminina, os homens encontrar-se-iam a braços com dificuldades invencíveis.

Que fariam eles? Quem lhes faria a comida, quem educaria os seus filhos? A maior percentagem de professores primários é do sexo feminino. As escolas, portanto, fechariam, como fechariam quasi todas as casas comerciais. Os hospitais não teriam enfermeiras. A senhora Williams acabou assim o seu discurso: «No dia em que as mulheres cruzarem os braços, os homens perceberão a grande, a insubstituível falta que elas fazem, e que não passam de palavreado vão, dizer-se que as mulheres roubam trabalho ao homem. A verdade é que elas trabalham precisamente onde são precisas!».

O que diz o leitor a isto?...

## Outro fenómeno

NUM dos últimos números publicámos a fotografia do maior músico do mundo, um alemão tocador de baixo. Antes, já havíamos dado publicidade ao americano Robert Wadlow, esse então, o maior do mundo sob todos os aspectos.

Agora, cabe a vez à senhora Zinatti, que é, ou era, sabe-se lá, a mais corpulenta mulher que vivia na Itália.

Aqui a vemos jogando com uma bola de ferro que é tripla das habituais usadas neste jogo. Madame Zinatti é solteira — e, segundo ela diz — «os homens não têm interesse de espécie alguma».

Porquê, ousamos perguntar?...





## UM PLANADOR GIGANTE onde cabem 130 soldados equipados

Os aviões militares de transporte dos países beligerantes têm frequentemente desempenhado um papel importante nas lutas em curso. Destaques, porém, desta vez, os transportes alemães sobre o Mediterrâneo, principalmente nos casos que se referem à evacuação da Sardenha e da Córsega, em que pela primeira vez surgiu um novo grande avião de transportes — o planador de carga «Gigante» M. 323, que é uma criação do Prof. Messerschmitt.

Até há pouco, os planadores de transporte empregados na Alemanha, do mesmo modo que os outros empregados em Inglaterra e nos Estados Unidos, durante os primeiros anos da guerra — os alemães dizem que estes países se inspiraram em modelos seus — serviam apenas para o transporte de pequenas cargas. Dada a extraordinária utilidade do emprego de planadores de transporte, o Prof. Messerschmitt começou a trabalhar na construção de um avião cujo tamanho e capacidade de transporte ultrapassasse tudo o que até então se conhecia. A tarefa a levar a cabo tinha, até, em vista, transportar no novo avião armas pesadas, desde os tanques de artilharia às grandes metralhadoras.

Pois bem: o planador «Gigante», criado dentro desse ponto de vista, pode dizer-se que é hoje a realização dos mais audaciosos projectos. É o maior avião terrestre conhecido e os números que a seguir publicamos são suficientes para ilustrar quanto de mais audacioso possamos admitir:

Tem 55 metros de envergadura, a superfície das asas mede 300 metros quadrados, e o espaço reservado à carga é de 100 metros cúbicos. E

este espaço é tão grande que vamos passá-lo do domínio abstracto dos números para uma exemplificação concreta: cabe nêle um vagão de caminho de ferro, inteirinho e bem montado. Assim, por exemplo, cabem nêle dois camiões com uma carga de duas toneladas e meia, cada um — ou seja: o equivalente a um canhão da D. C. A. de 8,8 cm.

Por vezes, porém, o «Gigante» é empregado no transporte de tropas. E então, lá cabem 130 soldados inteiramente equipados — ou 52 bidões de carburante com 250 litros cada um.

O «Gigante», porém, não se emprega só no transporte de armas de guerra e homens que querem matar: os serviços sanitários e de enfermagem estão a utilizá-lo com vantagem, conseguindo meter lá dentro, por exemplo, sessenta macas com feridos.

O embarque e o desembarque das mercadorias faz-se pela prôa, que se abre como se fosse uma porta e os veículos entram «por seu pé» — quer dizer, directamente, subindo por uma rampa móvel.

Segundo as melhores informações de que dispomos — aquelas que, porventura, não prejudicam a marcha da guerra — o «Gigante», de asa alta, é construído em madeira e aço. Os motores auxiliares permitem-lhe voar por si próprio, sendo o seu trém de aterragem particularmente interessante, sob o ponto de vista técnico: constituído por um sistema de dez rodas, que vencem todas as dificuldades de terreno, como acontece com o sistema de «lagartas», este planador tem a vantagem de permitir uma aterragem em campos que previamente não tenham sido preparados.

## Recordações de uma governanta indiscreta COMO VIVEU UM GRANDE MAGNATE DA FINANÇA

ONDE estão os «reis» americanos, os grandes magnates do dinheiro?

A guerra submergiu-os no esquecimento, criando até, possivelmente, outras terminologias para quando vier a paz e de novo pularem no universo os oportunistas enriquecidos.

Vamos hoje, porém, falar de um grande milionário, pela pena da sua governante, mademoiselle Carolina Broman: Vanderbilt, um multimilionário norte-americano que todo o mundo conhece. E vamos falar, não do homem de ostentações, não do magnate da finança — mas da sua vida particular, para que muitos saibam que no lar dos ricos a riqueza não abunda...

«Nunca havia um centavo em casa, não obstante só a conta mensal do carnicero levar a bonita quantia de qualquer coisa como nove contos. E isto só no que dizia respeito à carne, porque o peixe e os legumes, por exemplo, iam a 195 contos por mês vindo a propósito, esclarecer que as propriedades de Vanderbilt forneciam todo o ano legumes frescos e delictuosos».

Carolina Broman escrevia assim de Estocolmo, numa modesta casa, depois de ter deixado o serviço de Vanderbilt, em Nova York, e continuava:

«Os pagamentos eram, quasi sempre, efectuados por meio de cheques. Até os ordenados dos empregados».

\*\*\*

Carolina Broman partiu há 50 anos para a América. Tinha, então, 32 anos e ia em busca de fortuna. A fortuna que encontrou, porém, não era sua: pertencia a um magnate do açúcar, onde arranjou trabalho. E de tal modo se impôs que, pouco a pouco foi subindo de posto, até chegar a governante da casa de Mrs. Sheperd Vanderbilt quando esta enviou. A viúva do multimilionário reinava numa casa de 56 compartimentos, 36 criados e 18 cozinheiros. Além da sua casa magnífica em Nova York, possuía uma vivenda sonhadora nas margens do Hudson, onde passava a Primavera e o Outono, porque o Verão era dedicado às viagens e o Inverno a Nova York.

As viagens em «lates» faziam-se para a Europa, onde se procuravam emoções novas, para contar nos saíras de Inverno.

Segundo diz Carolina Broman, 56 divisões não era casa demasiada para os multimilionários nem os criados passavam boa vida, pois numa casa como esta, tudo deve brilhar e alvejar...

Nas caves do casarão enorme, envandarias numerosas que estavam sempre ocupadas num trabalho absorpre ocupadas num trabalho absorpre

vente. Um guardanapo só devia servir uma vez, porque tinha de ser logo lavado, o mesmo acontecendo com as toalhas de mesa e as roupas de vestir. Os cozinheiros eram de preferência escolhidos entre os franceses, por causa da excelência da cozinha francesa, ao passo que o pessoal restante era escolhido entre os ingleses. Quanto aos americanos — eram excluídos por princípio. Durante as refeições, quer houvesse ou não houvesse convidados, estavam sempre presentes cinco chefes de mesa. O primeiro mordomo vestia de branco, ao passo que os outros vestiam libré especial, com calção curto e meias amarelas.

Uma vez em que o multimilionário Carnegie deu um banquete só para homens, Mademoiselle Broman fora autorizada a dar uma olhadela pela mesa, antes de os convidados chegarem. Mas, à entrada da sala, foi detida por cinco detectives que só a deixaram passar, quando apresentou uma autorização por escrito. Então, viu uma mesa carregada de pratos de ouro, de talheres e Jarras do mesmo metal, donde pendiam as mais lindas flores até então vistas!

Tudo tinha um aspecto feérico... E tudo aquilo não era uma sumptuosidade unicamente reservada a Carnegie — mas a muitos outros multimilionários, como Vanderbilt e Rockefeller que, por sua vez, dispunham do mesmo ouro estonteante...

Um dos andares da casa de Vanderbilt dispunha de cerca de 15 quartos de hóspedes, de modo que mesmo os mais inesperados sempre pudessem dispor de aposentos. Um convidado, de resto, não devia contentar-se com um quarto: em regra, ocupava três ou quatro peças, com o respectivo quarto de banho em mármore e canos de água em prata...

O pessoal habitava o andar superior da casa. Enquanto que os senhores, na sua sala de jantar, se deliciavam com autêntico caviar russo, aves raras e champagne, o pessoal, no seu refeitório, comia, pelo menos, «roastbeef» e bebia cidra. Era indispensável, em absoluto, que houvesse, todos os dias, dois «menús» diferentes...

\*\*\*

Resta talvez dar uma explicação final, roubada às memórias de uma governanta indiscreta: o marido do Sr. Sheperd Vanderbilt, ou seja, o sr. William K. Vanderbilt, era o neto do velho Cornéus Vanderbilt, primeiro «rei» dos caminhos de ferro dos Estados Unidos, aquele que promoveu o tráfico naval a vapor entre o Novo e o Velho Mundo...

Que os milhões lhe sejam leves — porque fez ganhar muito ouro a muitos milhões de homens...

Pela bocarra enorme do aparelho, cabe tudo o que possa imaginar-se...



# Quando o Dalai-Lama do Tibet foi entronizado

**A**QUI há tempos, disse-se que uma criança de sete anos havia sido escolhida para novo Dalai-Lama do Tibet, sendo depois entronizado em Lhasa. Este Dalai-Lama é o 14.º de seu nome e gerará-se sendo de notar que, na actual dinastia, com excepção de dois, todos os soberanos morreram muito jovens.

O 5.º foi um homem energético e capaz, o 6.º foi notavelmente inteligente e delicado poeta — mas teve a infelicidade de ser morto pelos chineses que, então, exerciam soberania efectiva no Tibet.

Este rapaz que succede ao falecido Dalai-Lama — morreu a 17 de Dezembro de 1933 — vive em Lhasa, desde 22 de Fevereiro de 1940. A cerimónia que há pouco se realizou é a principal e constitui o empousamento definitivo — quer dizer, a encarnação efectiva do espirito de Dalai-Lama.

Um europeu que assistiu às cerimónias, e que conta as suas impressões num livro curioso, transcritas no «L'Illustré» de Lhasa, diz-nos que numa das extremidades do imenso pátio, uma multidão compacta cercava o eleito, cujo rosto infantil não podia ocultar o terror que aquêle espectáculo lhe produzia. Os gongos ressoavam, as «damaris» agitavam-se, os instrumentos musicais soltavam gritos estridentes, os sinos lançavam apelos agudos e as trompetes de ossos humanos uivavam. A pobre criança eleita, no seu cantinho, chorava...

«O sândalo e o incenso, em volutas espessas, arguem-se acima dos grupos inclinados e formam um nevoeiro que encobre as formas imóveis dos lamas meditativos. Da multidão, uma voz se ergue em recitações rituais. Docemente, o côro acompanha os cânticos e as rezas. Depois, os instrumentos, um de cada vez, começam a sussurrar melodias. E, de repente, um grito delirante, um ulvo ininterrompido a psalmodia...

«Então, de pé, os olhos brilhantes, numa atitude de autoridade absoluta, e de força vitoriosa, a criança que, agora se dirige à multidão estrebuchante; grita na sua vozita infantil:

— Sou eu o Lama Mé Phom Tsonpo, filho espiritual do Lama Khur Pchomg Repa. Ouzi, eu descendo de Vihara, eu vim e entre vós ficarei!

«Numa exaltação selvagem, a criança-deus profetisa. Os traços infantis e recessos desapareceram do seu rosto. Uma energia espiritual, uma experiência mística sazoadada e segura, um conhecimento profundo da doutrina se exprimem através daquela boca de criança. Na sua frente, os Lamas colocam, então, todos os objectos que serviram ao Lama defuncto — desde as almofadas às chávenas de chá. Vê, então, a criança dirigir-se aos objectos sagrados, escolher quatro ou cinco coisas sem mostrar hesitação e éle próprio transporta-as para o throno, dizendo:

— Este é o meu rosário, aqui está a minha chávena de chá, ali o meu «derdjé».

«Há um tom de comando nas suas palavras. A dúvida não é possível: reina ali o mistério, o mistério sombrio e ancestral...»

O Livro do Momento  
**A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA**  
 por RAFAEL MARÇAL  
 vendida em todas as livrarias  
 Uma magnífica edição de  
 «VIDA MUNDIAL»

# Sir Oswald Mosley

chefe do partido fascista inglês

**I**NDE está o «Mussolini inglês»?

Aqui há tempos, os jornais falaram de sir Oswald Mosley, que na Inglaterra chamam o Mussolini inglês. Há muito, porém, que se deixou de falar no inglês mais dilecto amigo do Duce. A sua carreira aventureira como que sofreu um colapso — e, de facto, parece que pelo menos temporariamente, sir Oswald resolveu deixar a política. Como se sabe, e porque o funcionamento do partido fascista de que éle era chefe em Inglaterra, foi considerado ilegal quando começou a guerra, as autoridades militares resolveram interna-lo. Mas, no fim de 1943, foi pôsto em liberdade: sir Oswald estava bastante doente e os ingleses não são nada para rancores. Que se fôsse tratar o chefe do fascismo inglês — porque em Inglaterra não havia fascistas. A ordem de soltura foi-lhe dada, magnanimamente, por Morrison, ministro do Interior — um socialista que era portanto seu inimigo político.

Foi então que sir Oswald resolveu retirar-se da política e regressar aos seus vastos domínios no condado de Oxford — porque é muito rico o «Mussolini inglês»... Numa carta que fez publicar no *Daily Telegraph*, Mosley despedia-se da vida pública e política.

Entretanto, o povo inglês não está muito em acreditar na constância desta decisão. Pelos modos, sir Oswald tem

dado más provas da sua resistência moral...

Façamos um pouco de história, que tem seus quês de imprevisto.

Em 1936, o partido fascista reune-se em Londres. A propaganda faz-se por métodos violentos. Escrevem-se coisas terríveis — e a Grã Bretanha atravessa um dos mais delicados momentos da sua política, intermediária das duas guerras. É no decorrer desse mesmo ano que Mosley reclama a entrega à Alemanha, das suas antigas colónias em África. William Joyce, que é hoje locutor da rádio alemã, escreve então sobre Mosley, depois de Mussolini, é o maior génio do nosso século.

Quem é, porém, e como apareceu este homem que não chegou a arrastar multidões?

Riquíssimo, ilustrado em colégios e universidades, e, ainda por cima, casado com a filha de Lord Curzon, sir Oswald deixou-se tentar pelas especulações políticas. Em 1918, foi deputado por Harrow. Deputado conservador que, em 1922, se passava a independente, porque o partido *tory* não lhe oferecia grandes possibilidades de brilhar. Dois anos mais tarde, vamos encontrá-lo nas fileiras trabalhistas. Ramsay Mac Donald foi-lhe chanceler do ducado de Lancaster. Mas os princípios políticos que defende não são muito da sua compreensão. Diz-se que, ainda em 1924, dizia do *Labour Party*: é uma barreira ao capitalismo, apro-

vando sempre e cada vez mais a subida do custo de vida. Depois em Cambridge — proclama o exército e o marinha duas instituições profundamente socialistas.

Os trabalhistas não gostam, porém, da sua actuação no partido. Desagradam-lhes, principalmente, as iniciativas publicitárias. E Mosley, que sente perder terreno — funda o «novo partido». É daí que nasce a União dos fascistas britânicos. Era em 1932. Em 1940 — o partido é considerado ilegal.

Mosley, porém, desacreditara-se. Chamam-lhe o camaleão político. A derrota do novo partido, nas eleições de 1931, haviam-no feito retirar-se da política. Foi então que estabeleceu bases da organização do partido fascista inglês. Em Janeiro de 1932, parte para Roma, conferencia largamente com Mussolini e Starace. Aparece em seguida o seu «Mein Kampf». Ou seja «a maior Grã-Bretanha» — *The Great Britain*. Vem ali explicada a essência da sua doutrina: quando o terror vermelho quiser alcançar a nossa pátria, nós estaremos organizados para combater a força pela força.

É este, pois, o homem e quem chamaram «O Mussolini inglês» — aquêle que, pela segunda vez, ao ser pôsto em liberdade, depois de 3 anos de detenção, às ordens do Governo, resolveu afastar-se da política.

Até quando — é que resta saber.



Quando «Sir» Oswald Mosley visitou a Itália, muitas vezes tomou parte em grandes acontecimentos de carácter público. Aqui o vemos ao lado de Mussolini, assistindo a um desfile.



No tempo áureo da propaganda política, «Sir» Oswald Mosley era, como se vê na foto da esquerda, um elegante «gentleman». Depois, as vicissitudes fizeram dele o homem que se vê na foto da direita, tirada quando em 1943 foi pôsto em liberdade.

## Legendas em calção

**O** problema das legendas dos filmes que se exibem nas nossas telas está a tomar novos e lamentáveis aspectos. Invasão de termos e frases no mais puro ou, melhor, no mais impuro calção; pretensão de adaptar, livremente, à nossa língua, ou ao nosso País, expressões desnecessárias à compreensão do diálogo e com aplicação restrita a determinados meios e ambientes, onde decorre a acção. Se o calção é uma praga temível, a pedir impudico extermínio, a «adaptação livre», a que aludimos, feita segundo o figurino do Parque Mayer, excede os domínios do execrável.

Vimos, há dias, uma comédia musical, de primeira categoria, interpretada por duas das mais prestigiosas vedetas da Cinelândia. Pois o tradutor, quando a artista, apalazonada pelo galã, finge apreciá-lo com desinteresse, não hesitou em pôr na sua boca este comentário reles e infelicíssimo:

— Ora o «lengrinhas!»

Até aqui — o calção. Porque em matéria de «adaptações» (?), as coisas não vão melhor. Em determinado filme, o galã perguntava à ingénua «se quereria ir com ele até ao Paraíso». E sugeria, com ar agorotado, que seria o Adão. Fingindo-se desentendida, a rapariga interroga:

— Qual Adão?

O galã responde com uma evasiva. Mas o tradutor, para colaborar nos diálogos e no ingénua propósito de inventar uma «graçozas» que fizesse rir, acrescentou de sua conta e risco:

— ...O Adão das camisas...

Há tempo, num filme dos Irmãos Marx, surgiu, em alusão deste estilo, a firma de determinada droguaria da Rua da Prata. Pois o dono da loja não esteve com meias medidas e exigiu, no seu pleníssimo direito, que desaparecesse tal menção. E houve que satisfazer-lhe a vontade, adoptando como única solução possível, o corte da cena, na parte do diálogo em causa. Quere dizer: tais fantasias, que só prejudicam o espectáculo, são ainda susceptíveis de trazer amargos de boca...

Mas, acima de tudo, parece-nos absolutamente nefasta esta invasão silenciosa do critério de adaptação que tem presidido ao arranjo (?), para o nosso país, das peças estrangeiras que sobem à cena nos Teatros do Parque. A intervenção da mais precária graça nacional; e o sentido estranho e estreito do conceito de «popular» — foram responsáveis pelo insucesso de certas obras que viram a luz da ribalta. Mas que se queiram aplicar agora ao cinema as mesmas fórmulas, que se insista nos termos em calção, que se ponha a Garbo ou a Bette Davis a falar no «Adão Camiseta» ou nos «Duartes, Pai e Filhos», parece-nos ainda mais idiota e mais perigoso, porque a pretensa adaptação se exerce apenas sobre determinado sector do espectáculo — e o desencontro entre os diversos valores do mesmo é mais sensível e mais desconcertante.

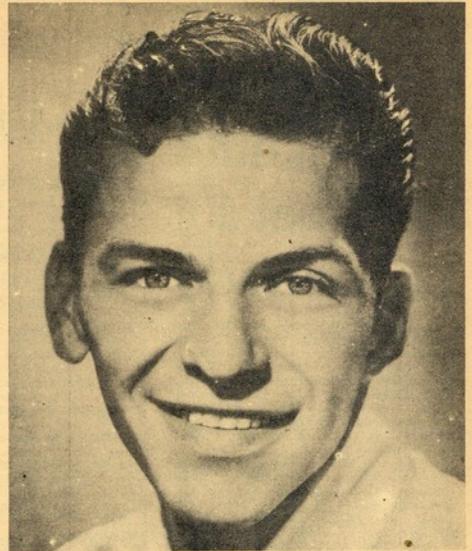
Noutro dia, era o filme de Ginger Rogers com o título: «É bonita, apresenta-se bem», inspirado no refrain do «Tiro-líro». Hoje é o galã apodado de «lengrinhas» pela dama dos seus sonhos — e as piadas ao comércio de Lisboa, nas conversas travadas no ambiente dos «Palaces» de Nova-York ou na feira de Coney Island. Se não acudirmos a tempo, não sei o que se passará no futuro. Porque daqui em diante, tudo é possível — e nada nos surpreenderá...

FERNANDO PRAGOSO



Dennis O'Keeffe e June Havoc num filme que se intitula muito prosaicamente «O Terror das Sogras». Não sabemos a qual dos dois artistas caberá o papel de fazer cabelos brancos à progenitora do consorte... Mas, cremos crer, pelas aparências, que o «terror» — das sogras, claro está — seja esta loira serpente que está a tentar o marujo...

Frank Sinatra!  
Não é bonito...  
Tem o ar ingénuo de um desportista em férias... As suas orelhas são mais feias do que as de Clark Gable...  
E, no entanto, as mulheres morrem de amor por ele!



## «Sinatrite» ou a história do galã que sucedeu a Rudolfo Valentino, no coração das mulheres

**N**ASCEU um novo ídolo!  
Chama-se Frank Sinatra e era, há muito tempo, destacado elemento da orquestra de Tommy Dorsey, onde actuava como cantor, quando o cinema se resolveu a elevá-lo à categoria de grande vedeta.

Lisboa viu recentemente Frank Sinatra, ainda na sua fase de crisálida — digamos assim — no filme de Eleanor Powell, «Festa a Bordo». Frank aparecia a cantar ao microfone «Poor you» e «Last call of love» — e nada mais.

Pois a América, que ouviu, milhares de vezes, Frank Sinatra, através da Rádio, perdeu a cabeça com o cantor, logo que este se dedicou ao cinema.

E ainda que o leitor se surpreenda, o certo é que todos os jornais afirmam ser o caso de «loucura colectiva» mais espantoso, de que há memória, desde que morreu Rudolfo Valentino. Para não ser espelhado pela multidão, na ansiedade de o ver e de o tocar, Frank anda permanentemente rodeado de agentes de polícia.

O público precipita-se para os seus filmes — e as mulheres ficam horas seguidas, nos cinemas, de sessão para sessão, a escutar as suas canções, como se estivessem sob a acção de um estupefaciente.

Quando a mulher de Frank Sinatra teve o seu terceiro filho, os jornalistas travaram uma autêntica batalha para obter a primeira foto da criança. Os grandes diários fizeram edições especiais com o retrato do garoto, que foi obtido quando este contava dezoito horas de vida.

Frank Sinatra tornou-se, involuntariamente, no galã mais pretendido do cinema. Todos os dias chegam ao estúdio milhares de cartas da América inteira, com as mais diversas e estranhas propostas.

## Os dezassete anos da «MENINA DA RADIO»

**N**O dia 1 do corrente, Maria Eugénia, a Menina da Rádio, completou os seus dezassete anos. Entre tantas mentiras de que esse dia foi patrono, houve, pelo menos, esta realidade indiscutível, o aniversário de Maria Eugénia.

Ora, nessa tarde, a jovem estrelinha teve trabalho no estúdio. Mas todos fingiram ignorar a data festiva. Súbitamente, a melo do trabalho, com a chegada de um ramo de flores que Artur Duarte havia encomendado, improvisou-se uma pequena festa. Maria Eugénia foi muito cumprimentada e fez-se uma foto com todo o pessoal do estúdio.

Daqui a muito tempo, quando essa foto tiver amarelado, Maria Eugénia, ao olhá-la, não conseguirá reprimir, a mesma lágrima-zinha de emoção, que lhe bailou nos olhos, quando se viu envolvida pelo carinho dos seus companheiros de trabalho.

E se não tiver saudades dos tempos descuidados e felizes do infante da sua carreira, sentirá por certo a nostalgia dos seus dezassete anos, idade dos sonhos e das ilusões.

# Uma entrevista com "A Mulher da Padeira" MARIA SIDÓNIO VAI PARA O BRASIL!

**A**QUELA hora, não se pode adivinhar o Chiado. As «elegantes», senhoras bem bonitas e melhor vestidas, a cheirar a *Arpeje*, a *Scandale* ou a *Man peché*, transbordam nos passeios, uma nota obrigatória e pôdre de «chics», acima, abaixo, a fingir que «andam a ver as montras». Os «elegantes», mancebos abrilhantados, amamentados a café e que por tudo e nada parafraseiam Verlaine, por ali estão aos montes, encostados às paredes, «a ver quem passa»...

E foi mesmo no Chiado, um pouco acima da «Benard», que o repórter encontrou a Maria Sidónio. Ela vinha com um andar muito apressado, passo de ginástica (a Maria Sidónio quer emmagrecer...) e teria desaparecido naquele mar de gente, se o repórter, à mingua de assunto, não lhe tivesse agarrado um braço com um «olá, por aqui?», que até fez ressonância pela rua fora.

A Maria Sidónio parou, sorriu, e foi logo dizendo:

— Estou com tanta pressa!...  
O repórter tinha ouvido uns «zuns-zuns» acerca dela. Perguntou-lhe, assim como quem não quer a coisa:

— Novidades?  
— Nenhuma — e com os seus olhos bonitos a brilharem: — Bom, até amanhã. Tive muito gosto em vê-lo...

E já se escapulia rua abaixo, quando o repórter a deteve pela manga do casaco.

— Espere. Que pressa é essa! Para onde vai?

— Vou para casa.  
— Então acompanho-a até lá abaixo.

Maria Sidónio não teve outro remédio do que concordar. Falou-se de coisas sem importância, do tempo, da chuva, do calor. De repente, o repórter atrá:

— Sempre é verdade que vai para o Brasil?

Maria Sidónio fica parada, perplexa, a olhar para o repórter.

— Quem lho disse? — murmura, dando jeito cómico aos lábios. — Eu não quero que se fale ainda sobre isso...

Afinal, sempre era verdade! O repórter já não a deixou, pergunta atrás de pergunta. Que não, que não, repetia ela, franzindo a testa. «Ainda é cedo para falarmos sobre esse assunto. Procure-me para a semana que vem, quer? Nessa altura, contar-lhe-ei tudo!».

Apenas no Rossio, depois de levar todo o caminho a convencê-la, é que o repórter conseguiu arrancar uma confirmação.

— Sim... devo partir...

— Quando?

— Dentro de poucos meses...

— E como conseguiu isso?

Maria Sidónio manda parar um «táxi».

— Amanhã conto-lhe o resto. Agora estou cheia de pressa. Desculpe, sim?...

O repórter disse que sim, que desculpava, mas tratou de entrar para o «táxi», sentando-se ao lado dela. Maria Sidónio esboça um sorriso, que não vai além de páldio esgar de aborrecimento. O repórter finge que não percebe...

— Para onde vamos? — pergunta.

Ela dá uma morada ao *chauffeur*.

O carro parte, rua do Ouro abaixo.

— Então não quer dizer como conseguiu a ida para o Brasil? — volta de novo o repórter, acomodando-se melhor no tófo do automóvel.

Maria Sidónio tem um suspiro cansado. Mas sempre vai dizendo:

— Não vê que, ultimamente, cantei numa festa, à qual assistiu o Embaixador do Brasil, o dr. João Neves da Fontoura. E foi então que se ventillou a hipótese de eu ir conhecer o grande país irmão.

— E depois?

— Depois... Depois enviei para o Rio alguns discos meus que, felizmente, parece que não desagradaram de todo...

(Continua na pag 22)



## O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO NÃO HOUVE ALTERAÇÕES NA CLASSIFICAÇÃO GERAL MARIA DA GRAÇA CONTINUA EM 3.º LUGAR

**A** etapa de hoje é a 6.ª. Faltam ainda, portanto, mais quatro. Nessas quatro — as últimas! — jogar-se-á o título da «vedeta portuguesa mais popular da rádio».

A luta vai-se tornando, etapa a etapa, cada vez mais renhida. Luís Picarra continua à frente da classificação. Maria Sidónio, Maria da Graça e Maria Gabriela vão-lhe, no entanto, no encalço. Os outros, porém, ainda têm todas as possibilidades de triunfar. A separação não é grande. Basta, para isso, que os seus admiradores, ou que os postos onde eles trabalham façam propaganda dos seus artistas, iniciando os radiófilos a lutar pela artista preferida.

Para esta etapa preferimos, por exemplo, dentro de uma só carta, nada menos que 100 votos para a Maria Sidónio, acompanhados dos saborosos versos que não resistimos à tentação de transcrever:

São muitos votos? Pois deixá-los ser  
Porque a razão de tal logo se explica!  
É preciso passarem a saber  
Que a Maria Sidónio é do Benfica!  
Por isso os «encarnados», com «genica»  
Seus votos vão juntando a esta lista...  
Se a Maria Sidónio é do Benfica,  
Nós somos do partido Sidonista!...  
Mandamos votos, vai crescendo o ról,  
e é capaz de ganhar, se não me iludol!  
— Lá por terem perdido em futebol!  
Não podemos, também, perder em tudo!

### CLASSIFICAÇÃO DA 6.ª ETAPA

1.º — Luís Picarra .....	307 votos
2.º — Maria Sidónio .....	284 »
3.º — Maria da Graça .....	129 »
4.º — Maria Gabriela .....	121 »
5.º — Fernando de Oliveira .....	36 »
6.º — Curado Ribeiro .....	35 »
7.º — Graciete de Melo .....	29 »
8.º — Etelvino Maria .....	14 »
9.º — Orlando Setimelli .....	12 »
10.º — Mully .....	8 »

### CLASSIFICAÇÃO GERAL

1.º — Luís Picarra .....	1.929 votos
2.º — Maria Sidónio .....	1.533 »
3.º — Maria da Graça .....	1.358 »
4.º — Maria Gabriela .....	922 »
5.º — Graciete de Melo .....	503 »

Repetimos: faltam apenas quatro etapas. Portanto, leitor, apresse-se, concorra, emite-nos o seu voto, muitos votos — e faça triunfar a sua artista preferida!

## CONCURSO DE RÁDIO «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

8.ª etapa

Voto em .....

Pôsto em que trabalha .....

Nome .....

Morada .....

Li Tei Ming, que está junto do microfone, encantando milhões de ouvintes americanos com a sua voz doce e perturbadora — é uma das contoras mais populares do bairro chinês de S. Francisco.

L. Tei Ming tem apenas vinte e dois anos. E dizem que um conhecido milionário de Nova York já se quis suicidar por sua causa.

Ela possui, talvez, o segredo de atrair os homens...

## À ESCUTA...

**T**EM-SE notado um afinamento de gosto — se bem que muito ao de leve — na organização de programas dos rádios amadores.

Apraz-nos registar este facto (oxalá não seja apenas uma impressão...) porque há quem diga que esta secção só serve para apontar defeitos aos postos pequenos que tudo sacrificam pela rádio.

\* \* \*

Aos domingos, ao meio dia e meia hora, a Emissora Nacional tem por hábito emitir umas crónicas que começam já a ter um ar de coisa crónica. A escolha de assuntos nem sempre é feliz, e sente-se que o seu autor, para completar os minutos marcados no programa, se esforça para estender o que escreve. Ou essas crónicas dominicais não poderiam ser feitas alternadamente por várias pessoas?...

\* \* \*

Sucedem-se, nas montras da especialidade, as músicas criadas para a rádio. Umhas boas, outras más, outras possíveis, como não podia deixar de ser. Dentro das primeiras — porque é, na realidade das melhores que temos ouvido — apareceu agora «Chegaste por um outono...», uma marcha-canção de Eduardo Loureiro, com letra de Manuel Lereño, e que Cidália Meireles cantou, com tanto agrado, nos programas da E. N.



## A batalha dos S S

**Q**UANDO havia turismo, os visitantes anotavam infalivelmente, entre as bizarras do nosso «pitoresco», a lembrança do asqueroso tapete resultante da crónica bronquite nacional.

Outra particularidade que não lhes escapava era a da pertinácia dos «sempre-em-pé», instalados no Rossio e adjacências. Por causa d'elles, uma jornalista estrangeira manifestou na sua gazeta o temor de «devenir enceinte», alegando que a fuzilaria dos olhares concupiscentes dos «senhores que se reúnem em certa praça... para cuspir», era suficiente para tanto.

Estes costumes «típicos» e inconfundíveis persistem. Os visitantes de agora é que são menos observadores e não fazem reparo, porque nos seus respectivos países todos cospem actualmente, pelo menos sangue, — e a lembrança da verdadeira metralha não lhes permite notar os clarões líbricos e incendiários dos conquistadores lisboetas.

O que, de memória de homem, nunca apouquentou os turistas, foi a nossa barafunda ortográfica.

Pois chegou-lhes a vez. Com efeito, um das responsáveis pela exposição helvética, há pouco realizada aqui, teve o desgosto de ver inutilizada uma porção considerável de impressos caros, porque, segundo o critério inflexível — e justo — de uma autoridade portuguesa, não podia figurar ali o nome da valerosa nação com dois «ss».

Mais claro: queria o nosso compatriota — e muito bem, repetimos, — Suíça e não «Suissa».

Cheio de curiosidade, o ilustre patriótico de Guilherme Tell apagarou-se à reforma ortográfica, ao Vocabulário da Academia, remexeu, escabicou — e teve de concluir afinal que o zeloso cérebro lusitana tinha razão.

Tinha razão, sem dúvida; mas aconteceu que o funcionário do certame habitava ali para as bandas da rua Primeiro de Dezembro, e um dia, quando tomava o fresco à janela e meditava nas cambalhotas a que submetemos a língua pátria, viu, em frente, este quadro atordoador:

«Café Suíço». E ao lado: «Tabacaria do Café Suíço».

Fulgendo que as pesquisas filológicas lhe tivessem diminuído a visão bu turbado o senso, o homem desceu atabalhoadamente a escadaria do Hotel, quasi atropelava uma inglesa de terceiro sexo, amorteceu o choque no ventre abaulado e escandaloso do porteiro — e foi examinar de perto a descoberta.

«Chegou lá e viu tudo». Quere dizer: Era assim! Havia, com evidente licença ou tolerância oficial, Suíço e Suíço.

Desfilaram-lhe então no cérebro as várias e infinitas conclusões dos sábios, lembrou-se da rigidez inquebrantável do fiscal que lhe inutilizara os impressos — e decidiu passar a vista pelas imediações.

Se não estava em erro — pensou — tinham sido abolidas as consonantes geminadas. Contudo, ali à esquerda, fulgura em letras graúdas um «Cabellereiro».

Também lhe parecia ter lido que, por indesejável, remeteram o K a auto-de-fé. Era equívoco, decerto, porque nos baixos do hotel existe uma «Kermesse».

Sem notar que o próprio hotel prefere a estrangeirice «Palace» à equivalência portuguesa, o curioso investigador — já aturdido com a maratona das tabuletas dos eléctricos que de segundo em segundo, como impertinentes duendes, o azoavam com as variantes Roclo, Rossio, Roclo, Rossio, — estendeu o passeio até ao Chiado.

Lá em cima, nas barbas do Governo Civil, martelava-se numa «Cerraharia» (forma que, aliás, figura em dicionários recentes, aprovados para uso das escolas, mas é ignorada pelo Vocabulário, não obstante o aviso teimoso de eminentes filólogos).

Finalmente, mirado um venerável e pre-histórico «Telephone» que ainda subsiste à porta da respectiva empresa, na rua Nova da Trindade, o nosso hóspede voltou à Baixa.

Quando, fatigado, céptico, o visitante resolvera não aprofundar os mistérios das nossas inflexíveis regras, surge-lhe mais uma homenagem à sua pátria e outro desmentido ao censor dos impressos. De facto, como cercadura à alta cruz em fundo rubro, e sob as vistas de D. Pedro IV — natural protector do acórdio ortográfico luso-brasileiro — permanece este dístico: «Pastelaria Suíssa»...

EDUARDO DIAS

## Novo director dos Desportos



O director interino de Educação Física e Desportos tomou conta do seu novo cargo. O acto de posse foi-lhe conferido no gabinete do sr. dr. Mário de Figueiredo, ministro da Educação. O sr. tenente-coronel João do Sacramento Monteiro agradeceu as palavras elogiosas do sr. ministro da Educação e os cumprimentos que lhe foram dirigidos.

## FALA-SE ESTA SEMANA

LUIZ DE OLIVEIRA GUIMARÃES

NORBERTO DE ARAÚJO



«Eça de Queiroz e os políticos» é o novo trabalho do nosso querido amigo e ilustre colaborador, Dr. Luiz de Oliveira Guimarães que, desta vez —

depois de nos falar das mulheres na obra do autor de «Os Maias» — quis fazer um estudo sério de um assunto sério. Luiz de Oliveira Guimarães sabe comentar e observar. E, mais do que tudo, sabe escrever como poucos hoje na nossa terra, em estilo claro, elegante, polvilhado de graça. A sua prosa insinua-se no nosso espirito e na nossa inteligência como um perfume caro e suave nas dobras dos tecidos. Este seu último livro é a confirmação de todas as excepcionais qualidades do escritor.



«Legendas de Lisboa» — assim se intitula o último livro de Norberto de Araújo, um grande jornalista do nosso tempo e um escritor de garra.

Namorado de todas as horas desta Lisboa histórica e buliçosa, Norberto de Araújo estudou-a e divulgou-a como poucos. Por isso o seu livro é um precioso documento histórico da nossa terra e por isso também Norberto de Araújo teve no seu último trabalho uma das mais poderosas razões do seu justo prestígio duplamente firmado como escritor e diplomata.

CASTRO SOROMENHO



Entrou em segunda edição o romance de Castro Soromenho, com o título «Noite de Angústia». O seu autor é laureado — recebeu alguns prêmios pois é escritor de sensibilidade e inteligência que é — como comentador da terra portuguesa nascido em Africa.

Esta segunda edição de «Noite de Angústia» tem, portanto, todo o sentido de uma justa consagração firmada pelo público que lê e procura Castro Soromenho, até esgotar as suas magníficas edições.

ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA



No seu refúgio de Bélimbo e nas horas calmas passadas em Lisboa, António Correia de Oliveira ainda é poeta de emoção e sentimento. O seu último livro de versos intitula-se «O elogio da Monarquia» e é um hino de amor à terra e aos princípios que o título anuncia, merecendo, principalmente, pela união poética que perpassa através das suas páginas — páginas de oiro, de um poeta de lei.

METZNER LEONE HUGO ROCHA



Chama-se «Os dois maridos de Madame» o novo romance de Metzner Leone, que está a alcançar assinalável interesse. Depois de «A mulher nua»,

um livro que levantou celeuma e conseguiu animar os nossos meios literários, Metzner Leone venceu uma nova dificuldade, diante de problemas tão delicados como estes que aborda no seu último romance, a que não faltam nem imaginação nem dotes literários.

O próximo trabalho de Metzner Leone é um romance intitulado «Milena», a aparecer brevemente.



Depois de algumas distenções entre a Academia e o Juri nomeado para a escolha do «Prémio Ricardo Malheiros», foi concedido este, por unanimidade de pareceres ao ilustre jornalista Hugo Rocha, que é também um romancista de garra pujante e de profundo sentido de observação. O seu livro «Gentio Branco», que já a crítica assinalara como um dos melhores trabalhos ultimamente publicados, recebeu, assim, a maior consagração prestada no nosso país a livros portugueses.

Ouvir um **LUXOR** é um sonho!



## Iracema Dillan

*está no Estoril e quer deixar o colégio...*

**A** saída do colégio, val uma grande confusão. Uma algazarra de raparigas, a gritar, a rir e a comentar. Madalena vem na frente, amuada, a fazer beicinho... Perguntamos-lhe o que tem e ela, torcendo uma madeixa rubia, rubia a escaldar, expõe as suas mágoas:

— Não quero, pronto, não quero voltar ao colégio! Agora, só se fór para a Universidade. Estou farta do colégio...

— Como apanhou um zero em comportamento...  
— Não é nada disso. É que há quatro anos que ando a marcar passo no colégio! E eu não quero... Ao menos, que me deem papéis de estudante universitária!

Travamos do braço de Madalena, acompanhamo-la à «gare» de Barcelona, viajamos com ela no Lusitânia-Expresso e vamos sentar-nos a seu lado numa mesa de um hotel do Estoril, onde se chama Iracema Dillan...

— Iracema... e Dillan, porquê?  
— Iracema, porque nasci no Brasil e meu pai, apaixonado pela heroína de um romance de José de Alencar, me quis dar um nome tupi... Dillan, porque quis um apelido em que houvesse tantas vogais como no de Isidora Duncan, a grande bailarina criadora da dança plástica...

— Gosta, então, de dançar?  
— Tenho o curso de dança, de Varsóvia. Adoro a música e o baile de motivos regionais estilizados...  
— Mesmo para o cinema?  
— Compreende, a dança é uma arte directa que não lucra muito como motivo cinematográfico...

— Madalena — perdão, Iracema Dillan — nasceu, de facto, no Brasil. Perguntamos-lhe se gosta da «terra dos papagalos», e ela diz logo que sim:

— Imenso... saí de lá com três meses...

— Agora compreendemos porque Iracema não fala o português. Para nos consolar, acrescenta:  
— Mas falo polaco, inglês, italiano, francês, espanhol, e... e dentro de pouco tempo falarei o português! Aprendo com meu pai, que reside em Portugal...

— Olhamos Iracema. Se ela não fosse tão jovem, tão infantil, perguntávamos-lhe coisas sérias do cinema. Enfim, como ela já apanhou um «zero» no filme que acaba de filmar em Espanha, não se deve incomodar se lhe perguntarmos:

— Que pensa do cinema de «nuestros hermanos»?  
— Não vão mal. A produção anda por metade da italiana: aí umas sessenta produções anuais.

— E o cinema italiano?  
— Esta última fase da guerra veio cortar uma grande carreira ao cinema italiano. Porque, não calcula, nos últimos três anos, como não havia importação de filmes americanos, a cinematografia nacional pro-

grediu extraordinariamente, com características capazes de a impor em todo o mundo.

— E o melhor cinema europeu?  
— Depois que a França deixou de ser a França...  
— Portanto, o cinema francês é o melhor?

— Assim acho, não obstante as suas tendências — como direi? — negativas. Repare que para os grandes filmes, tudo tinha que ser mau, doentio, negativo e amoral...

O pai de Dillan, pelas altas funções públicas que desempenha, é viajado, culto — formou-se pela Universidade do Rio de Janeiro — e a filha acompanhou-o, com a mãe, pela Jugoslávia, Finlândia, Alemanha e Itália, o país que abriu as portas ao cinema da gentilíssima estrelinha de «As nove, lição de química».

— Como foi para o cinema?  
— Os produtores do primeiro filme em que entrei eram polacos, das relações de meus pais. O filme, extraído de uma peça húngara, chamava-se... — imagine! — «Madalena, zero em comportamento»...

O filme que fez agora em Espanha?  
— Exacto. Estreel-me nêle em Itália, num pequeno papel que, por sinal, para me aproveitarem melhor, foi expressamente aumentado... Quatro anos depois, ia fazer a Espanha o mesmo filme, mas no principal papel!

(Aqui, o jornalista abre um parêntesis para dizer que é muito feio que alguns artistas e jornalistas portugueses andem a dizer que a Tatão é quem faz o principal papel no filme que foi filmar a Espanha. Tatão fez as duas versões em português e espanhol mas de um papel, aliás bom, mas secundário. Iracema, artista de categoria europeia, firmou um contrato que lhe dá o primeiro papel para as duas versões, com o nome em primeiro lugar nos cartazes, antes mesmo do nome de Júlio Peña, um grande artista espanhol que aceitou vir depois na distribuição. E dito isto, o jornalista, para continuar a entrevista, aqui fecha o mesmo dito parêntesis.)

— Quantos filmes fez já, Iracema?  
— Dez... em seis dos quais encarno meninas de colégio...  
— Então, que papéis queria agora desempenhar?  
— Papéis sérios, talvez dramáticos. Mas de mulher. Acabar com a criança... Sabe? Queria ser a Odille, de «Climats», de Maurois...  
— Gosta de ler Maurois?  
— Muito! Até já li as suas «Memórias». Mas há-de ser difícil filmar Maurois, por causa dos direitos de autor. Na América podem pagar-se rios de dinheiro por essas coisas. Na Europa é mais difícil. De modo que se aproveitam antes argumentos baratinhos feitos expressamente para o cinema.

— Gostava de trabalhar na América?  
— Talvez... mas eu creio nas possibilidades e realidades do cinema europeu. Na França fizeram-se grandes filmes, mesmo sem rios de dinheiro...

— Acha que um artista de teatro é sempre o melhor artista de cinema?  
— Não sei se se esqueça da arte teatral... Acho que do cinema é que se deve passar para o teatro, uma arte que exige...

(Continua na pág. 22)



Iracema, em Espanha, era rodeada pelas crianças das escolas, que lhe pediam fotografias autografadas

## NOTAS RÁPIDAS



O sr. Presidente da República inaugurou, no Palácio da Assembléa Nacional, os painéis de Martins Barata. Pode dizer-se que a revelação deste trabalho de alto sentido humano e histórico, foi um grande acontecimento artístico nacional.



Continuam as visitas do tenente-coronel Salvação Barreto, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, aos vários departamentos que passará a ter a sua superior intervenção. Uma das últimas visitas foi à Quinta da Calçada, bairro de casas económicas construídas pela Câmara.



No Aéreo-Clube, a nova direcção tomou posse e entrou já em acção — uma acção que, certamente, corresponderá às nobres tradições daquela velha e considerada instituição e que tomará, estimulada pelos actos da direcção cessante, iniciativas de carácter nacional.



O «Diário de Lisboa» completou 23 anos de trabalho e de excelente contribuição literária e jornalística, para o prestígio do meio português. Para assinalar o aniversário, todos quantos pertencem ao quadro de trabalho efectivo daquele jornal, se reuniram num jantar a que presidiu o seu ilustre director, sr. dr. Joaquim Manso.

# UM PROGRESSO NA TRANSMISSÃO DE SOM

**Q**UANDO havia apenas um milhar de telefones, era fácil ligar um deles a qualquer outro. Bastava mil linhas e um centro onde o operador fazia a ligação. Hoje, todavia, existem em todo o mundo mais de 35 milhões de telefones — metade dos quais pertencentes à América — e o problema tornou-se muito complicado.

As centrais automáticas são maravilhas de técnica e de simplificação de esforços, mas não impedem, no entanto, que se torne necessário um fio para cada telefone, o que obriga a um gasto colossal de milhões de toneladas de cobre.

O problema a levantar era o de conseguir o processo de transmissão, por uma só linha, de várias conversas. Isto parecerá impossível à primeira vista. As conversas não se misturariam, de maneira a ninguém perceber o som de uma letra? E mesmo supondo, o êxito na resposta à primeira dúvida, como se poderiam separar, no final da linha, todas as conversas, de modo a que cada ouvinte só escutasse o seu interlocutor?

O cabo coaxial instalado pela primeira vez entre Nova-York e Filadélfia, e que pode transmitir 240 conversações simultâneas, servirá de exemplo para que se compreenda o essencial do novo progresso.

São do conhecimento geral as ondulações concêntricas que se formam à superfície de um líquido, quando, por exemplo, deixamos cair umas pedras. Essas ondulações encontram-se e passam umas pelas outras, continuando a sua marcha absolutamente imperturbáveis. Com as vibrações eléctricas sucede fenómeno idêntico. Por isso se podem enviar, por uma só linha, diversas ondas eléctricas sem perigo de misturas ou interferências.

Cada conversação compõe-se de vibrações sonoras, variando de 60 a 4.000 vibrações por segundo. Quando essas vibrações são aplicadas electricamente sobre uma onda portadora de 60.000 vibrações, resultam números de vibração por segundo compreendidos entre 60.000 e 64.000. Outra conversa é aplicada numa onda de 66.000 vibrações, e assim por diante até os 240 telefonemas terem sido transformados em ondas eléctricas de diferentes limites vibratórios.

A linha para transmitir estas ondas não é uma linha vulgar. Consta de um tubo de cobre, com um fio do mesmo metal no interior, sendo as duas peças separadas por uma substância isoladora. Por outro lado, a corrente eléctrica tem de ser aumentada em cada intervalo de 15 quilómetros, porque as ondas eléctricas provocadas pelo som enfraquecem rapidamente ao fim de um curto percurso. Para evitar este inconveniente, utilizam-se amplificadores termiônicos, que restituem a energia perdida.

Chegadas as conversas, sob a forma de onda, ao fim da linha, surge o problema de as reparar, o que se consegue utilizando cristais piezo-eléctricos, cuja característica é converterem a energia mecânica em energia eléctrica e vice-versa. Os cristais vibram mecanicamente aos impulsos eléctricos e opõem eficaz resistência à passagem de outros.

Um grupo de cristais deixa passar as ondas com números de variação entre 60.000 e 64.000; outro grupo, deixa passar apenas as de 66.000 a 70.000, e assim por diante.

A acção de cada grupo de cristais é completada por condensadores e bobinas, que servem de filtros.

Com um número adequado de filtros, temos as conversas separadas, a comutar, cada uma delas, para um fio vulgar.

Para simplificar a vida, a que complexidades técnicas e profundos conhecimentos não recorre o engenheiro humano! E um paradoxo verdadeiro, mas, enfim, como disse Frank Jewett, presidente dos laboratórios da Bell Telephone: «Para que a maioria da humanidade não se preocupe, alguém tem de vigiar».

# COMO AS RADIAÇÕES MATAM OS BACILOS

**O**S Raios X, logo que foram descobertos, passaram a desempenhar importante papel na medicina. Numerosos sábios trabalham infatigavelmente para penetrar os seus segredos e pô-los ao serviço da humanidade. Assim, a biologia radiológica tornou-se um extenso domínio da ciência que tem por objecto o estudo dos efeitos das radiações sobre os processos vitais.

O prof. dr. Jordan, da Universidade de Rostock, conseguiu mostrar de que maneira os bacilos são mortos pelas radiações. Com o exemplo dos colibacilos submetidos à acção dos raios ultra-violetas, provou que as células isoladas não enfraquecem gradualmente, sob o efeito dos raios, e que durante certo tempo não são influenciadas por eles, para, por fim, morrerem subitamente.

O segredo deste fenómeno reside nas maravilhosas estruturas da mais pequena célula viva, que representa uma organização perfeita. Ao centro da célula encontra-se um núcleo delicado, composto apenas de algumas moléculas e que é designado por «centro de direcção» da célula e que regula o organismo desta.

A radiação pode apresentar-se como uma chuva de projectéis minúsculos, de dimensões mínimas. Quando um destes projectéis alcança o centro vital, o bacilo morre. — R. D. V.

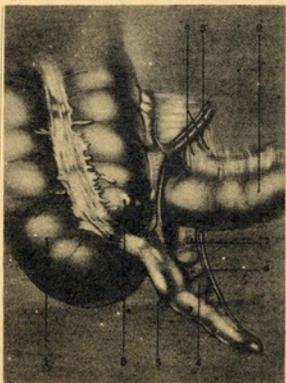
# A ARTE DAS CIGANAS E BRUXAS E A CIÊNCIA

**N**INGUÉM desconhece esses «adivinhos» e «adivinhas» que se dizem com poderes sobrenaturais para ler na cara, nas palmas das mãos ou nas unhas, de qualquer cidadão ingénuo, a trajectória sombria ou ridente do seu destino. Que são paripatéticos sustentadas pela esperteza de uns e pela ignorância de muitos outros, não há dúvidas nenhuma. Pois estes «ciências ocultas», que são a Grafologia, a Quiromancia e a Fisiognomia, passaram pelo crivo da ciência honesta, e transformaram-se em aplicações na clínica, na pedagogia, na criminologia. Já não se pensa em descobrir o Destino, em dizer se este sujeito, se casará bem ou mal, se terá muitos meninos ou um filho na América. Agora procura-se descobrir nas «expressões fisionómicas», no aspecto das linhas da mão, nas unhas, na forma como o indivíduo escreve as frases e as letras, sinais objectivos do seu carácter, do seu comportamento presente, do seu estado de saúde.

# O APENDICE CECAL

Muitos terão já ouvido falar de apêndice; poucos o viram. A foto representa o nosso apêndice cecal. A sua inflamação é denominada «apendicite», e pode conduzir à morte, se o apêndice se perfura e a infecção invade o «peritónio», delgada membrana que cobre os intestinos.

1 — ceco; 2 — porção terminal do íleon; 3 — apêndice; 4 — meso-apêndice; 5 — artéria e veia mesentéricas; 7 — gânglio linfático do apêndice; 8 — gânglios da área ileo-cecal; 9 — gânglios do mesentério.



# QUANTOS HOMENS E QUANTAS MULHERES HÁ NA TERRA?

**E**MBORA nestes 3.500 anos tenha havido uma média de 30 anos de guerra para cada ano de paz, e ainda apesar das epidemias, a população da terra cresce velozmente. Em 1880 o total da população era de 750 milhões; em 1900, ultrapassava 1.700 milhões; em 1931 era, aproximadamente, de 2 bilhões.

Esta rápida curva ascendente deve estar na dependência da melhoria das condições de vida, dos progressos sociais, técnicos e científicos.

Dos continentes, o mais habitado é a Ásia, com 1.100 milhões de seres. A Europa tem 500 milhões. A África, 1.500 milhões. A América do Norte, 175 milhões. Finalmente, a América do Sul e a Oceania contam 85 milhões de habitantes.

Dividindo o número de habitantes pela superfície ocupada, obtemos a densidade populacional que atinge o máximo valor na Europa, e o mínimo na América do Sul e na África.

Na Europa, os países mais densos são a Bélgica e a Holanda, e os menos densos a Suécia e a Noruega. Portugal ocupa uma posição intermediária.

O número de homens e de mulheres na terra é quasi o mesmo, mas acontece que a má distribuição originada por guerras, emigrações e outras causas provocam excedentes de um dos sexos, em certos países. No Brasil, Estados Unidos, Argentina, etc., há mais homens. Na Inglaterra, França, Espanha, Portugal, etc., há mais mulheres. No nosso país, por exemplo, há 111 por cada 110 homens...

# O BAÇO E AS SUAS FUNÇÕES

**B**AÇO está situado no nosso flanco esquerdo, por detrás do estômago e acima do rim esquerdo. Apresenta-se muito rico em vasos sanguíneos, e as suas funções são variadas: de defesa, de reserva, de eritrólise, hematopoiese, etc.

O tecido de que é constituído o baço apresenta na sua rede vascular células — linfocitos — cuja combatividade em face dos micróbios é notável. Os agentes infectiosos são atacados e digeridos. Daí o dizer-se que o baço é um campo de batalha onde se decide o nosso destino.

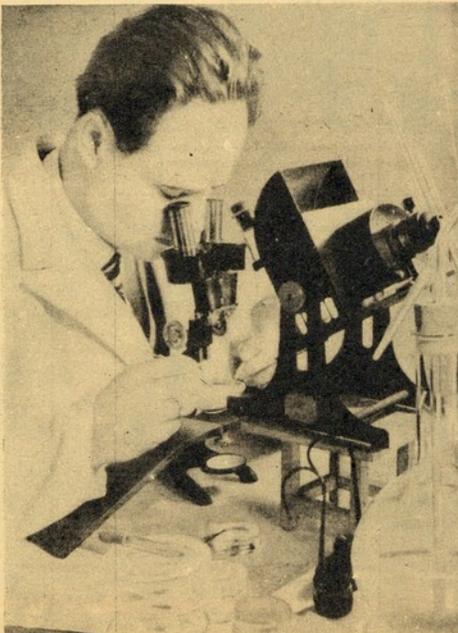
O baço influe de maneira muito activa na transformação e destino das proteínas (existentes na carne, ovos, etc.), dos hidratos de carbono (no açúcar, nas batatas, etc.), e das gorduras e do ferro (contido nas batatas, ovos, etc.). A ausência do baço impede a boa assimilação dos açúcares, originando graves perturbações como a glicomia ou açúcar no sangue. No baço existe, pois, como no fígado, uma hormona glicolítica. A acumulação de ferro também depende deste órgão, e é feita à custa dos glóbulos vermelhos e do ferro contido na nossa alimentação diária.

É no baço que os glóbulos vermelhos envelhecidos ou alterados são destruídos (entrólise). Em casos patológicos, como na anemia perniciosa e na ictéria hemolítica, o baço faz a destruição em massa dos glóbulos vermelhos, mesmo normais. É curioso notar que durante os primeiros meses da vida embrionária do ser humano, o baço, em vez de destruir, é criador de glóbulos vermelhos.

O baço apresenta ainda outras funções: age sobre o crescimento, sobre o desenvolvimento dos dentes, e fixação do cálcio.

# ESTUDANDO O MILAGRE DA VIDA

Se em muitos laboratórios de muitos países são mantidas «equipes» de investigadores com o fim de inventar ou melhorar os meios de fazer a guerra, outros continuam-se a maravilhosa tarefa de estudar a vida, e procurar descobrir os seus segredos, para que o homem a domine, melhore, e melhor a defenda e prolongue. E descoberto um enigma, outros se levantam; o biólogo interroga-se sempre: «Como? Porquê?»



FÁBULAS DE HOJE

## Antigamente, sim...

**N**ÃO há nenhum senhor gordo, mesmo daqueles que não usam lunetas nem chinó, que não se farte de clamar aos quatro ventos contra as imoralidades dos tempos de hoje, condenando os rapazes, condenando as raparigas, condenando tudo o que hoje existe desde os cinemas aos bailes, passando pelo comprimento das saias e pela cor do sbãton ou do srouge.

Tudo serve aos gordos e respeitáveis senhores moralizadores para lançar mais uma invectiva contra a sociedade de hoje, onde as raparigas são isto e mais aquilo e os rapazes outros que tal. «Que imoralidade a de hoje!» — dizem eles, muito vermelhos e olhos esbugalhados. — «Onde se viu uma rapariga sair à rua sôzinha? Onde se viu uma rapariga passar com um rapaz, sem ser acompanhada pelo séquito da mãe, da tia, da avó e da criada? Onde se viu tudo isto?»

O senhor gordo tem um suspiro requebrado. Ah, ele está a lembrar-se dos seus tempos... Aquilo, sim, é que era honestidade, recatês, princípios sãos e moralizadores! Ah, os outros tempos!...

Como não podia deixar de ser, o senhor gordo é um tremendo hipocrita... ou, pelo menos, um falho de memória. Que ele se lembre, nos seus tempos — oh, nos seus tempos! — tudo era puro, cândido, de um cor-de-rosa tão pálido, tão pálido que até metia impressão. Raparigas honestas — só no outro tempo. Bons costumes — só no outro tempo. Moralidade — só no outro tempo. Qual era a jovem pura e bela que ousava deixar o mancebo dos seus sonhos roubar-lhe um beijo, nem que fôsse na ponta do nariz? Oh, não, nunca, por nunca ser! No outro tempo, uma donzela apenas permitia que o noivo a beijasse no dia do casamento... e já era favor, parece. Hoje, oh, hoje!...

O senhor gordo tem, em casa, uma estante. Dentro da estante, há uma colecção de revistas dessa época áurea de que ele fala com tanto calor. Pois bem: entramos, folheamos a revista ao acaso. Céus, será possível? Pois num artigo, precisamente com o título «Antigamente, sim», o articulista, depois de falar mal dessa mesma época, conta o seguinte diálogo travado entre dois pais nesse ano de 1890:

— Acabo de ver um mancebo querendo beijar a sua filha...

— E conseguiu-o?

— Não.

— Então não era a minha filha...

## FILANTROPIA

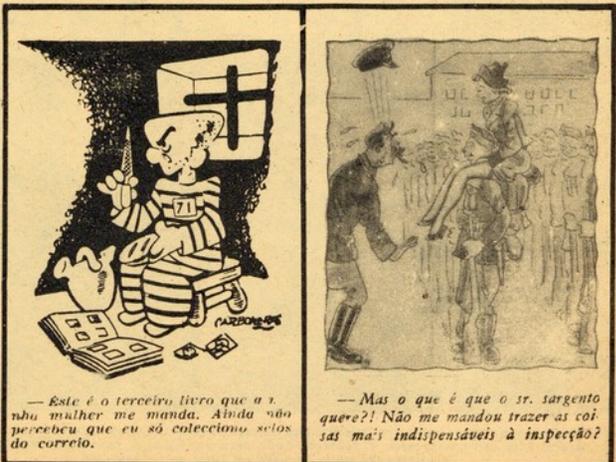
Francisco I troçava a miude da avareza e da rapinagem do Chanceler Duprat. Como esse ministro tivesse construído um albergue, o rei comentou:

— Há-de ser um grande edifício se fôr destinado a recolher todos os pobres que êle fêz...

## PROFECIA

Pouco antes de morrer, Cromwell assegurou, em alta voz, que não morreria e que Deus lhe havia de dar a facultade de prever tudo o que de futuro viria a acontecer. Depois, chamando alguns amigos mais íntimos, confessou:

— Se eu escapo, tôda a gente pensa que sou profeta; se môro, zombaão de mim. Mas que me importa que zombem depois de já estar morto?



— Este é o terceiro livro que a minha mulher me manda. Ainda não percebeu que eu só collecciono livros do correto.

— Mas o que é que o sr. sargento queere?! Não me mandou trazer as coisas mais indispensáveis à inspecção?



— Acho que a idéia é excelente. Desta maneira, os senhores escusam de se preocupar com a extinção de luzes!



— O senhor dá-me licença que eu vá lá para fora, para poder admirar melhor o brilho das jóias?...



— Aquêlê barulho lá em cima é insupportável! Não posso trabalhar! Vá lá para cima e pergunte aos senhores se endoideceram!

— Devo esperar pela resposta?



— Então como é que o senhor acha o bife?

— Se eu puser as batatas de lado, acho-o debaixo do feijão!



— Não tínhamos outro recurso. Aquêlê guarda-livros tinha a mania de levar os lápis para casa!



— Afinal aquêlê médiro é um parvo! Manda-me tomar o remédio em água quente!

## MISCELÂNEA

### PARA NÃO ESQUECER

— Há mais de vinte dias que tenho um nó no lenço e não há meio de me lembrar para quê.

— Deve ser para não se esquecer de o mandar à lavadeira...

### ENGANO

— No quarto do indivíduo que foi preso hoje por ter assassinado o irmão, encontrou-se uma carta em que êle diz suicidar-se em virtude de dificuldades financeiras.

— Suicidar-se?... Então porque matou o irmão?

— Por engano. Não vê que eram gémeos...

### A PRESTAÇÕES

— É sensível o seu rádio?

— Oh, extremamete sensível! Até chora comigo tôdas as vezes que devo pagar as prestações.

### ORDENS

O guarda: — Senhor delegado, o ladrão acaba de fugir!

O Delegado: — Como? Então, não mandei vigiar tôdas as saídas?

O guarda: — Sim, mas êle fugiu pela entrada...

### QUESTÃO DE PÊSO

— Estou louco por sua filha. Se ma quiser dar em casamento, pagarei seu pêso em ouro.

— Volte daqui a dez dias.

— Para quê? Para pensar?

— Não. Para a engordar...

### CRISE TEATRAL

O hipnotizador: — Façam favor de subir cinco senhores ao palco.

Um espectador: — Impossível. Somos apenas quatro...

### CRIANÇAS PRODIGIOS

Rovani, grande crítico e escritor milanês, era inimigo feroz das obras de Cesar Cantu. Um dia, um jornalista pediu-lhe a sua opinião sobre Cantu.

Resposta de Rovani:

— Foi uma criança espantosa. Aos sete anos já era um asno!

### DESILUSÃO

O namorado para o irmãozinho da sua apaixonada:

— Se me arranjares uma madrixa dos cabelos de tua irmã, dou-te dez tostões.

— Arranjo. Agora se me der cinco escudos até lhe arranjo um dente. Já vi onde ela deixa a dentadura quando se deita...

## SINFONIA DO AÇO

# ESTA É A MASSA DE QUE SÃO FEITAS AS ARMAS DE GUERRA E AS ARMAS PACÍFICAS DO PROGRESSO

**Q**UANDO por qualquer circunstância ouvimos falar no fabrico do aço, a imaginação voa célere para os grandes engenhos de guerra, canhões formidáveis, blindagens e couraças de maquinismos complicados, a espalhar destruição e pavor.

Anda o aço tão associado às visões bélicas que chegamos a esquecer que, afinal, também é um bom metal pacífico, auxiliar precioso do trabalho humano.

As melhores enxadas e ferros de arado, a rasgar a terra para que o trigo possa ser semeado e cresça a dar pão e abundância, são feitos com o aço derretido nos cadinhos e que, fiel e obediente à vontade do homem, vai tomar esta ou aquela forma, conforme o molde em que o vasam.

Formado por uma liga em que entra manganês, silício, carbono e sucata de ferro, constitui material de duração extraordinária a utilizar nos variados formatos, desde as simples ferramentas às mais delicadas engrenagens.

O molde feito em madeira e depois coberto com areia de preparação especial, é que indica ao metal em fusão qual o destino que é chamado a desempenhar.

No Largo do Conde Barão existe uma fábrica onde o aço impera, mas na fase feliz da sua utilidade. Todo o trabalho feito constitui obra fecunda de paz. Peças novas para máquinas diversas, ou reparações noutras necessitadas de conserto, já cansadas de laborar, tudo ali se faz e se transforma em instrumentos de trabalho, a produzir vida e movimento nas fábricas e oficinas que as encomendam. Uma peça avariada substituída por outra nova, perfeitamente igual, e os motores continuam o seu labor abençoado, a garantir a soldada aos operários, sem a preocupação de se saber se as vicissitudes da guerra actual permitiriam ou não mandá-la vir de fora.

A curiosidade levou-nos a assistir às operações necessárias à preparação de objectos em aço vasado.

Durante a semana, 150 operários preparam tudo para que ao sábado o forno seja aceso e a massa ígnea possa correr sem dificuldades para dentro dos moldes.

Numa vasta oficina, os carpinteiros fazem-nos, muito certos, em medidas rigorosas, porque o aço depois de vasado já não pode ter emenda. Depois, operários especializados, com paciência beneditina, preparam-no com areia para poder receber o metal líquido. Tarefa delicadíssima, porque da mais pequena falha na moldagem resulta uma imperfeição enorme.

Em seguida, os moldes são tapados, ficando apenas com uma pequena abertura — chamam-lhe os gitos — para a entrada do aço.

Quando o metal esfria, os gitos são cortados a oxigénio e a peça já feita passa para a rebarbação, onde a limpam com um jacto de areia.

Se fica qualquer poro, enchem-no a electrogénio, espécie de retoque ligeiro, a corrigir alguma pequenina imperfeição da superfície lisa dos objectos.

Há ainda outras fases do trabalho. Lâminas fundidas inteiras e depois cortadas, bolas feitas em série e a que depois se corta o pequeno fio de metal que as liga umas às outras, e muitas mais modalidades, conforme o que se pretende fazer.

No entanto, o dia talvez mais interessante para os profanos é o da fundição, que se realiza aos sábados. Desde manhã até às cinco da tarde, automaticamente, de vinte em vinte minutos, sai dos fornos uma série de aço fundido.

Cá fora, na oficina contígua, um ajudante do forneiro escolhe sucata de ferro e pesa-a numa grande balança, preparando a carga para a fundição. Um elevador pega no ferro e leva-o para ser deitado no cadinho, onde se misturam todos os ingredientes.

Passa-se um arco, e, ao entrar na imensa oficina dos fornos, temos como que a sensação de penetrar num mundo estranho.

A luz do dia, entrando pelas janelas ao fundo, ilumina mal a oficina. Parece vir de muito longe. O forno, à direita, lança uma labareda enorme, avermelhada, a fugir pela parte de cima — coroa de fogo do cadinho onde o aço se liquefaz, tudo acompanhado por um ruído forte e persistente, a lembrar o sibilar violento do vento em dia de furacão. Se quisermos falar, mal conseguimos ouvir-nos uns aos outros.

Logo à entrada, duas grandes colheres metálicas estão a aquecer sobre fogueiras de lenha. Dentro colocaram-lhes toros enormes, em braza, para que, bem aquecidas, não prejudiquem o aço que nelas primeiro é lançado ao sair do cadinho. Pelo chão, em toda a superfície da quadra, vêem-se inúmeras caixas de moldes prontas a ser cheias.

Os operários agitam-se açodados. Numa espécie de janela sobre o forno aparecem homens. Compridos ferros nas mãos, conjugam os movimentos com os de outros que em baixo estão munidos de grandes ganchos, e o cadinho começa a mover-se. A chama superior desaparece. A taça ciclópica gira lentamente sobre si mesma. Os ganchos, de pontas dobradas como as das tenazes, mergulham na massa liquefeita e surgem com as pontas em braza. Os homens atiram-nos ao chão e saltam chispas de fogo. Verificada a boa fusão do aço, começam rapidamente a a entrada do cadinho com argamassa própria, preparando uma espécie de pequena calha por onde o metal irá correr para as colheres.

Depois, o cadinho volta-se um pouco mais e começa a deixar sair um pequeno caudal de fogo líquido, dum vermelho alaranjado.

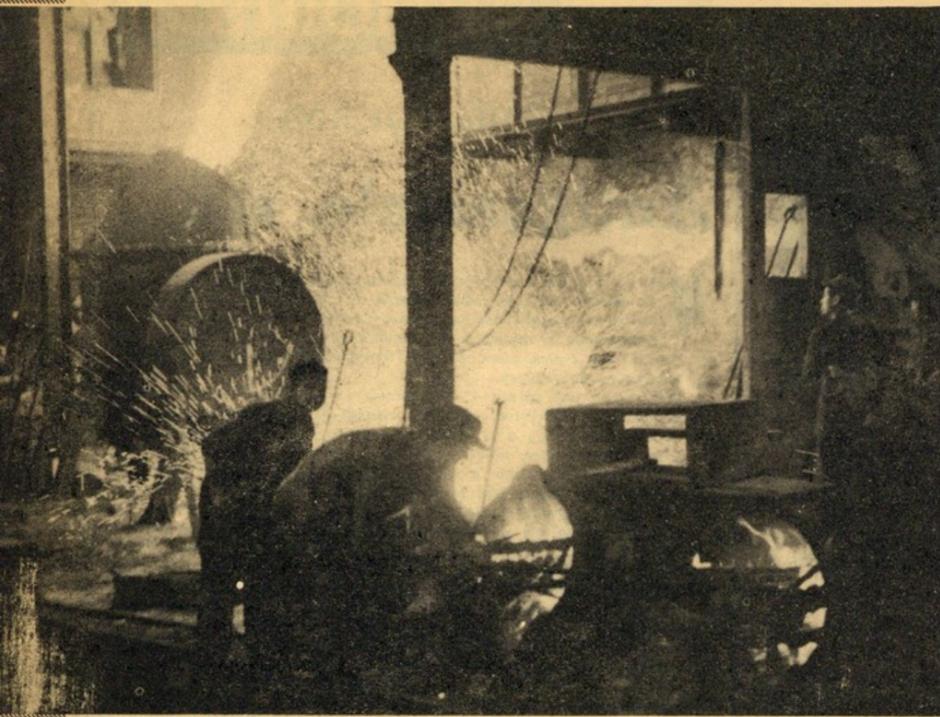
Grupos formados por dois homens, levando uma estreita bara de ferro com um vaso cheio de aço liquefeito suspenso, começam a circular rápidos por entre as filas dos moldes espalhados pelo chão da oficina. Mal acabam de encher um, logo começam com outro, num ritmo veloz, dum dinamismo estonteante, porque o aço não deve esfriar senão dentro dos moldes, e, para isso, tudo tem de ser feito sem delongas.

A meia escuridão duma parte da oficina ilumina-se com pequenos clarões que irradiam dos recipientes onde o aço em fogo segue a caminho dos moldes. À direita, à esquerda, ao fundo, por todos os lados parecem sair do chão sombras negras conduzindo rubros reverberos do metal candente. O calor torna-se aflitivo.

Do cadinho escorrem as últimas lágrimas de fogo, a formar como que estalactites fantásticas. Tudo se faz como que por sortilégio. Vulcano, o deus do fogo, tem a sua oficina

(Continua na pág. 22)

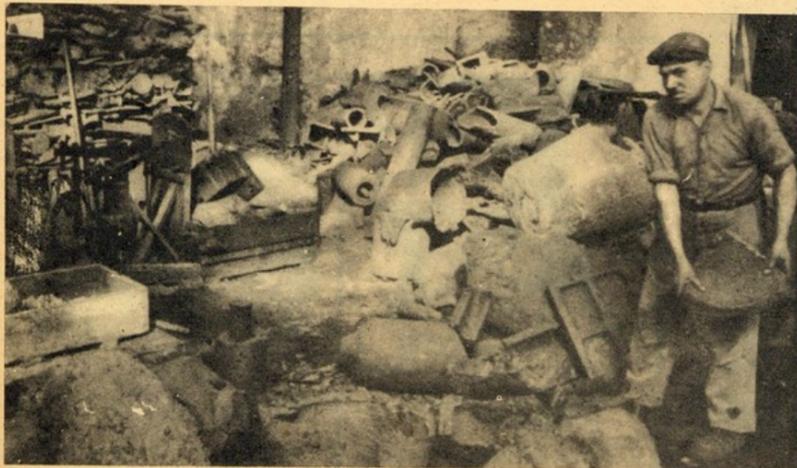
GERMANA BRAZ DE OLIVEIRA



Neste cenário decorativo e infernal, o calor sobe torturante. O forno está em pleno funcionamento e, ao lado, os operários aquecem os cadinhos onde o aço será lançado.



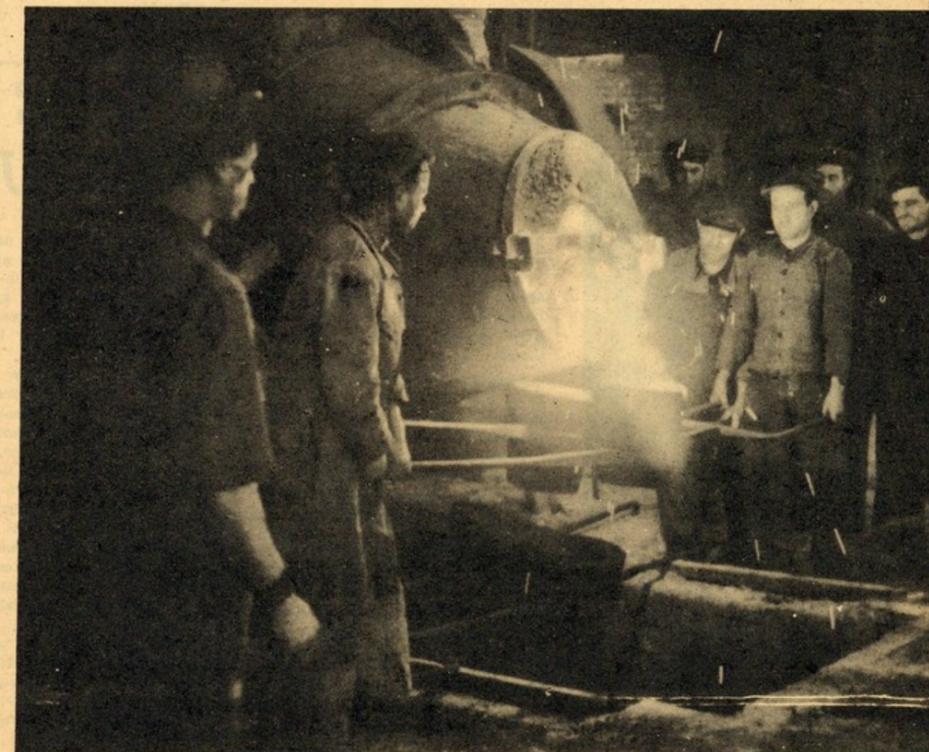
Não é uma queda de água — é o ferro fundido que brilha no negro do ambiente. Ferro líquido a correr do forno que o derrete...



Hoje, mais do que nunca, a sucata vale ouro. Andam cá fora numa lida os negociantes a procurá-la, para a vender à fábrica, onde será fundida. A renovação da matéria — pois na natureza nada se perde e tudo se transforma...



Uma operação dolorosa. O calor é sempre o amigo e o inimigo do homem: sufoca-o e dá-lhe os meios de tornar melhor a vida...



O aço foi derretido. Lança-se, então, nos pequenos cadinhos. Ali será transportado para as caixas moldadas — os moldes donde saem prontas as armas de guerra e as armas pacíficas do progresso...

NÃO sabemos se já ouviram falar desta filha da grande poetisa Gilka Machado — Eros Volusia, a bailarina brasileira que tem despertado a admiração de todo o mundo pelos seus bailados ricos de exotismo e de sensualidade.

Mas devem, desde já, decorar esse nome. Eros Volusia é bem a bailarina da volúpia — como alguém já lhe chamou.

Ela tem algumas expressões, belas e sugestivas, do seu bailado «Macumba», uma das suas mais perfectas criações coreográficas.



## “TEATRO PARA SOLDADOS”

*é uma ideia felicíssima e a sua realização terá um alto sentido patriótico!*

— diz Samwell Diniz

**S**AMWEL Diniz, presidente do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais e procurador à Câmara Corporativa — além de artista consciencioso e brilhante, com uma larga e relevante fôlha de serviços prestados à causa teatral — é, simultaneamente, um homem de inteligência lúcida, de espírito desempoeiradamente moderno.

Por tôdas estas razões, julgámos nosso dever ouvi-lo em primeiro lugar, acêrca da iniciativa, que lançámos em nossas colunas, de «Teatro para Soldados».

Samwell Diniz acolhe-nos com a distinção e gentileza que, nêle, são já proverbiais.

Começa por nos dizer que acha a ideia muito feliz, tanto no objectivo cultural, como no objectivo patriótico. E acentua:

— Sim! Teatro Português, no bom sentido, para os soldados portugueses — guardas vigilantes da defesa do Império e da sua independência.

Entusiasma-nos sinceramente o inte-

rêsse que Samwell Diniz demonstra pela ideia.

E, logo, inquirimos:

— A quem deve caber a realização da iniciativa. Aos particulares, aos empresários ou ao próprio Estado?

Ele fica um pouco pensativo. Depois, calmamente, dá o seu parecer:

— Porque a índole comercial destes espectáculos deve ser posta absolutamente de parte, pois esse aspecto não só desvirtuaria como comprometeria a ideia e, portanto, o seu objectivo, entendo que a realização de tal iniciativa nunca poderá caber a uma empresa ou entidade particular.

— Então, a quem?

Samwell Diniz é claro e conciso:

— Por direito, ao Ministério de Educação Nacional, de colaboração com o Ministério da Guerra e, para maior viabilidade, segundo me parece, com a comparticipação do Comissário do Desemprego.

Concordamos com êle, em absoluto.

E aproveitamos a oportunidade para saber o interesse que a ideia pode merecer ao próprio Sindicato.

Samwell Diniz sorri amavelmente:

— A ideia, como se deve calcular, interessa muito particularmente ao Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais por se tratar de uma iniciativa de difusão cultural e artística e de carácter acentuadamente social.

De seguida, êle reforça a intenção das suas palavras.

— Cria, o Sindicato dará com todo o gosto a colaboração que lhe fôr pedida!

O tempo é escasso e não permite a continuação da nossa conversa. Samwell Diniz tem de se preparar para «Tovarich». Despedimo-nos, agradecendo a amabilidade do ilustre artista — e partimos convencidos de que este valioso depoimento de Samwell Diniz abre com chave de ouro o registro de opiniões que procuraremos arquivar sobre «Teatro para Soldados».

A ideia está em marcha. Com o estímulo das palavras, do apoio e da promessa de colaboração do Sindicato Nacional de Artistas Teatrais — «Teatro para Soldados» é um sonho que se dilata, que se aproxima da realidade, a passos largos...

E. M.



## E FOI ASSIM QUE A PEPITA SE CASOU...

pela fama alcançada em países distantes.

Contavam-se lendas e histórias acêrca da linda Sansalvador — bonequita mimosa cujo corpo traçava espirais de sonho, enquanto dançava...

Sérgio Lifar, o mago, conheceu-a em Paris. Profecizara-lhe uma carreira vitoriosa. Ele não se podia enganar.

E não se enganou mesmo. Pepita Sansalvador — aquela menina bonita que trazia nos olhos quentes uma grande mensagem de esperança — triunfou! Triunfou, sem apadrinhamentos falsos nem adjectivos escusados. Triunfou porque a sua Arte era verdadeira!

Lisboa conhece-a bem, sim. Lembra-se dela, dos seus sorrisos, dos seus bailados, sobretudo dessa extraordinária «Dança do Fogo», onde ela tinha uma das suas maiores criações.

Um dia, Pepita Sansalvador partiu. Deixou Lisboa, envolto numa névem de sol. Levava saúdaes, talvez, e deixava muitas saúdaes.

Durante algum tempo, não se souberam notícias. Dizia-se apenas que ela estava em Espanha.

E, de repente, surgiu a grande novidade: Pepita Sansalvador, a bonequinha, casara-se em Barcelona!

Agora, já se conhecem mais pormenores. Pepita enamorou-se de José Valero, o rei dos cantores de «jazz», no país vizinho. Ele, há muito se deixara prender, também, pelos encantos dessa menina mimosa, flôr de formosura e de graça. E o idílio correu feliz, venturoso, até que no dia de S. José, o templo de San Agustín, em Barcelona, se encheu duma curiosa multidão, que queria assistir aos esponsais de Pepita Sansalvador com José Valero.

Já há imensos anos que não se realizava em Barcelona festa tão formosa. Música e flôres, sorrisos e canções, bailados e alegrias. E em redor de tudo isso o mesmo sol dourado de sempre. Foi assim que a Pepita se casou...

REPÓRTER DOIS

**L**ISBOA conhece-a bem. Menina desenvolta e bonita, ela chegou aqui, numa certa manhã de sol dourado e, depressa, nos volteios atrosos dos seus passos de dança — conquistou Lisboa.

Andou por teatros e «dancings» — arrastando uma cauda enorme de admiradores sinceros.

Não era mais uma bailarina. Era, sim, uma grande bailarina, diferente das outras e consagrada



## Rui Couto,

o mais moderno  
arquitecto  
português...

**N**A Escola de Belas Artes, acaba de prestar provas finais para arquitectura um rapaz de 26 anos, cheio de talento, filho de António Couto, artista de prestígio entre os arquitectos portugueses.

O seu trabalho de tese intitulado «Círculo de Belas Artes para Lisboa», despertou vivo interesse entre mestres, alunos e amigos do jovem artista, que o admiram e vêem nele um dos mais definidos valores da moderna geração. Mas o que era, afinal, essa tese que tanto interesse despertara? Talvez o seu autor não desdenhasse explicar-no-la... E, realmente, Rui Couto explica:

— O meu trabalho é o projecto duma Sociedade de Belas Artes para Lisboa, uma coisa que nós não temos e que muita falta nos faz. Tudo quanto interessa ao artista, desde a sala de projecções de cinema ao gabinete de leitura, salas de conferências, jardins, coube no meu projecto... E tudo isso não é inteiramente irrealizável. O artista tem que respirar uma atmosfera que lhe permita dar mais largueza aos seus anseios...

— Ficou satisfeito com a sua classificação?

— Sim... Não posso dizer que 17 valores não dêem alegria a qualquer. Todavia, eu continuarei a trabalhar. Os valores finais se podem dar certas garantias, pedem, em compensação, na vida prática, muito esforço e entusiasmos.

— Que faz agora?

— Eu não sou professor. Não gosto. Sou burocrata. Pertencço aos Edifícios de Lisboa! Tenho em mãos diversos projectos que me dão muito trabalho. Um deles é o restauro da igreja de S. José, de Lisboa, e o de uma capela para Cadafais, perto de Alenquer; fora disso fiz já muita coisa para instalação de fábricas no Poço do Bispo...

— Uma miscelânea...

— Claro. O arquitecto faz tudo, mas devia especializar-se no estrangeiro sobre determinados trabalhos, como sejam, por exemplo, o urbanismo.

— Gosta?

E Rui Couto, com entusiasmo:

— É, de facto, o que mais vivamente me prende. Devemos educar o gosto do povo pelo urbanismo, para que se não façam planos de urbanização que são verdadeiras aberrações!

— E da arquitectura, a sua predilecção?

— Pela moderna, pela arquitectura dos nossos dias, que deve caminhar ajudando a reconstruir o mundo dos escombros.

Rui Couto, que com o pai fez a parte da arquitectura referente ao monumento a Fausto Guedes Teixeira, na última exposição de Belas Artes concorreu com um trabalho de pintura, a pastel, sendo-lhe atribuída uma segunda medalha.

Para rematar a breve entrevista, Rui Couto afirma e sorri:

— Trabalho sempre. E o lápis de carvão ou de pastel são-me do mesmo modo simpáticos, porque igualmente servem para requintar o gosto pelos traços e pelas cores!



## PORTELA JÚNIOR voltou...

entanto, no canto do homem e da terra sem artificio de gases — que mal vestido, o seu modelo do quadro 36! — que Portela Júnior se aventura a muito do melhor que entre nós se tem pintado. Há na sua pintura visibilidade, um poder másculo e emotivo que em quadros da última geração de pintores raros vezes terá sido igualado. Não é a maneira suave da pintura de

Malhoa a que transparece nos quadros de Portela Júnior, mais esfuante, mais vivo, mais movimentado do que o nosso mestre de paisagem humana. Nos seus quadros, o azul, o vermelho e o amarelo — o céu, o sol e as cearas fundidas no mesmo sonho de beleza — andam em passeios loucos, de mãos dadas, bizarramente salpicando a natureza e os homens. Os homens, principalmente. Porque as cabeças dos zagais, dos festeiros, dos feirantes, erguem-se, fortemente, altivamente, dominando a natureza que passa a uma linha de contornos esbatida. O seu quadro «Alentejanos», como o outro de larga composição — «Véspera de boda» — são de resto, trabalhos definitivos do artista, qualquer coisa de muito sério, que quem vela pela segurança do nosso património artístico, não deve deixar morrer ao canto de ateliers.

A nota de referência aos quadros e o pormenor de cada um, não cabem nestas linhas — e é pena, porque muito haveria que dizer desta exposição, onde os «bébés» talvez porque não são ainda «gente», não têm ainda a melhor representação. Em compensação, a natureza morta é tão representativa do meio a que foi arrancada — como do eloquente talento de Portela Júnior, nesta exposição, tanta vez expresso e afirmado.

M. A.

## QUATRO MASCARAS DE HOMENS CÉLEBRES

*NO grande choque causado pelas contendas políticas e militares entre as nações e que, sob o signo da guerra total abrange quasi todas as manifestações vitais de um povo, há — ou devia haver — um domínio imune contra os fenómenos dos conflitos: as manifestações do espirito, quando traduzidas em obras de arte e que falam a linguagem de todos os povos cultos. A Ale-*

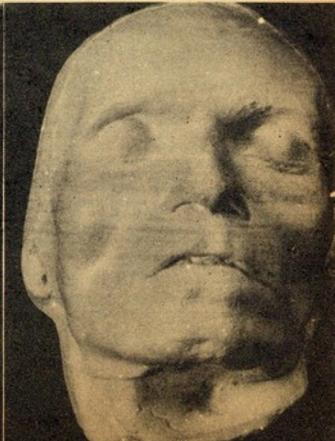
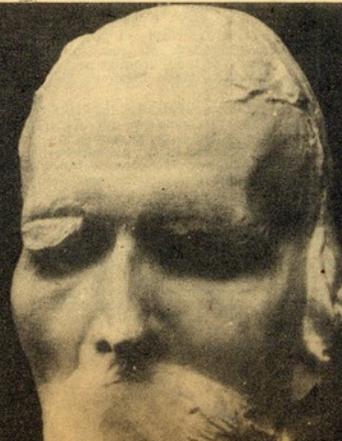
*manha tem dado ao mundo muitos desses espiritos, habitantes transitórios de homens que ultrapassaram o tempo e o espaço. Aqui dmos algumas imagens desse esplendor espiritual, convertido em máscaras mortuárias. São algumas saídas de uma grande série referentes a homens que viveram e desapareceram e cujas obras os tornaram para sempre grandes e inesquecíveis.*

*Ricardo Wagner era um revolucionário, cujas criações imortais triunfaram finalmente contra todas as resistências, para hoje serem comuns de todo o mundo musical.*

*Entre os grandes filósofos de todos os tempos, Nietzsche ocupa um lugar especial. Reparem na sua máscara e vejam se não traduz a mais intensa radiação de luz interior.*

*Um dos criadores do som mais profundamente alemão foi Karl Maria von Weber, que continua a viver nas suas obras. Sente-se que o seu espirito cresce em altura.*

*É imortal a obra de Beethoven, cujo génio ilumina todos os povos civilizados. O sofrimento vive-lhe na expressão do rosto do mesmo modo que no interior das suas composições.*



## "ANTERO DE QUEENTAL"

Por António Ramos de Almeida

NAS biografias e estudos críticos publicados desde o centenário do nascimento de Antero sobe essa estranha e inesgotável figura da vida portuguesa, o trabalho de António Ramos de Almeida em três tomos dos «Cadernos Azues» (\*) foi um dos mais úteis e oportunos. Para isso concorrem fundamentalmente as suas qualidades e os seus defeitos — a simplicidade e a clareza da narrativa e a falta de novidade audaciosa nas interpretações.

É um erro muito vulgar supor-se que a personalidade e a obra de Antero podem ser «tratadas» literariamente com *objectividade*, isto é, com rigoroso sujeito objecto estudado, com imparcial e exacto julgamento, sem tese e sem critérios pessoais. No entanto, ninguém estranha, como seria lógico esperar-se, que em tal caso a personalidade e a obra literária apareçam íntima e essencialmente ligadas, sem que possam separar-se uma da outra e constituindo problemas humanos intercorrentes que nunca se conseguem desarticular.

Em princípio (como intuito prévio e nos primeiros passos do seu trabalho) Ramos de Almeida deixou arrastar-se a uma perspectiva crítica fundamentada quanto possível, tão profunda quanto puder ser, relativista e interpretativa, portanto pessoal. Não se percebe bem o que Ramos de Almeida pretende quando afirma que este trabalho «não é uma tese porque fugi a criar em torno do poeta dos «sonetos» mais uma teoria mistificadora». Para um público mal instruído e mal informado como o nosso, pode muito bem ser a pior das mistificações, em certos casos, apresentar a figura de Antero, juntamente com a análise descritiva da sua obra, sem se versar no mais largo domínio da teoria.

Neste estudo, felizmente, a capacidade intelectual do autor ri-se do seu propósito. O que realizou não foi uma obra sem teoria e sem tese — foi o outro objectivo que muito bem expôs e muito bem cumpriu. Interpretar Antero na totalidade das suas qualidades e dos seus defeitos, vendo-o à luz do condicionamento humano e social em que viveu nos fins do século passado. Para o conseguir submeteu-se a tudo o que faz o inteligente apreciador de Antero: ficção literária, reconstituição de ambientes, interpretações ousadas e discutíveis. Tão discutíveis que realmente nos aparece muitas vezes em plena expressão do seu grande conteúdo esse

dramático, emocionante, perturbador Antero que nunca terá o seu «estado definitivo». Se o poeta dos «Sonetos» foi pouco contemplativo e anti-plástico; se foi o mais gigantesco lutador de todos os mitos do estabelecido; se o idealismo o atraíu ou foi ele que traíu, pela vida e pela morte, o autêntico idealismo; se a acção anterior pode desmentir a teoria, se pode explicar-se apenas pela ingenuidade ou se idealismo revolucionário — tudo isso são teses que a boa garra crítica de Ramos de Almeida exprimiu com largueza; e o seu maior mérito está precisamente em oferecer aos que as leem a melhor adesão que é o estímulo outra análise crítica dos mesmos temas.

Quando o autor deste trabalho biográfico se diminui é nas páginas, bastante numerosas, em que o narrativo predomina sobre o interpretativo; e como inconvenientes acessórios da obra, podem mencionarem-se ainda o fracasso no estudo das influências que sofreu Antero; a indecisão, sentimentalidade vulgar, paisagismo externo exagerado no estudo da infância e adolescência do poeta; a evasão do problema da morte de Antero, que é um dos elementos fundamentais da sua vida e da sua obra — talvez o mais arrebatador para quem o julgar na integridade da sua significação humana. Não se pode dizer também que Ramos de Almeida soubesse apreciar com a amplitude necessária a questão, não muito difícil mas com extrema actualidade, das relações de Antero com o socialismo do seu tempo; da compreensão que teve ou não teve da época político-social que atravessou e, sobretudo das razões que o desviaram (ou mesmo fizeram ignorar) do socialismo científico já então formulado. No restante, que é muito, este biógrafo de Antero soube reconhecer e exprimir o que mais importa da sua sedutora personalidade para as gerações novas. Até o entusiasmo na admiração para quem se habituou a encontrar neste país, a amarga e gelada indiferença dos medíocres pelos que os ultrapassam. Sincero e justo, apaixonado pelas grandes e generosas devoções do génio ao destino comum que a outros parece banal, Ramos de Almeida soube identificar-se com o seu nobre tema e viver nelas com toda a alma. Isso basta para que da obra irradie uma simpatia humana e uma sugestão compreensiva que aos leitores dirá quasi tanto como a mais profunda e séria especulação crítica.

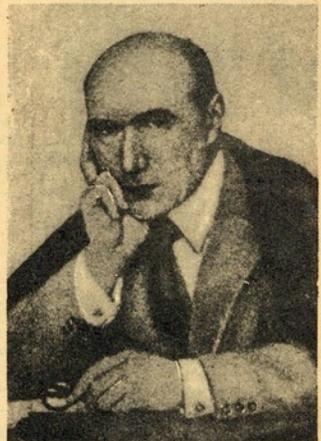
ALVARO SALEMA

(\*) Pôrto — Livraria Latina Editora.

## COMO ÊLES SÃO NA REALIDADE ANDRÉ GIDE

Os últimos anos da vida de André Gide, já bastante velho para merecer a tranquilidade devida ao criador de uma obra literária de génio, têm sido bastante acidentados.

De derrocada da França em 1940 fê-lo refugiar-se na paz rústica da aldeia de Cabris, entre a paisagem melancólica da região de Grasse. Mais tarde apareceu no norte de África, não sabemos se fugido a possíveis ameaças — abandonando as suas bonançosas traduções de Shakespeare. Na Tunísia foi surpreendido pela retirada italo-alemã e incluído numa lista de reféns com duvidoso destino. Libertado pouco depois, é natural que o seu espírito subtil e fino tenha reconquistado esse dom de suprema análise «au-dessus de la mêlée» que é o mais flagrante génio das suas criações de romancista e observador humano.



## UMA CARTA DE CHARLES OULMONT

N. R. — O escritor francês Charles Oulmont dirigiu-nos a carta que a seguir reproduzimos, a propósito da notícia-crítica publicada pelo nosso ilustre colaborador Dr. Alvaro Salema, sobre o seu livro «Voltaire na Intimidade». Essa crítica é de inteira responsabilidade do seu autor, e no assunto não nos emiscuivamos, por consideração para com o crítico e o criticado, dois amigos desta casa e dois nomes a altura de tomar a responsabilidade pelas suas afirmações. A carta de Charles Oulmont publicamo-la de boa vontade: ela é, de resto, apenas um esclarecimento.

Senhor Director: — Tendo lido uma referência ao meu «Voltaire na Intimidade», publicada nas colunas da sua revista que foi sempre para mim a mais amável das «amigas», permito-me dirigir-lhe estas poucas linhas, para que os seus leitores, muitos dos quais são os meus, saibam que o livro que aqui se apresenta traduzido em língua portuguesa, foi publicado em 1936 e coroado pela Academia um ano depois — quero dizer, muito antes da guerra. Por outro lado, se, contrariamente ao meu costume como Dr. da Sorbonne e discípulo

de Joseph Bédier, eu tive o desgosto de me abster de mencionar a origem de muitos dos documentos inéditos, citados em «Voltaire na Intimidade» foi porque me senti entre duas posições — a de faltar a mais elementar respeito pela pessoa que me confiara esses documentos, sob condição «formal» de não revelar a sua proveniência (por motivos que eu não tinha nada que discutir) — e a de não utilizar esses documentos, isto é, de privar, portanto, os leitores e admiradores de Voltaire de uma fonte documental infinitamente preciosa.

Fiel, ainda, nisto mesmo, aos princípios dos meus professores filólogos e críticos, escolhi de dois males científicos, o que me pareceu ser o melhor...

Quanto à tradução, sem me permitir fazer uso dos meus conhecimentos da língua portuguesa, aproveito a ocasião que se me oferece para prestar homenagem ao esforço considerável, à dedicação tão rara e tão perfeitamente portuguesa, de Celestino Gomes que eu admiro tanto como a... João Carlos.

Sr. Director, queria aceitar a airmação dos meus sentimentos de devoção.

CHARLES OULMONT

## 10 MINUTOS COM JOAO DE BARROS



JOAO de Barros, poeta e observador literário da vida em todos os seus aspectos de inteligência ou de humanidade é dos raros escritores portugueses de primeiro plano que não precisa de apresentação ante o público. Pelos seus grandes dons, está tão perto da multidão como dos intelectuais. E, como sempre, começamos por pedir-lhe notícia dos seus projectos literários:

— O que tenciona publicar este ano?

— Um pequeno poema intitulado «Canto de Prometheus», talvez outras poesias, e um hino para gente

môça «Vasco da Gama», de colaboração com o meu amigo Julião Quintinha... Mas interessará tanto aos leitores da *Vida Mundial Ilustrada*, ou a qualquer pessoa, saber o que val ou não publicar um sobrevivente como eu?

— O que pensa da Literatura portuguesa de hoje?

— Apesar de tudo quanto acontece no mundo, creio que não envergonha, antes prestigia, a vida intelectual do país. O romance, a crítica, o lirismo estão em pleno movimento ascensional, porque de ano para ano os escritores alargam o, melhor ainda, universalizam o âmbito das suas aspirações, dos seus temas e dos seus conceitos de arte. Talvez a poesia devêsse abandonar o excesso de subjectivismo, de narcisismo emocional que, propositalmente, mantém. António Nobre foi um grande poeta, mas não é mestre que se aconselha. O excesso de exotismo que na sua obra se afirma em «ponto final», não um início de novos aspectos e revelações da vida e do mundo ou, mesmo, da consciência individual. Cesário Verde, esse, sim, é um dos maiores pioneiros e guias cuja lição o lirismo do nosso tempo deve compreender e seguir. Sem falar, claro está, em Antero e João de Deus, e — mau, grando certos ódios ainda latentes — do próprio Guerra Junqueiro.

Tudo quanto, em literatura, pen-

samento é arte, nos permita ou suscite convicção com o pensamento, a arte e a literatura dos outros países cultos, será sempre bemvindo, senão absolutamente indispensável muitas vezes. E repare-se em como o melhor conhecimento e mais fraterna intimidade com a literatura brasileira nos tem sido útil, sob todos os pontos de vista. Portugal precisa de alargar, de ampliar cada vez mais o âmbito das suas capacidades de assimilação e vitalização das conquistas e aquisições realizadas ou a realizar nos domínios do espírito e do génio criadores. A garantia do seu futuro mental reside aí. A grandeza e originalidade da sua literatura — dessa atitude inteligente e, agora, de certo modo corajosa, depende.

Nada de nos julgarmos inferiorizados porque tentamos e queremos entender e interpretar as almas de alheios povos. A seiva portuguesa é bastante forte e viva para de tudo extrair e recolher elementos de maior energia e de mais seguro abrolhar. A tradição é uma bela cousa, bela e necessária. Mas só quando enleada, abraçada ao mais agudo, sincero e constante sentimento do porvir. Hesitar no rumo dos horizontes de amanhã — seria a morte de todas as tendências, capacidades e esperanças, que alvorecem hoje nas obras e anseios dos jovens escritores da nossa terra.

## FAÇA DE PAPEL

Publicou-se a 2.ª edição do romance «Noite de Angústia», de Castro Soromenho, notável revelação de um escritor de grandes dons para a literatura colonial. Em breve se fará demorada referência crítica a esta obra a que não se prestou ainda completa justiça perante o grande público.

— É um apreciável serviço ao público do nosso país, que toma agora contacto mais comum e fácil com grandes nomes da literatura britânica a edição pela Portugália do brilhante trabalho de Ifor Evans, «História da literatura inglesa».

— Saíu em 2.ª edição o romance de Carlos de Oliveira «Casas na duna», uma das mais perfectas e animadoras revelações da nova arte do romance.

— O professor de filosofia Paiva Boléo publicou um estudo oportuno sobre «Brasilicrismos» em que apresenta alguns problemas actuais de teoria e prática da nossa língua.

— «Onde tudo foi morrendo» é o título do romance de Virgílio Ferreira, que se anuncia como descoberta de um novo prosador de forte personalidade capaz de trazer às letras portuguesas apreciáveis criações.

— Lígia Ezagui publicou um novo livro, «Ela», em que descreve com delicadeza e verdade alguns problemas da alma feminina.

# A LITERATURA NOVA E A FUNÇÃO DA CRÍTICA

NADA mais modesto do que esta secção de crítica em que, todas as semanas e no estreito espaço de que não se pode exorbitar, é feita a apreciação de obras que mais interessam ao próprio crítico ou que a expansão entre o público obriga a julgar. Por ser modesta a tarefa — e já que algumas virtudes andam sempre ligadas — parece não merecer dúvidas a ninguém que é bem intencionada a crítica aqui exposta em pequenas doses semanais. Pela modestia e pela boa-intenção, seria natural que se fizesse sempre um pequeno esforço compreensivo em face dela; e que pessoas igualmente bem-intencionadas, como é o caso de Joaquim Namorado, não lhe recusassem aquele breve olhar do entendimento claro que vale quasi tanto para quem escreve como a gota de água oferecida de bom ânimo a quem passa fatigado pela estrada.

Já é um tanto absurdo do que o jovem poeta Joaquim Namorado, a quem me ligam tão profundas afinidades, venha defender, na aparência *contra mim*, o néo-realismo e as suas obras — as de escrita, e não de mim jovens, na idade e nos intuitos admiráveis, cuja trajectória literária e humana acompanho. É absurdo, porque na sua crítica do «Diário de Coimbra» não se trata de defender tanto as obras como o sentido de uma obra de arte — essa designação de «néo-realismo» que os acasos da terminologia literária parecem querer impôr sem remédio aos melhores representantes das novas correntes do romance. Por causa da fórmula e não das obras — sobretudo da «Fanga» de Alves Redol, cuja crítica nesta página provocou a investida de Joaquim Namorado — mostrei eu ignorância dos seus pontos fundamentais; cometi «erros», afirmel. «Inexactidões», responsabilizei doutrinas pelas más realizações que se apresentam delas esqueci o essencial das obras, troquei por «uma visão de superficialidade» e, em remate, disse «falsidades» por não compreender que no néo-realismo cabe tudo. Na verdade, o jovem poeta que me censura inclue entre os modelos da escola o «surrealismo» de Aragon, o pássaro do simbolista de Steinbeck, a obra épica e de análise intelectual de André Malraux; e só ao cabo de larga argumentação sobre coisas que não li ou que não pensei — e que, portanto, não disse nem pressupuz — me fala dos autores portugueses, incluindo Redol, a quem de facto se dirigiam as minhas observações comprimidas e modestas.

As obras d'elles (romances ou narrativas em moldes de ficção) me referi exclusivamente — e não a quaisquer formas de uma Carta estético-social do néo-realismo que não vi formulada até hoje. Nelas encontrei, de facto, a superficialidade e a profundidade, a expressão concreta do que considero ilusão perigosa: que a miséria possa ser um tema literário só por si, sem a transfiguração em caracteres definidos que lhe dêem verdadeiro sentido humano. Sobre isto apenas — a realização dos modernos autores portugueses e não a sua hipotética teoria — valeria a pena Joaquim Namorado dirigir-me as suas observações e a mim valeria a pena fazer um esforço sincero de esclarecimento. Esclarecer-me, na verdade, para melhor pensar e melhor dizer que espero d'elles criações incomparavelmente mais belas, mais perfectas, mais inteligentes e, sobretudo, humanamente mais fecundas do que as reveladas até agora.

\* \* \*

Para os mais novos romancistas portugueses, a que se chama «néo-realistas» de justificação para os seus nobres fins humanos — é um grave mal entendido a distinção artificial entre a arte de expressão psicológica e a arte de intenções sociais em que se faz paisagem literária da miséria. Essa distinção não me importaria como doutrina — porque não creio na importância de doutrinas prévias em literatura — se não a visse implicitamente praticada nesses mesmos romances que se apresentam hoje como realizações definitivas de uma escola nova: a «Fanga» de Alves Redol, «Esteiros» de Soeiro Gomes, «A casa na duna» e «Eu queria viver».

Há neles (com teoria e responsá-

vel) ou sem ela, não importa) a voluntária substituição de *qualsquer formas* de análise psicológica pela observação da vida popular nos seus aspectos mais dolorosos. Suprimem-se nessas obras, inteiramente ou quasi, a representação da vida interior dos seres fora do seu ambiente material cotidiano; a construção de personagens com «carácter», a descrição lírica da paisagem, o estudo dos sentimentos nas suas formas subtis e várias, até mesmo a expressão moral das aspirações emancipadoras, já que se explica por outros motivos a supressão provisória da sua expressão intelectual e directa.

Nessa mutilação voluntária, que se vê com evidência para além de todas as teorias e «textos», pressinto eu o mais grave risco de fracasso para uma escola a que gostaria de aderir sem restrições e que revelo já não só bons escritores, mas altíssimos intuitos humanos.

Apresentam essas obras, no conjunto, um aspecto de reportagem regional, unicamente consagrada à descrição da miséria, em que os tipos humanos se dissolvem sob a caduca monotonia dos sofrimentos secundares, da vida estreita e rude, da natureza ingrata que sufoca as almas. E nem os seres assim figurados ganham carácter de personagens, nem a forma literária que os exprime ganha estilo, nem a aspiração pressuposta da libertação da miséria se revela nas fortes afirmações de pessoas vivendo, sob uma forma nova, os dramas comuns de todos os dias. A fome, o frio, a ignorância, o medo, a abjecção, podem ser iguais em todas as partes do mundo e para quasi todos os homens. As obras literárias que representem tudo isso é que devem ser diferentes, sobre tipos e casos humanos diferentes. A renúncia a essa fundamental «nuance» é que eu chamo renúncia à análise psicológica necessária — não ao psicológico vácuo e ao amor do monstro que é, realmente, um «ranço» literário fora do nosso tempo e das suas exigências. A isso chamei eu «ilusões néo-realistas».

Pela sujeição exagerada ao real, no pior sentido da expressão, falta aos romancistas novos a originalidade e unidade de estilo que são os penhores fundamentais da arte. Falta-lhes o lirismo intrínseco ou o sentido do épico; e se é verdade, como diz André Gláze, que só é artista quem dominar o estado lírico, não é menos verdade que para dominar é preciso tê-lo sentido primeiro — incorporando-o como substância intrínseca na sensibilidade e através dela na obra, sem temer então o egocentrismo grotesco.

Os romances dos novos romancistas não têm personagens *de facto*. Os que aspiram a sê-lo, por meio do seu criador rebentou por instantes a estreita malha da observação chamada néo-realista, depressa se apagaram em idêntica mancha acinzentada, se dissolvem num tipo comum de que só os distinguem as circunstâncias externas e desitadas. E o único factor de caracterização humana que lhes concedem. E isto é regionalismo, não é arte social — o mau regionalismo em que falta o sentimento grandioso e original da natureza que, em literatura, também pode e deve ter personalidade. Nem mesmo o povo, a massa obscura e dorida a quem é preciso fazer o apelo para o terrível e o grandioso, apareceu ainda nesses romances como um autêntico personagem. Um realismo que saiba ser, na verdade, «expressão consciente das realidades sociais e parte integrante da luta que modificará essas realidades», como disse Aragon, não esconde nada disso a quem procura ver o melhor nos romances que o reivindicam. Talvez se encontre aí a razão do grave erro que é repudiar Zola ou colocá-lo depois de Balzac na galeria dos epígonos. Nem Balzac, nem Flaubert, nem os Goncourt, nem Zola fugiram ao estudo psicológico dos personagens; menos ainda o fizeram Máximo Gorki, ou Barbusse, ou André Malraux, ou Ehrenburg — e toda a legião inúmera das vezes mensageiras de escritores que nos anunciam de longe outro destino. Não desprezaram a perfeição e a riqueza do estilo, não confundiram os personagens na penumbra monótona do estado de mi-

(Continua na pág. 22)

OS  
LIVROS  
DO  
MOMENTO

LEYGUARDA  
FERREIRA

O AMOR  
faz  
MILAGRES

romance

edição  
ROMANO TORRES

JOÃO  
amaral  
JUNIOR

VAMOS  
ser  
FELIZES!

romance

edição  
ROMANO TORRES

NICOLAU GOOD

TARAS BULBA

Colectão «Romances Celebres»

Lilva da Fonseca

PANGUILA  
ROMANCE

PARCERIA A M PEREIRA

HELLMUTH UNGER

ROBERTO KOCH

EDITORIAL AVIS

JOÃO VALERA

PEPITA XIMENES  
NOVELA

Os livros  
que deve ler

## A literatura nova e a função da crítica

(Continuação da pág. 21)

séria, não recalcam o sentimento profundo da natureza, do homem e do seu destino — vivido no autor e vivendo nas obras. Em suma, como dizia Saint-Beuve ainda em pleno romantismo: souberam ver e amar o futuro do mundo, o sofrimento dos seus semelhantes e a grandiosidade da natureza.

Talvez seja esse o humano verdadeiro, o que se consome e vibra com a dor, seja ela o estado fisiológico de um ser com fome ou o drama abstrato de uma alma em imaginário duelo com o mundo.

Grande e perigoso equívoco, realmente, confundir o espectáculo da miséria, visto e descrito, com a realidade humana do homem que a sofre. Para fazer da miséria popular um tema é preciso redinir à observação e ao movimento, em si mesmo mudo, dos personagens, um forte sentimento épico do bem e do mal que deixe implícita na criação literária a ideia da justiça. «E acontecer coisa um homem, que diabo!» dizia um personagem dos «Conquérants» de Malraux. Sim. E alguma coisa um homem — é muito mais que um sofrimento passivo e monótono da última das circunstâncias, um fantoche patinando na lama e apertando a barriga esfomeada — é um ser que vive, sentindo e pensando como pode, a sua vida, no centro de um universo que o estraninha mas que também o pode arrastar heroicamente.

\* \* \*

Se alguma função posso atribuir à crítica literária ou se ela pode significar alguma coisa, não é excluindo ou estranhando o espaço em que a criação estética se gera e engrandece, mas mostrando-lhe, com modestia e de longe, o seu mais largo caminho. Sei o caminho que percorro, escrevendo; e se escrevo e critico, é para não ter que me sentir nele menos acompanhado do que na vida.

ALVARO SALEMA

### TÃO CERTO COMO 1 E 2 SEREM 3

Torná-lo-emos rápida e economicamente Guardalivros se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos grátis a:

**INSTITUTO LUSO-BRASILEIRO DE COMÉRCIO**

Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12. 1.º PORTO  
N. B.—Nãomos remeta dinheiro para siêlos



### Fim inglório...



...de um fato que não foi limpo com o

### CASULO Limpa-Fatos

esse extraordinário produto que torna os fatos como novos e mais duráveis: elimina-lhes lustro, nódoas, mau cheiro, desinfecta-os e limpa-os.

Síntese maravilhosa de 6 substâncias inofensivas, actua sobre os tecidos renovando-os.

Cada pacote custa apenas 2800 e dá para 1 litro de solução.

Em todas as drogarías

REVENDA:

Schroeter & Almeida

Rua da Madalena, 128, 2.º — LISBOA



## Maria Sidónio

(Continuação da pág. 11)

Faz uma pausa. O repórter tem de a acicatar:

— E depois?...  
Maria Sidónio tem outro suspiro. — Depois... alguém que veio há pouco do Brasil, está em comunicação com uma grande estação de rádio carioca, que me oferece a possibilidade de ir cantar para os brasileiros...

\* O carro lá, agora, na Avenida 24 de Julho. O combóio eléctrico passou numa corrida rápida e barulhenta.

— Não irei ao Rio, evidentemente, cantar *sambas* e *marchinhas* — diz Maria Sidónio, sorrindo com galaticidade. — Apresentarei algumas canções portuguesas que estou seleccionando.

— E pensa fazer teatro, no Brasil?  
— Não. Apenas cantarei no Rádio e gravarei discos.

Não sei se os leitores sabem que foi a Maria Sidónio a introdutora em Portugal da «Mulher do Padeiro», essa música que correu o país de ponta a ponta, como perigosa epidemia.

— A responsabilidade não é minha! — diz Maria Sidónio, com uma gargalhadinha saltitante. — O jornalista Armando de Aguiar, que veio do Brasil em companhia de António Ferro, é que me convidou para ir ouvir uns discos que trouxera: «A mulher do padeiro», o «Lero-lero», a «Chica-boa» e outros. Depois, os maestros Fernando de Carvalho e José Montelro passaram-me a música para o papel... e assim foi...

Dá outra gargalhadinha:  
— Oh!, como muita gente me deve odiar ao ouvir a *Mulher do Padeiro!* O que vale é que o *Sebastião como tudo* não é menor epidemia...

O carro parou junto de um prédio de ansejo.

— Eu fico aqui — diz Maria Sidónio. — Vou buscar umas músicas.

Despede-se do repórter com um sorriso que valia uma canção.

— By, by!...

— Para onde vamos agora? — interroga o *chouffeur*.

— Para a redacção.

Pôs o motor a funcionar. Depois, voltando-se no banco, pergunta:

— Aquela senhora é que é a «Mulher do padeiro», não é verdade?

Depois tem um sorriso vaidoso e exclama:

— Conheci-a logo!...

REPORTER UM

## Sinfonia do aço

(Continuação na pág. 17)

Vulcano, o deus do fogo, tem a sua oficina bem montada. Estão ali cinquenta homens. Não se ouviu uma ordem, não se ouviu nada. Os ajudantes desilam como sombras. Cada um sabe bem o que lhe compete fazer e executa a sua tarefa em silêncio. Tornase impressionante a certeza e segurança com que se movem simultaneamente, como salamandras, por entre o ígneo correr do metal, sem uma hesitação, num afan consciente da responsabilidade que a cada um cabe, para que o conjunto saia perfeito.

O calor cada vez afecta mais. Quasi fugimos da sala de fundição. Lá dentro ficava um mundo diferente, num labor pesado mas útil. Cá fora, já noutro ambiente, um soldador, de máscara na cara, enchia a electrogénio um veio das máquinas duma fábrica de adubos, nesse momento em reparação. Era um novo andamento da grande sinfonia de trabalho a cuja audição parcial acabávamos de assistir.

G. B. O.

O Livro do Momento  
**A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA**  
Por RAFAEL MARÇAL

DOURADO

DAR A BELEZA A CULTURA NECESSARIA

**INSTITUTO DE BELEZA 'CARMEL'**  
\* BELEZA E ESTÉTICA \*  
AV. 4.ª LIBERDADE, 204, X. - TEL. 43815

**CABELEIREIROS, MASSAGISTA, MANUCURE, PEDICURE, BANHOS ESCOCES, DE DEPURAÇÃO E DE LUZ.**

**COIFFEURS, MASSAGE, MANUCURE, PEDICURE, BAINS ESCOSSAIS, DE DEPURATION E DE LUMIERE**

Aos possuidores de

Radio-gramofones ou Discofones,

**Columbia**

oferece um programa de MÚSICA CLÁSSICA, escolhido entre as melhores gravações:

**BEETHOVEN** — Concerto n.º 4 em sol (Piano), *Walter Gieseking* e Orquestra Sinfónica.

**BEETHOVEN** — Concerto n.º 5 — Imperador — (Piano), *Walter Gieseking* e Orquestra Filarmonica de Viena.

**BEETHOVEN** — Sinfonia n.º 5 em dó menor, *Weingartner* e Orquestra Filarmonica de Londres.

**HAYDN** — Sinfonia n.º 45, *Sir Henry Wood* e Orquestra Sinfónica de Londres.

**LISZT** — Concerto n.º 2 em lá (Piano), *Egon Petri* e Orquestra Filarmonica de Londres.

**MOZART** — Sinfonia em ré (Paris), *Thomas Beecham* e Orquestra Filarmonica de Londres.

**MOZART** — Sinfonia n.º 41 (Júpiter), *Thomas Beecham* e Orquestra Filarmonica de Londres.

**SCHUBERT** — Sinfonia Incompleta, *Sir Henry Wood* e Orquestra Sinfónica de Londres.

**PEÇA UMA AUDIÇÃO NOS**  
**EST. VALENTIM DE CARVALHO**  
RUA NOVA DO ALMADA, 97

## COMENTÁRIO

**P**RINCIPIOU a época tauromáquica. Começaram as discussões, como ecos da temporada finda, em que se debateram mil opiniões e de mil formas se expandiu o entusiasmo ou a indignação. Um e outra, porém, servem a festa brava e como tal vivamente desejamos que a temporada agora iniciada seja de novo viva em discussões e feita em pareceres diversos. Acorrerão novos aficionados que, embora pobres de bagagem técnica, levam às praças a alegria do seu entusiasmo que não conhece regras nem obedece a tradições mas constitui a seiva que manterá o futuro da festa de toiros.

As dificuldades do momento actual, com o perigo sempre próximo de surpresas que possam prejudicar um plano estabelecido, dificulta naturalmente a acção das empresas organizadoras, pelo que o panorama tauromáquico se não apresenta muito claro. Assim, a Sociedade Campo Pequeno, exploradora da nossa primeira praça, viu-se forçada a não fornecer dados concretos acerca do que tenciona fazer, limitando-se a afirmar o seu propósito de apresentar figuras destacadas do toureiro espanhol, não fazendo figurar os nomes de «ganaderias» que podem considerar-se as de mais tradições, muito embora entre as citadas figure a de Cláudio Moura, que foi a que forneceu, em conjunto, os melhores toiros corridos o ano passado no Campo Pequeno.

O que, porém, é certo e aqui registamos com o maior agrado é a vinda de um bom grupo de mexicanos que constitui, senão garantia, pelo menos grande promessa de espectáculos plenos de cor, movimento, alegria e coragem.

Se a isto juntarmos a boa vontade e diligência dos artistas nacionais, numa competição leal mas sempre apertada, sobretudo no que se refere à cavalaria, teremos razões para esperar que a nova temporada resulte interessante. — J. D. A.

## CAPOTAZOS

## DOMINGUIN EM ALGÉS



Segundo nos afirmaram, na primeira corrida de Algés, Pepe Dominguin não foi uma sombra de si próprio, comparativamente ao que fez no Campo Pequeno, nas duas actuações da época passada. E ainda há quem diga mal dos mexicanos, esses admiráveis representantes do toureiro másculo que valem pelo que fazem e pelo que forçam os outros a fazer. Felizmente Gregório Garcia já voltou...

## O DESTINO DOS HOMENS



O arranjo dos elencos da feira de Sevilha esteve difícil por não quererem os «ases» tourear os «Miuras» que constituíam uma ou duas corridas.

Se nos lembrarmos que Joselito, o maior de todos, foi tomar numa praça sem importância, ferido por um touro de ferro des-

conhecido, somos forçados a reconhecer, com tristeza, a profunda modificação que o tempo operou no meio tauromáquico. E o pior é que com a falta de virilidade que se vem manifestando, o espectáculo de toiros perde interesse nesta península onde brilha o mesmo sol que iluminou as «faenas» de Joselito e Belmonte no período áureo do toureiro, tão recente ainda...

## UMA ANEDOTA



Uma tarde, após uma corrida em que Rafael Gallo estivera mal como só ele sabia estar mal, deixando recolher vivos ao curral os toiros que lhe tinham sido destinados e escutando um tremenda «bronca», perguntava um «belmontista» convicto a um «gallista» apaixonado:

— Então esse «maleta» é que é o primeiro toureiro da Espanha?

E logo o «gallista» sem se desconcertar:

— Homem! Se Rafael estivesse sempre bem, os outros toureiros morreriam de fome! É preciso ser bom colega!



Manolo Ortiz num passe de peito

## A PRIMEIRA NO CAMPO PEQUENO

**N**ÃO resultou de modo a satisfazer completamente o público que enchia a praça, a primeira corrida da época no Campo Pequeno. Muito embora o cartaz apresentasse elementos de interesse, só no último touro o calor do entusiasmo se sentiu, quando Ortiz executou uma «faena» bonita, frequentemente interrompida por palmas merecidas. Se o labor de Ortiz tem sido no seu primeiro touro, quarto da tarde, a animação ter-se-ia mantido e menos morosa nos pareceria a lide do quinto, como mais vistosa a do sexto.

Disto se depreende que a corrida não foi das mais animadas, sendo porém de anotar alguns detalhes que mereceram palmas, tais como um comprido e dois dos vários curtos de Simão da Veiga; a lide que D. Vasco deu ao seu segundo touro, artística e alegre, só deslustrada por um violento toque na montada, e, ainda duas pegas de caras verdadeiramente brilhantes.

Simão, no desejo de satisfazer o público que tanto o acarinha, procurou bandarilhar a duas mãos, mas como o touro se não prestava a isso, a sorte não resultou. Assim, só houve que aplaudir a boa vontade e a beleza da preparação, que foi brilhantíssima.

D. Vasco, que primeiro encontrou

um antagonista que se negou à peleja, redimiou-se depois toureando muito bem o sexto, o que lhe valeu prolongada ovação.

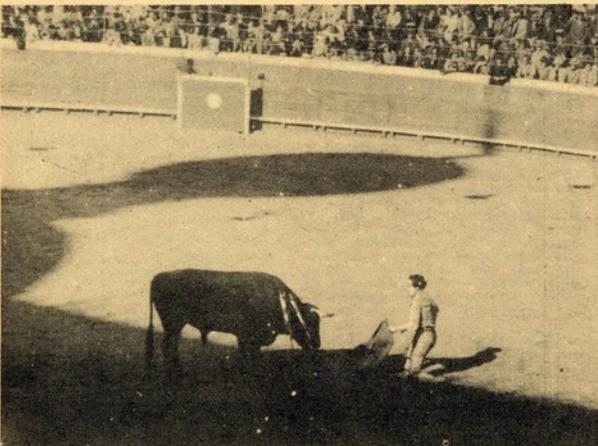
Ortiz, para quem foram as melhores palmas que se deram, fez no oitavo uma excelente «faena», variada e artística, a que não faltou uma série de «naturais» com a esquerda rematados com o de «peito». Parado e direito, soube correr a mão e se passes houve em que o toureiro procurou vantagens, outros foram de execução perfeita. O público premiou-o com volta ao redondel, num aplauso que abrangia dois pares de bandarilhas que cravara anteriormente e não tinham sido devidamente sublinhados. Com o capote é elegante é manifestou verdadeira vontade de agradar.

Escudero não interessou. Toureiro basto, tem apenas de recomendável a valentia manifestada.

Salientaram-se na brega, Procópio, Correia e Gomes, sobretudo o último que nos mais pequenos detalhes mostra o seu excelente temperamento de toureiro. Registe-se ainda um par fácil e decidido de Saraiva, com vista e serenidade.

Toiros — houve de tudo: maus, voluntariosos e suaves.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA



Escudero adornando-se no segundo da tarde

## As arbitragens no Basket-Ball e o programa da Comissão Central de Árbitros

na opinião do seu presidente José Dias Ferreira

**N**ESTA página muito temos falado de árbitros e arbitragens, de várias modalidades desportivas! É um problema sempre actual e cuja resolução não é fácil e muito menos imediata, por uma série de circunstâncias, por nós largamente escaupadas.

Uma das especialidades em causa, é o «basket-ball», esse jogo magnífico, onde um esteta encontra campo vasto para a recolha de imagens, ricas de colorido, de movimento e de beleza. Como exercício puro, o «basket» é admirável. Tem altíssima função fisiológica. Em competição, tem uma legislação complexa, que aliás se compreende, dadas as próprias características que o distinguem. Mas, quando bem jogado, nunca perde o sentido do belo.

O que temos escrito sobre os árbitros, visa sobretudo a pugnar pelo seu nível médio de cultura. Este predicado trará concomitantemente um enriquecimento de bagagem técnica, e mais fácil assimilação da mesma.

A frente da Comissão Central de Árbitros de «Basket-ball», está um camarada nosso de jornalismo, com uma valiosa e fecunda folha de serviços, prestada ao «basket». Foi jogador dos primeiros tempos, bateu-se sempre com o melhor espírito desportivo e na memória dos mais antigos então ainda existiam algumas notas, cada vez mais, filhas do seu temperamento combativo.

Depois de jogador, José Dias Pereira tornou-se dirigente, alargando a sua esfera de acção não só ao «basket», como a outras modalidades, entre elas a natação. Sem hipóbole, pode afirmar-se que Dias Pereira detém o record de cargos directivos. Numa época, tem chegado a acumular três e quatro. Sempre com proficiência e uma dedicação extraordinária. É um convicto do desporto. E é, sem dúvida, o primeiro crítico português de «basket-ball». Como felizmente, não temos o costume de incensar e apagar, sentimo-nos perfeitamente à vontade para expandirmos esta opinião, — que, além de tudo o mais, é justíssima. Ouvimo-lo sobre o organismo que dirige. Começamos por lhe perguntar quais as atribuições da Comissão Central.

— As atribuições da Comissão Central de Árbitros estão claramente especificadas no texto do Decreto 32.946, e são, além de outras: regulamentar, dirigir e fiscalizar o recrutamento, preparação técnica e actuação dos árbitros e cronometristas, bem como classificá-los; exercer acção disciplinar sobre árbitros e cronometristas; velar pela integral aplicação das Leis do Jogo; nomear árbitros e cronometristas para as provas da Federação e competições inter-regionais e internacionais; organizar e manter actualizada a ficha dos árbitros e orientar e fiscalizar a actividade das Comissões Distritais.

— Vasto programa, pois...

— O programa é realmente vasto — e também complexo, pois nada há feito em muitos dos pontos que nos incumbem agora estudar e resolver. No acto da posse, o sr. tenente-coronel Salvação, Barão de S. Carlos, porém, idéias definidas que vamos procurar pôr agora em prática.

— A Comissão Central está já, portanto, em plena actividade...  
— Não tanto como seria para desejar, porque, para remediar quanto possível a falta da Comissão Distrital de Lisboa, tomamos desde logo conta da missão que a esta devia incumbir. E isso tomamos muito tempo, pois os jogos são muitos, e os árbitros, infelizmente, poucos. Estamos tratando da escolha dos nomes que hão-de formar as Comissões Distritais; trabalhamos de firmeza na redacção de uma circular de instruções aos árbitros de todo o País; procedemos ao estudo das bases do regulamento da Comissão Central e vamos fiscalizando e orientando a acção dos árbitros de Lisboa.

— E a seguir?  
— Novos trabalhos aparecerão a seu tempo, logo que as Comissões Distritais comecem a trabalhar den-

tro das bases que o citado Decreto 32946 lhes fixa.

No capítulo de preparação técnica dos juizes de campo há muito a fazer, — para não forçar a nota e dizer que há tudo a fazer. Há poucos árbitros e os que existem não mantêm a indispensável unidade de interpretação. A missão que consideramos mais difícil é precisamente essa — a de chegar a perfeita unidade de julgamento. Para isso, ou por meio de palestras ou por intermédio de circulares, e no sentido de elevar o nível dos conhecimentos técnicos dos árbitros, manteremos com todos relações estreitas. E trabalharemos pela formação de novos juizes, no sentido de aumentar o paupérrimo quadro actual.

— Um assunto de flagrante actualidade é o que se refere ao nível intelectual médio a exigir aos juizes. Pode dizer-me o que pensa a Comissão da sua presidência sobre o mesmo?

— Nada temos fixado ainda em definitivo. Mas esse ponto não deixará de ficar devidamente regulamentado. Nas condições em que actuam os árbitros de «basket-ball», sem benefícios materiais e apenas por vezes, com prejuízos morais, não nos parece que possamos ir muito longe. Entendemos, no entanto, que o árbitro, para bem cumprir a sua missão necessita ter a instrução necessária para assimilar as bases técnicas em que assentam as regras do «basket-ball», discernir claramente sobre os casos que se apresentem no decorrer de um desafio e relatar clara e precisamente os factos que ocorrerem. As arbitragens no «basket-ball» são por vezes...

— ...Mais difíceis que as de qualquer outro desporto, não é assim?  
— O «basket-ball» pratica-se num recinto pequeno, onde as jogadas se desenvolvem por vezes com rapidez desconcertante. Dentro de um campo de «basket-ball» o árbitro precisa de raciocinar rapidamente e sem hesitações, pois de contrário perder-se-á muitas vezes, sem possibilidade de se recompor.

— A acção do árbitro de «basket-ball» tem, de resto, outros factores que a tornam difícil. A proximidade do público — tantas vezes desconhecedor e injusto — pode influir seriamente no trabalho do árbitro, se este não souber ou não puder escudar-se com uma insensibilidade que nem todos são capazes de manter.

— O remédio para esse mal, seria então...

— A acção firme dos juizes dentro do espírito das regras, completada com a divulgação pelos assistentes habituais das pugnadas de «basket-ball». Se os incorrectos ir-se-ia até ao procedimento policial. Sobre este facto já pedimos à A. B. L., para dar aos seus delegados as instruções necessárias.

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

**Sal**  
PARA COSINHA E MESA

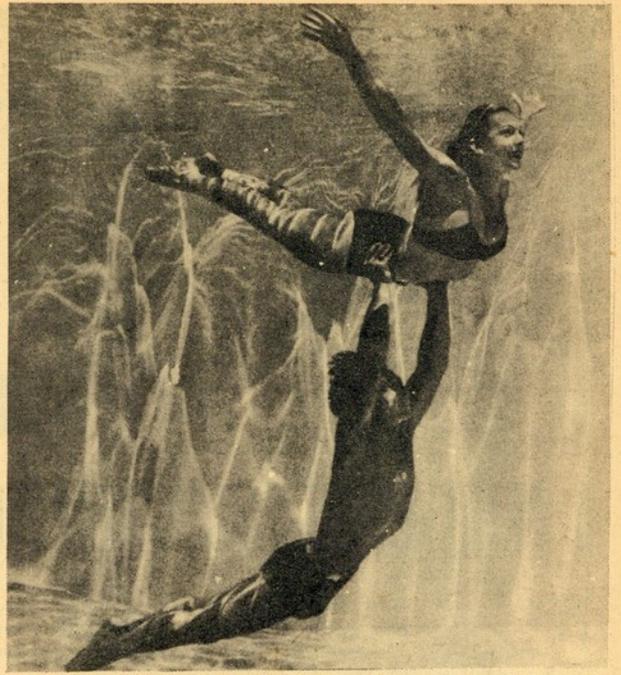
**IRSA**  
O MELHOR

A VENDA NAS BOAS MERCEARIAS

Distribuidor exclusivo em LISBOA

**IRMÃOS COSTA DIAS, L.ª**

Rua 4 de Maio, 62 - 64 - Tel. 49538



Que mais admirar, nesta foto? A ginástica, a elegância e o risco das atitudes no meio das ondas, ou a pericia do fotógrafo?  
O melhor é deixar sem legenda esta foto de sereias de ambos os sexos...

## NEGÓCIOS DA CHINA

**O**S clubes de futebol confiam a organização dos jogos nos seus campos a uns indivíduos, aos quais propriamente poderemos chamar «organizadores». Competem-lhes tirar as respectivas licenças de jogos, indicações dos porteiros, policiamento de campo, etc. Os clubes depositam nêles a máxima confiança e não se preocupam com pormenores, que, sendo indispensáveis tratar, obrigam no entanto, a perder muito tempo. Até aqui, nada de extraordinário. O pior é daqui para diante...

Por essa missão, os referidos indivíduos — e não vale a pena citar os nomes, aliás quasi todos muito populares... — recebem uns tantos escudos por organização, independentemente dos que auferem por serem empregados das colectividades. Semanalmente, de modo geral à terça-feira, a Federação de Futebol envia aos clubes os bilhetes que lhes competem, para os prélios do Campeonato Nacional, bilhetes que entram de posse dos citados «organizadores».

Com a proximidade dos jogos, o espectador que pretende arranjar um lugar hipoteticamente cómodo, dirige-se a um dos grémios intervinientes na partida que lhe interessa e pede um bilhete, para comprar, claro está.

Resposta quasi invariável:

— «É não há lugares marcados. A Federação enviou poucos bilhetes. Vai o espectador ao outro clube e ouve o mesmo disco! Dirige-se à Federação e aí respondem-lhe:

— «Não temos. Metade da casa foi para cada clube!».

— Que fazer, pois? Aguardar os contratadores, que andam bem fornecidos dêles, pedem o preço que lhes dá a real gana?...

Ora vejamos: a Federação não mantém negócios com os contratadores. Por consequência, êles adquirem os bilhetes nas colectividades. Como? E porque? É simples: os organizadores, passam-lhes todos para as mãos, a tróco evidentemente, de uma «cominação» zozinha, que em certos domingos rende choruda quantia. Valores entendidos, portanto, entre contratadores e «organizadores», com os quais ninguém nada teria, se não se levassem de forma tão escandalosa os interesses dos espectadores, que para assistir ao seu espectáculo favorito, são forçados a esportular importâncias que não estão de harmonia com a comodidade dos lugares.

Na penúltima semana, na terça-feira, já não havia bilhetes para o Benfica-Sporting. Tinham-se escomatado. A quem manifestava o máximo empenho em ver a partida — e pessoas houve que vieram do Algarve de propósito para esse efeito

— eram prometidos bilhetes com a condição de juntar mais vinte escudos aos trinta da tabela!... e por grande favor!...

A quem pedir providências para pôr cõbro a este emagnifico negócio da China?!

## CURIOSIDADES DO MUNDO DESPORTIVO

**P**OR singular capricho do Destino, alguns nomes mais famosos do

Desporto mundial, após se retirarem da actividade, têm estabelecido modos de vida afins. De que género? Abrindo «bars» e «cabarets», e servindo-se da sua popularidade para atraírem a freguesia... Evidentemente que nesse ponto, ninguém lhes poderia levar a mal. Pode ser até uma medida inteligente, — e pelo menos, parece que tem dado resultado.

Recordamos que Georges Carpentier teve um «cabaret» em Paris, onde, além de proporcionar à sua excelentíssima clientela os mais variados divertimentos, também dava as suas lições de boxe, muito à suçaça, e muito razoavelmente retribuídas...

Mas a lista aumenta. Rudi Hiden, um austriaco que se naturalizou francês, guarda-redes, quarenta vezes internacional, que envergava ainda há tempo a camisola do Racing, de Paris, abriu na Cidade da Luz um «cabaret». Apesar das circunstâncias actuais, os parisienses lá estão, fielmente, a provar ao popular jogador a sua simpatia e a deixar os competentes francos...

Grandes tormentos passa Yvon Pétra, campeão de ténis, que também possui um «bar». Não bebe senão água, o que o aborrece solenemente, pois de vez em quando a sua clientela troca «saúdes» com o célebre tenista e êste vê-se em apuros para poder retribuir... alcoolicamente!...

Neste correr da pena, não nos recorda que aleta algum, português, se tenha arvorado em proprietário de «cabarets» e «bars»...

Ainda bem. Estabelecimentos dêses, de desportistas, para desportistas, cá no burgo, seria um caso muito sério!...

## A MULHER NO LAR

1—Avental-saco, bastante gracioso e de grande utilidade. Num dos compartimentos, pode aplicar-se, por dentro, um pequenito fecho de correr, para guardar dinheiro.

2—Outro avental prático e original, tendo como ornamento uma algebeira grande com as cores da bandeira da pátria.



## A MULHER FORA DO LAR

1—Elegante vestido de tarde em crepe azul marinho ou outra qualquer cor. Saia franzida no pano da frente.



## RAINHA DE BELEZA DE 1944

**A**PESAR de tudo, neste ano de guerra, de ruína e de tragédia, os homens ainda têm tempo para pensar na beleza da mulher. Assim, notícias recém-chegadas da Suécia, dizem-nos que num concurso de beleza organizado pela revista «Se», foi eleita rainha entre cento e cinquenta jovens concorrentes, esta bonita rapariga que se chama Marguerite Orstadius.

Rainha de beleza, no meio da guerra — eis um título de que poucas mulheres se podem orgulhar.

## A RECEITA DA SEMANA

### BANANADA

Polme de banana cozida, 1.000 gr. aproximadamente.  
Açúcar pilado, 1.000 gr. aproximadamente.

Escolhem-se bananas maduras, mas não sorvadas, descascam-se e metem-se em água em ebulição.

Naturalmente, a fervura pára com a entrada das bananas mas recomeça em pouco tempo; depois dela recomeçar, tiram-se as bananas, escorrem-se e passam-se através duma peneira fina.

Pesa-se o polme resultante e o peso dele representa o do açúcar pilado a empregar.

No caldo resultante da cozedura das bananas, que deve filtrar-se, delta-se a quantidade de açúcar determinada e leva-se ao lume até que a calda chegue ao ponto de reбуçado.

Dentro desta calda retirada do fogo, delta-se o polme, mexe-se muito bem com uma colher de pau e, depois da mistura estar feita, delta-se a bananada em tabuleiros e expõem-se estes, livres de poeira e à acção do sol, para endurecer a camada superior do doce.

## OS NOSSOS INQUÉRITOS SEMANAIS

**T**ENDO terminado no dia 11 de Abril, o prazo para a recepção das respostas ao nosso primeiro inquérito, encontramos-nos agora a seleccionar essas mesmas respostas, para publicarmos as melhores.

Contudo, sentimos-nos desde já satisfeitos pelo êxito e pelo entusiasmo com que as leitoras de *Vida Mundial Ilustrada* receberam estes inquéritos semanais.

Aqui vai, pois, proposta à vossa inteligência e à vossa intuição, leitoras amigas, um novo problema que interessa a tôdas as raparigas portuguesas:

### 2.º Inquérito:

#### QUE PENSA DO CASAMENTO?

- Qual deve ser o tempo mínimo de noivado?
- Arba que a diferença de religião e classes possa impedir um casamento?
- Em sua opinião, quais as condições fundamentais para um bom casamento?

As respostas a este inquérito devem ser enviadas num postal para a redacção de *Vida Mundial Ilustrada*, Rua da Emenda, 69, 2.º Lisboa, até 18 de Abril.



## Mulheres que o tempo não esquece! SARAH BERNHARDT

**S**ARAH Bernhardt, a célebre trágica rival de Eleonora Duse possuía um espírito estranho, mas verdadeiramente feminino.

Se compararmos estas duas artistas rivais na arte e possivelmente, no amor, encontraremos, decerto, em Sarah, muito do coquetismo que faltava em Eleonora. Mas Sarah Bernhardt, a caprichosa e animada rainha das multidões, a mulher que pela sua beleza destruiu lares e vidas, a mulher loucamente amada pelos homens do seu tempo e invejada por muitas outras mulheres — Sarah Bernhardt, sabia, contudo ser boa, discreta e simples com aqueles que lhe mereciam especial atenção. A sua generosidade para com os que necessitavam e tinham vergonha de pedir, era, às vezes, sem limites. E quando lhe era necessário usar dessa generosidade para com amigos, sabia-o fazer com tanta elegância e amizade, com tanto carinho e descrição que os deixava agradecidos e encantados.

Um dia, na sua salinha elegante arranjada à época, Sarah Bernhardt sorria feliz às pessoas amigas que a rodeavam. Ela estava contente, extremamente contente, por ter ali, junto dela, uma outra pessoa cujo olhar profundo a envolvia numa admiração que a tornava feliz.

Como ela adorava aquelas reuniões íntimas! Mas as horas iam avançando e, aos poucos, os amigos iam também saindo. Porém, o admirador de Sarah Bernhardt deixava-se ficar mais um pouco. Súbito, os seus olhos tomaram uma expressão estranha. Qualquer coisa se passava que o enchia de curiosidade. E fingindo não dar por isso, começou examinando o gesto disfarçado de alguns dos convidados da sua amada, ao retirarem, com cautela, qualquer coisa duma jarra colocada numa pequenina mesa. A um canto da sala, jarra e mesa ficavam quasi escondidas por um pesado reposteiro. Que mistério seria aquê?...?

Não podendo suportar tamanha curiosidade e levado, talvez, pelo ciúme, o apaixonado da bela trágica, deixou-se ficar para o fim.

Então, já a sós, ele perguntou-lhe com ansiedade:  
— Perdoe-me, querida. Eu sei que vou ser indiscreto, mas permito-me ter o direito de me interessar por tudo que se passa com Sarah Bernhardt. Ela sorriu-lhe. Sorriu-lhe com gaiteio.

— Que foi, meu amigo? Que deseja saber?  
Ele hesitou um pouco mas decidiu-se, por fim:  
— Diga-me, então, se realmente pode dizer-me, o que tiravam alguns dos seus amigos, tão disfarçadamente, de dentro daquela jarra?

Sarah Bernhardt ficou pensativa. No seu rosto desapareceu, por momentos, o sorriso «coquette».

Depois, com carinho e graciosidade, alisou com a mãozinha branca os cabelos quasi grisalhos do seu belo apaixonado, e disse com tristeza:

— Oíça, meu caro, nem todos os meus amigos estão sempre em boas condições financeiras. Mas todos os meus amigos sabem que dentro daquela jarra há sempre dinheiro. Eles sabem que há dinheiro ali dentro e sabem, também, porque está ali. Compreende agora?

Sorriu, olhos gaiatos nos olhos dêle e acrescentou baixinho:  
— Assim posso ajudá-los sem que os obrigue ao constrangimento de pedir!

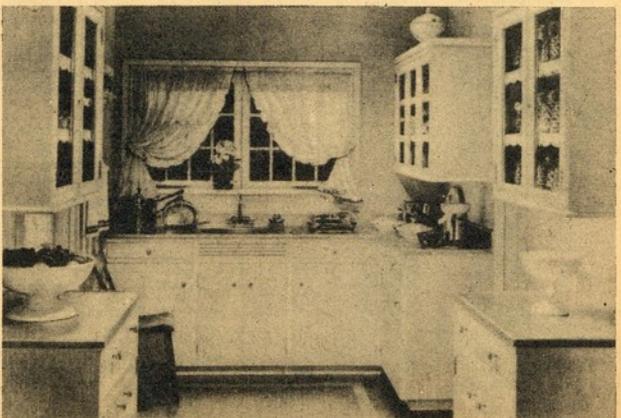
Baixinho também, muito baixinho, êle murmurou:  
— Querida feiticeira! Como êles a devem adorar!...

E não exagerava, de facto, êsse apaixonado admirador. Quando Sarah Bernhardt morreu, alguém afirmou com fervorosa sinceridade: «Sarah est toujours vivante. Sarah était une déesse... Les dieux ne meurent pas».

Ela era deusa pela arte e pelo coração!...

MARIALIA

Os artistas de cinema gostam de casas modernas e práticas. Robert Montgomery, o conhecido actor cinematográfico, mostra-nos o que conseguiu duma cozinha absolutamente pequena, mas onde todos os recantos foram aproveitados na perfeição. Os armários são laqueados e na gravura notam-se vários aparelhos eléctricos.



# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXV - A campanha africana

**D**URANTE seis meses, entre Maio e Novembro de 1941, pode dizer-se que a frente mediterrânica, com a sua projecção africana, passou para um plano secundário. E, entretanto, quaisquer que fossem as aparências ela continuava a desempenhar um papel de grande importância no quadro geral da luta. Eis um precedente que bem poderia ser invocado para explicar a actividade, que depois veio a reinar em determinados teatros de operações, actividade limitada e reduzida no seu aspecto exterior mas essencial à realização de fins estratégicos essenciais numa guerra de coligação.

Esse período de seis meses foi ocupado por acontecimentos espectaculosos a que o mundo prestou uma atenção ávida, enquanto os comunicados do que se passava em África apareciam com um tom monótono que dava a impressão de que nada, efectivamente, se passava e que o Mediterrâneo e o Norte de África eram como que estranhos ao que de fundamental se estava passando no resto do mundo.

Os Balcans haviam sido ocupados. Os alemães tinham invadido a Rússia. A Wehrmacht que, quando o ritmo das operações na Líbia se atenuou, em Maio, se encontrava em Belgrado, estava, quando essa luta se reacendeu, em Novembro, a uns escassos quilómetros de Moscovo. A batalha aérea sobre a Inglaterra diminuiu em termos de permitir a este país reconstituir-se e preparar-se para as novas tarefas que o destino lhe reservava. A campanha submarina recrudescera de violência e de intensidade. A entrada na guerra do Japão e dos Estados Unidos era uma questão de semanas e já não podia oferecer dúvidas a ninguém que o abismo que se abria entre Tóquio e Washington não poderia ser preenchida pela boa vontade nem pela diligência dos diplomatas que se empenhavam, nas duas capitais, mais em disfarçar as suas verdadeiras intenções do que em estabelecer uma ponte que permitisse estabelecer um acordo entre as reivindicações nipónicas e a capacidade de transigência dos norte americanos.

Mas essas realidades dramáticas não impediam que os acontecimentos do Norte de África e do Mediterrâneo dessem ser seguidos com atenção cuidadosa.



### MODIFICAÇÃO DE COMANDOS

Durante esse período dum semestre, assinalado pela resistência de Tobruk, enquanto os preparativos para novos cometimentos se intensificavam dum e doutro lado, os alemães confiavam a sorte das suas tropas à experiência e à capacidade de improvisação do general Rommel, que começara por dar as suas provas com a primeira corrida no deserto, e os ingleses confiavam a sorte da guerra naquela área vital para os seus interesses a um novo chefe militar conhecido pela sua energia e pela sua decisão mais do que pelas suas provas anteriormente dadas.

A substituição do general Wavel não deixava de constituir para o governo de Londres um problema da maior delicadeza. O herói da primeira campanha atri-

*Wavel é ainda hoje um dos mais populares generais do exército inglês. A sua substituição no comando das tropas que combatiam em África foi um problema delicado para o governo britânico que o transferiu para a Índia. Hoje é o vice-rei daquele vasto império da coroa britânica.*

cana, que já gozava no seu país duma grande popularidade quando assumiu o encargo de destruir o exército de Graziani, viu essa popularidade aumentada por virtude do êxito dos feitos militares em que a sua iniciativa pessoal desempenhou o papel preponderante. Era, e ainda hoje é, no general mais popular em Inglaterra, aquele que o povo inglês mais e melhor compreende pelas suas tendências, pelas suas afinidades e por um pendor humano para conduzir a acção nos campos de batalha, mais pela persuasão do que por quaisquer outras virtudes.

Para o substituir foi escolhido o general Sir Claude Auchinleck que se distinguira em campanhas anteriores. O general Wavel foi transferido para a Índia, depois de ter assumido a responsabilidade de dirigir a resistência na Grécia, coisa que só ele, pela sua decisão, era capaz de enfrentar sem diminuição da popularidade de que gozava. O general Auchinleck era, pela sua formação e pelas suas tendências, sensivelmente diferente do seu ilustre antecessor, não possuindo a mesma cultura, nem os mesmos dotes de génio profissional que fizeram de Wavel um sucessor e um herdeiro autorizado das concepções dos Marlborough e dos Wellington. Em Londres confiavam, sobretudo, na sua energia indomável e na sua resistência ilimitada. Foram efectivamente essas qualidades que acabaram por consagrar a sua actividade, quando Rommel iniciou a sua acção em África.

### CONCENTRAÇÃO DE RECURSOS

Durante os seis meses a que nos referimos, os dois beligerantes concentraram febrilmente novos recursos em homens e em material, especialmente em material blindado, enquanto a Luftwaffe e a R. A. F. eram igualmente reforçadas em proporções que dificilmente seria possível prevêr algum tempo antes. Assim a actividade aérea e a actividade das patrulhas de reconhecimento intensificaram-se, enquanto nas retaguardas se desenvolvia uma actividade enorme que não tardaria, logo que as condições de tempo o permitissem, em traduzir-se por um choque violento entre os dois exércitos.

Do resultado desse choque dependia a sorte do Egipto e dele estava igualmente dependente a sorte do canal e da região do Suez. Nos meios britânicos os preparativos feitos e o exemplo da campanha anterior tinham criado um ambiente de confiança que se reflectia na linguagem dos jornais e nas declarações dos homens do Estado.

Essa confiança aparecia justificada, por um lado, pela intensidade dos preparativos feitos, e por outro se baseava nos factos registados em Tobruk os quais eram incontestavelmente animadores. A resistência da cidade, que se apoiava no mar, mantivera-se inflexivelmente ao longo de todo o período em que as tropas do Eixo a cercaram sem desfalecimento, — de maneira a constituir um ponto de apoio de primeira ordem no momento em que os ingleses se propusessem desencadear a ofensiva.

Estas circunstâncias tinham animado o comando britânico a tentar uma experiência que se não traduzia, como na campanha anterior, a fazer uma progressão ao longo da costa, ocupando terreno e afastando o inimigo. Os ingleses acariciavam a esperança de destruir completamente as forças do marechal Rommel, o «Afrika Korps» e as divisões italianas que com ele cooperavam.

Se o não pudessem fazer, era evidente que o retorno das tropas do Eixo, que se verificara em seguida ao ataque de Wavel, se renovaria e desta vez possivelmente em condições mais graves, pois entretanto as potências do Eixo tinham criado as condições indispensáveis para reabastecer convenientemente as suas forças destacadas em África.

### NAS VÉSPERAS DA BATALHA

Nas vésperas da batalha, isto é, em comêços de Outubro, os dois adversários tinham praticamente completado os seus preparativos e as suas disposições. Para Rommel era impossível tomar a ofensiva, enquanto no seu flanco esquerdo se mantivesse enterrado o espinho de Tobruk. O general alemão estava, portanto, reduzido a continuar na defensiva, uma vez verificada a impossibilidade de dominar a guarnição que tinha o encargo de defender aquela praça forte e demonstrado, como estava, que a simples acção da Luftwaffe não bastava para afastar a esquadra inglesa do Mediterrâneo Oriental.

Para os ingleses criara-se uma situação que jogava inteiramente em benefício do adversário. Os ingleses eram obrigados a atacar, para afastarem Rommel da fronteira do Egipto, e ao mesmo tempo para restabelecer o seu prestígio mili-

tar duramente atingido pelos acontecimentos dos Balcãs e do Norte de África. Além disso tinha-se criado um sentimento de optimismo que levava a avaliar, em menos do que efectivamente valiam, os recursos do Eixo em África, o que tornava para a Grã-Bretanha a ofensiva não apenas uma satisfação de ordem política e de ordem moral, mas um imperativo de ordem militar, dada a quasi certeza que as tropas tinham de levar a bom termo qualquer iniciativa que lhes fosse cometida.

Foi de todas estas circunstâncias que Rommel esperou sempre beneficiar, calculando exactamente os pontos fracos da organização militar britânica, mas sabendo, ao mesmo tempo, que a ofensiva não deixaria de se produzir no momento mais favorável para os seus desígnios. Além de dispôr no local da superioridade de efectivos, o comando alemão sabia que o material dos seus adversários era inferior àquêle que ia utilizar na batalha. Esta não deixaria, segundo todas as probabilidades, de se liquidar a seu favor e esta circunstância permitiria terminar, definitivamente, com a resistência de Tobruk, único escolho verdadeiramente sério que separava as potências do Eixo dum dos seus mais importantes objectivos de guerra: o Egipto e o Canal de Suez.

## À VOLTA DE TOBRUK

Durante o mês de Outubro e as duas primeiras semanas de Novembro, além da actividade militar que se registou na Etiópia e que decidiu da campanha neste país, nenhum acontecimento de envergadura se registou no teatro de operações africano. Apenas se verificaram escaramuças e combates de reconhecimento à volta de Tobruk e junto da fronteira entre a Líbia e o Egipto.

Nos primeiros dias de Outubro, a acção das patrulhas britânicas à volta de Tobruk intensificou-se e obrigou os alemães a aumentar a sua vigilância de dia, e sobretudo de noite, o que constituiu, de momento, uma dificuldade inesperada para os defensores da cidade que, frequentemente, se avariavam em raids audaciosos fora do seu perímetro, apreendendo material ou fazendo prisioneiros em número apreciável.

Da última dessas expedições resultara a captura de duzentos soldados italianos e foi esse episódio que levou os alemães a usar «tanks». Dois postos britânicos, perdidos durante esses golpes de mão, foram reconquistados graças à acção de patrulhas nocturnas constituídas por soldados britânicos e polacos. Estes últimos tinham chegado recentemente a Tobruk pelo mar e, lançando-se imediatamente na luta, tinham-se comportado valorosamente.

No dia 12 de Outubro registou-se um recontro de carros entre ingleses e alemães, junto da fronteira egípcia. Os primeiros levaram nessa ocasião a melhor destruindo alguns carros do «Afrika Korps». Nas três semanas que se seguiram, continuaram as escaramuças de restrito significado local e sempre empenhando-se nelas forças relativamente ligeiras. Em volta de Tobruk a actividade de patrulhas era completada por frequentes duelos de artilharia em que britânicos e polacos davam réplica constante às peças alemãs.

Havia indícios de que Rommel planeava uma operação de envergadura, tentando tomar Tobruk de assalto antes que a ofensiva britânica se desencadeasse. Os sintomas começaram a acumular-se e com eles aumentaram as precauções tomadas pelos defensores da cidade.

## UM PLANO DE ASSALTO À CIDADE

Rommel trouxe para o ataque a Tobruk artilharia pesada em grande quantidade o que constituía um indício seguro das suas intenções próximas. Junto do perímetro defensivo começaram a acumular-se numerosas forças de infantaria e de carros, ao mesmo tempo que se intensificava a actividade dos seus bombardeiros a pique.

De ocidente para oriente a cidade era investida pelas seguintes formações do Eixo: a divisão italiana «Brescia», com o seu flanco esquerdo apoiado no mar; no centro, as divisões italianas «Trento» e «Pavia»; junto destas as 15.ª e 21.ª divisões «Panzer» e uma divisão alemã de infantaria motorizada; finalmente, a divisão italiana «Bolonha» com o seu flanco direito apoiado no mar completava o cerco.

Entre as forças alemãs figuravam numerosos componentes da antiga Legião Estrangeira francesa que se distinguira nas campanhas africanas. Esses elementos tinham sido convidados a combater ao lado dos alemães pelo governo de Vichy e haviam aceite o convite de preferência a irem trabalhar nas indústrias de guerra do Reich. Por um lado era o seu feito aventureiro que lhes dára essa decisão, por outro era a certeza de que a situação, que assim haviam escolhido, era preferível a qualquer outra.



Tobruk, o espinho cravado no Norte de África, tem um porto magnífico que as tropas em presença disputaram ardentemente.



Auchinlek tomava o lugar de Wevell numa altura particularmente difícil. A grande batalha que se desenhou como iminente no deserto pôde, porém, resolver-se em parte devido ao seu poder de organizador.

Junto da fronteira do Egipto, como à volta de Tobruk, as forças do Eixo eram constituídas por contingentes alemães e italianos. Dos primeiros havia uma divisão de infantaria que defendia o desfiladeiro de Halfaia. Os segundos constituíam a divisão «Savona» que se distinguira nas fases anteriores da campanha e que era das melhores e das mais aguerridas formações que a Itália enviara para África.

A defesa do desfiladeiro de Halfaia era particularmente exigente e por isso os alemães haviam assumido a responsabilidade de a assegurar com tropas de elite. Nas alturas que dominavam o desfiladeiro ninhos de metralhadoras tudo constituindo um sistema defensivo, praticamente inexpugnável.

## POSIÇÕES FORTIFICADAS

Mas não era apenas o desfiladeiro de Halfaia que os alemães haviam fortificado poderosamente. Todos os pontos que, junto da fronteira egípcia, podiam constituir bases de partida para futuros cometimentos ofensivos haviam sido meticulosamente guarnecidos com homens e material escolhidos e adequados à função que o comando lhes designara.

Sollum, Sidi Omar e Bardia, eram exemplos da capacidade de organização que os chefes do «Afrika Korps» evidenciavam desde a sua chegada ao continente africano e das suas possibilidades de adaptação às exigências duma campanha colonial custosa e árdua. Nada menos de quinze mil homens guarneciam essas posições que só dificilmente poderiam ser dominadas em caso de ofensiva britânica.

Além das forças que indicamos, o Eixo dispunha ainda naquele teatro de operações de uma divisão blindada alemã que estacionava como elemento de reserva a lesta de Tobruk. Ainda como forças de reserva deviam considerarem-se a divisão italiana «Ariette» (132.ª divisão blindada) que estacionava em Bir el Gobi, a 80 quilómetros ao sul de Tobruk, e uma outra divisão de infantaria motorizada.

Sob o ponto de vista quantitativo as forças do Eixo tinham evidente superioridade em relação aos seus adversários. O general Rommel devia dispôr de cento e cinquenta mil homens, nos quais se incluíam três divisões blindadas e sete divisões de infantaria além de especializados e tropas auxiliares. Era uma força imponente para uma campanha no Norte de África. Essa força habituara-se à guerra do deserto, possuía um material de primeira ordem e utilizava um equipamento igualmente escolhido.

A qualidade dessas tropas era, porém, variada. Os alemães, que haviam sido especialmente preparados e adestrados para aquela empresa, continuava a dar excelentes provas no campo de batalha ou quando estavam em jogo a sua competência de especializados. As tropas italianas não eram, porém, tão seguras embora houvesse entre elas muitos milhares de veteranos do deserto que tinham dado as suas provas e que podiam, sem receio, equiparar-se às melhores tropas coloniais.

## AS FORÇAS BRITÂNICAS

As forças britânicas, embora fossem inferiores em número, eram de uma qualidade mais uniforme sob o ponto de vista da sua aptidão para a luta

(Continua na pag. 30)

PELES

A primeira casa especializada do país.

*Manolita*

APRESENTA:

Preciosos modelos e peles para a primavera.

Os seus ateliers, onde se trabalha exclusivamente em peles, são dirigidos por técnicos estrangeiros especializados.

Apesar da categoria de CASA DE PRIMEIRA ORDEM vende a preços acessíveis.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160  
Telefone 40961

## A BOLSA DO LIVRO

Praça de D. João da Câmara, 44.  
LISBOA TEL. 28470

compra, vende troca,  
emprêsta e leilão  
livros em todo o país.

Informações bio-bibliográficas, etc.

Única organização  
no seu género

## PASTA MEDICINAL

*Couto*

*Escrita as doerças da boca*

NOVIDADE

## URCAPIL

LOÇÃO PARA O CABELO À  
BASE DE SUCO DE URTIGAS!

DESTROI A CASPA! PÁRA A QUEDA DO CABELO! FAVORECE O  
CRESCIMENTO. ATRAZÁ O APARECIMENTO DOS CABELOS BRANCOS  
Pedidos a **Paolo Cocco** Rua Andrade, 4, r/c.

## Sabe responder?

(Respostas da pág. 7)

1—Newcomen (1725) inventou uma bomba de água movida a vapor; 2—Inventou a dinamite; 3—Soares dos Reis; 4—O vidro; 5—«O Primo Basílio»; 6—Emile Cohl.

## Iracema Dilian

(Continuação da pág. 13)

realmente, mais expressão de sentimentos e atitudes. No cinema tudo tem que ser natural, porque a câmara evidencia as mínimas expressões, ao passo que o espaço que vai do palco à platéia rouba muito do fluido comunicável.

Vasculhamos o sacco das perguntas. Cá está mais esta, à maneira de insinuação:

— Você há-de ter os seus projectos matrimoniais...

— Engana-se. E mesmo que o tivesse, não interessava ao público, porque eu continuaria a trabalhar.

— Nem projectos de arte?

— Um: realizar um recital de dança num teatro de Lisboa. Quanto a cinema, não sei... Tenho algumas propostas para voltar a Barcelona...

Vem a propósito dizer que Iracema já conhecia Portugal. Veio para cá há uns dez meses com os pais. Depois seguiu com a mãe para Espanha, para cumprir os seus contratos, felts, aliás, à base de experiências de «maquillage» realizadas num estúdio de Lisboa. A mãe acompanhou-a a Barcelona e Iracema comenta piscando o olho:

— Por causa dos «rigarrillos»... Minha mãe não gosta que eu abuse do «Camel»... Durante as filmagens, consegui não fumar... Mas só até ao dia em que tive de acender um cigarro diante da câmara...

Vê-se logo que Dilian não é superior às fraquezas femininas. E ela também não faz questão de o encobrir:

— Até sou gulosa! E como sou detentora duma receita de torta que é um segredo de família, faço como todas as cozinheiras: dou a receita errada a quem me pede...

— E o que faz quando não tem que fazer?

— Leio, estudo — sim, porque eu completei o ano passado o curso liceal em Itália — faço natação, «tennis», «skis», danço e... monto a cavallo. Aqui, no Estoril, já arranhei dois lindos cavalos! Em Espanha, hoje, é difícil arranjar um bicho destes, não sei se porque não chegam para comer...

E, agora, uma inconfidência: Iracema Dilian tem o argumento de um filme, inspirado numa composição de Debussy — «La bruja de cabellos de lino»...

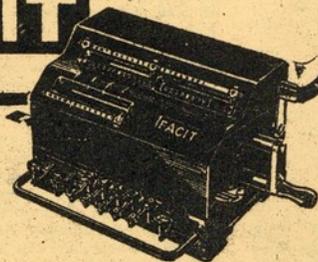
Quem quer, pois, filmar o argumento de Iracema? Acreditamos que as suas produções literárias sejam tão boas como os desenhos de figurinos que faz para os seus bailados... Ela, de resto, é tão simpática, tão simples e afectuosa que dá vontade de lhe fazer todas as vontades — incluindo a de a levar a um retiro de fados, onde quer ouvir aquilo que lhe disseram ser a canção nacional...



ATÉ QUE ENFIMI!

**FACIT**

VOU AGORA  
CANSAR-ME  
MENOS E  
PRODUZIR MAIS  
E MELHOR



Soma — Subtrai — Multiplica — Divide

**SOCIEDADE COMERCIAL LUSO-AMERICANA, L<sup>DA</sup>**

RUA DA PRATA, 145  
LISBOA  
Telef { 25281  
22102

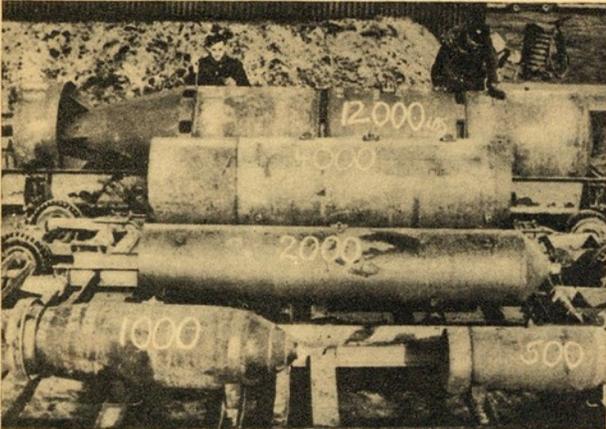
R. SÁ DA BANDEIRA, 339  
PÓRTO  
Telef. 1248



# NOTAS DE GUERRA



Recentemente, Helsinquia sofreu um grande «raids» da aviação soviética. Nessa mesma manhã, a população, disciplinada mas reciosa de novos ataques, procurou os arredores, aglomerando-se nas estações de caminhos de ferro. Havia mais de um ano que a capital de Finlândia não era atacada por aviões, de modo que a surpresa foi completa.



As bombas 12.000 L.B. da R. A. F. contém um alto poder explosivo — igual ao quadruplo dos torpedos navais — e possuem, como característica especial, uma barbatana na cauda. Quando partem na sua missão de morte e destruição, o estampido que produzem é ensurdecedor.



A sr.<sup>a</sup> Hemingway — Marta Colhorn, esposa de um grande escritor norte-americano — é correspondente de alguns jornais «yankees» em Itália e fez a guerra civil de Espanha como correspondente de guerra. Na foto, vêmo-la conversando com as brigadas de serviço do 5.<sup>o</sup> exército, perto de Cassino. A missão dos jornalistas é penosa — a das jornalistas nem se fala.

# FIGURA DA VIDA MUNDIAL



LORD MOUNTBATTEN — Lord e marinheiro, ao serviço da Grã-Bretanha, este primo de Jorge VI tem desempenhado, com inteligência e pulso forte os mais altos e difíceis cargos. Há cerca de um ano, deixou a direcção dos Comandos e foi nomeado comandante das forças do Sueste do Pacífico. A sua presença na Índia tem sido altamente benéfica ao entendimento na comunidade inglesa.

# HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

apesar de ser muito heterogénea, a sua origem. Entre os defensores de Tobruk os australianos tinham alcançado uma reputação merecida pelo seu apêgo à luta e, sobretudo, pela sua bravura pessoal que ressuscitava o heroísmo lendário dos «anzacs» que, na outra guerra, haviam atacado em Gallipoli a peito descoberto. Os polacos, desde a sua chegada a Tobruk, tinham também revelado além dum excepcional ardor combativo, um desejo firme de consagrarem o nome da sua pátria.

O 8.º Exército ou Exército do deserto, cujo comando fôra confiado ao general Auchinleck, era de uma composição variada recrutando-se as suas formações em tôdas as parcelas do Império britânico. As tropas índias e neozelandesas, especialmente estas últimas, tinham ganho igualmente uma excelente reputação.

O general Auchinleck preparara cuidadosamente o seu plano de batalha. Era principalmente da acção das forças blindadas que ia depender a execução desse plano. Essas forças eram constituídas por dois corpos blindados: o 13.º e o 30.º, o primeiro do comando do tenente general Godwin Austen, o segundo do comando do tenente general Willoyghby Norrie, dois especializados da sua arma.

A data do início da ofensiva foi marcada para o dia 18 de novembro. Mas antes de lhe dar início, o comando britânico quis tomar o pulso ao adversário tentando um assalto audacioso ao quartel general do Rommel a fim de aprisionar este general e de desorganizar as forças que se encontravam sob as suas ordens. A realização deste «raid», embora não fôsse coroada de êxito, revelou até que ponto as forças britânicas estavam animadas por um elevado moral e pela decisão firme de arrancar a vitória por qualquer preço.

(Continua)

Visado pela Comissão de Censura  
Composição e impressão: Bertrand (Irmãos), L.<sup>da</sup>  
Telef. P. B. X. 21227-21368 — Lisboa

TELEF. — 2 0244  
TELEG.—PAPELCAR

SECCOES DE VALORES/ELABOR. E TABAGARIA

Papelaria  
**Carlos**  
de Carlos Ferreira, L.<sup>da</sup>

ASSIMILANDO OS LIVROS PARA ESCRITURACAO COMERCIAL

GRANDI SURTIRO DE ARQUIVOS PARA DESENHO E ESCRITORIO

RUA DO OURO, LISBOA

Composição / Mentolum 8 grs.—Methylum Salicylicum 8 grs.  
Lanolinum Anhydricum 16 grs.

**BAUME BENGUÉ**  
ANALGÉSICO  
GÔTA, REUMATISMOS  
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÉ, Farmacêutico de 1.ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico  
de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas.  
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

# PAPYRUS

PAPYRUS — O melhor papel para escrever  
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir  
PAPYRUS — O melhor papel para Titulos de Crédito  
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc  
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais  
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos  
PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias

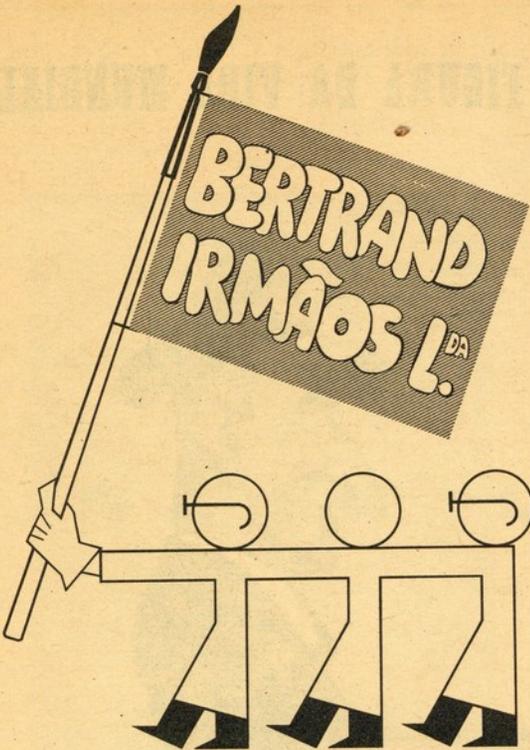
Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.<sup>a</sup> (Filho)

Rua dos Correiros, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854



Os maiores ateliers gráficos do país

TELEF. P. B. X. 2 1368  
2 1227

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27  
LISBOA



## EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

11,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WGEO	19,6
12,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WRUW	25,6
13,45	WRUS	19,8	WRUA	25,5	WBOS	19,7
16,45	WRUS	19,8	WRUA	25,4	WRUW	25,6
17,45	WRUS	19,8	WRUA	26,9	WRUL	19,5
18,45	WRUS	19,8	WRUA	26,9	WGEA	25,3
19,45	WRUS	19,8	WRUA	26,9	WGEX	25,4
20,15	a	(meia hora de programa especial)			WGEX	25,4
					WGEO	31,5
20,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WRUL	25,8
21,45	WRUS	30,9	WRUA	39,6	WKLJ	30,8
22,45					WKLJ	30,8

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

## EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da  
AMÉRICA em MARCHA**

# PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

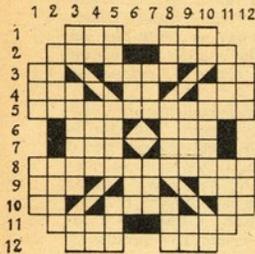
PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 23

Por Jorge Pessoa Pereira

LISBOA



**HORIZONTAIS:** 1—Pátria; duas pessoas que dançam juntas. 2—Querido; instrumento de caça usado entre as calas da Argélia. 3—Corria; liso; pertences. 4—Clareza que o Sol dá à Terra; único; pequena argola. 5—Suposta arte de adivinhar, por meio de ídolos. 6—Grande quantidade de líquido; lanço completo de jogo. 7—Medida grega de comprimento; atrela. 8—Tiraram o siso a. 9—Escavado; figura; abertura circular. 10—Grande quantidade; dão mios; quarta corda do rabeção. 11—Vestuírio da mulher; essa coisa. 12—Finura de espírito; criada particular.

**VERTICAIS:** 1—Jornada; benefício da natureza. 2—Acontecer; sons repetidos. 3—Além; elegante; antiga moeda romana de cobre. 4—Aparência; prenda com oiro (a noiva); caminhava. 5—Multidão; apoloíãs; moléstia. 6—Pretexto; aparece. 7—Aquilo que impressiona o ouvido; cólera. 8—Piedoso; escolhes; dá mios. 9—Esquadrão; creme; nota musical. 10—Batrácio; repercutira; que tem saúde. 11—Li muitas vezes; equipo. 12—Produz som; desfaz em partículas como pó.

PROBLEMA N.º 22

(Solução)

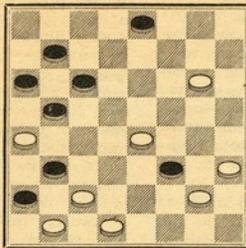
**HORIZONTAIS:** 1—Lapa. 2—In; fodar. 3—Ri; lare. 4—As; sórri. 5—Aderiam. 6—Ro; asa. 8—Ipanema. 9—Nisso. 10—Gás. 11—Ode; iró. 12—Saída. 13—Sôa.

**VERTICAIS:** 1—Liça. 2—Anisar. 3—Domingos. 4—Al; sé; pladas. 5—Olor; asseio. 6—Daria; N. S.; da. 7—Arras; eolla. 8—Reima. 9—Assôa.

## DAMAS

PROBLEMA N.º 20 (Concurso)

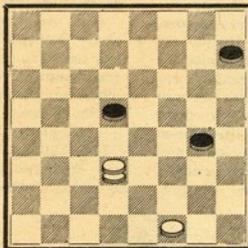
Por Raúl dos Santos Jorge LISBOA



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 4 (Concurso)

Por Luiz António David LISBOA



Jogam as brancas e ganham.

FINAL DE JOGO N.º 8

(F. Henriques)

Solução

1.ª Hipótese

28-32	32-14	14-11
14-11	11-6	6-2 (ou 3)

11-15 (ou 7) G.

2.ª Hipótese

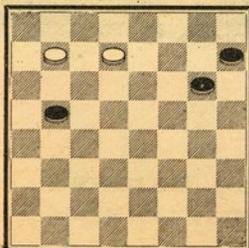
28-32	32-14	14-7	7-14
14-11	17-13	13-10	10-6

14-11 e G. como na 1.ª Hipótese.

NOTA—Verificada, num final, a impossibilidade de impedir que uma pedra adversária vá a dama, há que preparar, então, uma armadilha que a liquide logo após a promoção.

É essa característica que se desenvolve neste final, por uma forma curiosa, prejudicada, no entanto, na sua pureza, pela agressividade da chave.

Pecando ainda mais pronunciadamente pelo mesmo defeito, temos este outro final que é, fundamentalmente, uma transposição daquele:



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 19 (Concurso)

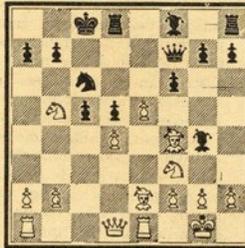
(Solução)

19-23	9-13	2-5	5-17	17-26-8
27-20	31-9	9-2	2-15	P.

## XADREZ

Momento Crítico (n.º 8)

Que jogaria nesta ocasião?



Jogam as brancas.

Solução do Momento-Crítico n.º 7

Partida Hromadka-Richter: 1. T x PA!!; triunfando.

## CHARADAS

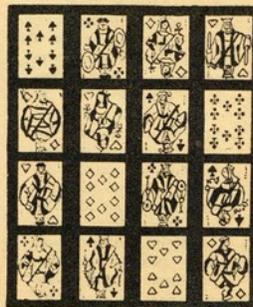
Solução do n.º 148

1) Nimio. 2) Letrado. 3) Tentação. 4) Val-vens. 5) Oficioso. 6) Lavrador. 7) Noívos. 8) Maluta. 9) Loucura.

QUADRO MÁGICO DE 16 CARTAS

Solução

É necessário colocá-las como se-



CORRESPONDENCIA

Raúl dos Santos Jorge (Lisboa) — Brevemente sairá o seu problema.

Rui Fernando Silva, (Coimbra) — Já lhe escrevi. Mande sempre. B. Oliveira Aguiar, (Pórtó) — Recebi os seus problemas e agradeço as suas palavras amáveis.

José Cândido de Araújo Azevedo, (Meigaço) — Recebi o seu problema que vou analisar.

Humberto Marques Fernandes, (Póvoa do Varzim) — Recebi o seu problema que vou verificar. Nada tem que agradecer.

Artur Mário da Mota Miranda, (Faro) — O desenho tem que ser feito a tinta da China preta. A solução, num desenho com qualquer tinta.

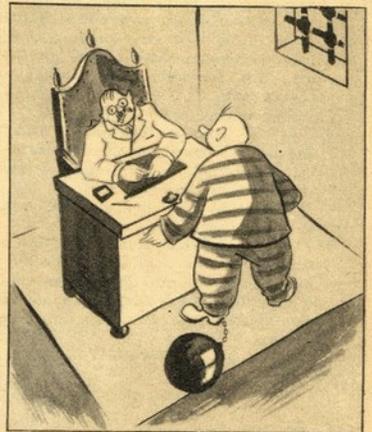
Jaime Ferreira, (Viseu) — Já deve ter recebido um bilhete meu.

Manuel Tôrres, (Minho) — Vou escrever-lhe e desejo que esteja melhor.

Mais três  
do Ventura...  
Por ZÉCO



— Para que saiba que sou um vivo exemplar, deixe-me jogar com as pedras pretas...



— Cada prêsco tem de escolher uma profissão. O que queres tu ser, Ventura?...  
— Caixaieiro viajante, sr. Director...



— Então, amigo Ventura, que tal foi a operação?

— Excelentemente lucrativa!...

— !?...

— O Doutor esqueceu-se das lunetas de ouro na minha barriga!...

# O inimigo secreto

Adaptação de AMÉLIA FERREIRA

Desenho de STUART

NESSE dia de primavera precoce — já lá vão mais de vinte anos! — fui ver o meu velho e bom amigo Arlindo Barthélémy, na firme intenção de o convidar a dar comigo um passeio o mais longe possível de Paris. Gostávamos de nos perder em meditações, em recordar, passo a passo, essa hecatombe que foi a Grande Guerra. Duas necessidades houve igualmente imperiosas, para aqueles que fizeram essa hecatombe. A necessidade de marchar para sentir a ilusão da mudança, e a necessidade de falar — talvez esta mais violenta ainda que a outra — para saborear, pela comparação, a alegria de viver.

Encontrei Barthélémy metido no seu escritório, enterrado num «fauteuil», com o cachimbo apagado na bôca e tão triste, tão triste que logo lhe perguntei:

— Então, meu velho, como vai a saúde por aqui? Como estão todos os teus?

— Todos bem. Minha mulher aproveitou este belo tempo para passear a criança traquinas, e é por isso que me encontras só.

Propus-lhe então o passeio que imaginara. Mas o meu amigo recusou e, como eu insistisse, confidenciou-me:

— Tenho uma «neura» louca, mais terrível, creio, do que no tempo em que estávamos aboletados na mesma choça em África... A tua visita causa-me, porém, um enorme prazer e vem-me distrair deste pesadêlo em que vivo. Senta-te, enche o cachimbo e conversemos!

Enquanto me sentava, perguntei:

— Mas já não tens razão para estar «neura»... Tens algum aborrecimento? Que diabo, dize lá — e quem sabe? — talvez te possa dar um bom conselho!

Barthélémy hesitou alguns instantes; depois, bruscamente, respondeu:

— Um aborrecimento? Não! Um verdadeiro sofrimento!... E um sofrimento estúpido, um sofrimento que te fará rir, sem dúvida. Tenho em minha casa um inimigo secreto contra quem nada posso, porque o estimo.

— Um inimigo? Quem?

— O meu filho.

— Um garôto de seis anos!

— Sim.

— Não compreendo!

— Até agora, tenho-te ocultado isto, não ousando dizer-te nada, quasi por uma espécie de pejo; mas vais saber tudo...

Fêz uma pausa e começou então:

— Casei-me, como não ignoras, apenas alguns meses antes da Guerra. Foi positivamente, verdadeiramente, um casamento de amor, do qual apenas tive um escasso tempo para lhe saborear o encanto! A mobilização arrebatou-me no momento mais belo da minha felicidade, isto é, quando eu me preparava para gozar a alegria orgulhosa de ver nascer a prova viva do nosso mútuo amor. E foi por cartas que me comunicaram o nascimento de Elmano; por cartas o soube forte, bem formado e bochechudo. Quando da minha primeira licença, no começo de 1916, o garôto tinha já um ano. Tive uma sensação estranha ao apertá-lo de encontro ao meu coração, ao examinar esse animalzinho curioso que se havia introduzido em minha casa durante a minha au-

sência, ao descobrir, enfim, repentinamente tudo quanto havia nesse senhorito a quem chamavam meu filho.

— E não te sentias infeliz?

— Muito feliz, pelo contrário. Mas não tendo sentido a sua primeira infância, não o sentia meu, não sentia que aquela carne fosse da minha carne, como o sentia minha mulher. E depois o que era uma licença? Um sonho comovente entre dois pesadêlos. Tornei a partir. Outras licenças me trouxeram a Paris, mas sempre com tantos meses de intervalo, que não consegui que nascesse um laço que nos unisse um ao outro. De tôdas as vezes que vim, encontrava Elmano mais crescido, transformado, completamente outra criança, diferente da que tinha deixado alguns meses antes.

Passaram-se dois, três, quatro anos. O seu espírito despertou, sem que o seu instinto cessasse de o conduzir. E esse instinto criou o primeiro obstáculo entre nós.

— Quem poderia separá-los?

— A mãe. Arminda continuava a mostrar-se sempre terna e meiga para mim. Havia, porém, mais vida comum entre ela e Elmano do que entre mim e ela. Quando cheguei da frente lamacento e esfarrapado, quando entrei nesta casa — na minha casa — como se fosse um vagabundo ao qual se fazia a esmola duma curta hospitalidade, vi em Elmano, primeiramente o assombro, depois a revolta. Bem lhe haviam dito: «É teu pai! Abraça-o!». Mas êle é que não compreendia que um estranho viesse instalar-se ali onde êle era o senhor e que esse estranho falasse e agisse aqui também como senhor. Quando eu abraçava minha mulher, êle protestava com os seus punhozinhos e a sua voz tartamudeante — protestava contra êsse gesto de ternura a que a sua alma ingénua me recusava o direito.

— Cólera de criança!

— Cólera já de homem! Além disso, Arminda havia-se habituado, para lenitivar o pesar que lhe causava a minha ausência e para melhor velar por Elmano, a deitá-lo tôdas as noites numa caminha junto à sua. Quando das minhas últimas licenças, exilaram-no para um quarto próximo. Chorou, bateu com os pés de raiva, mas não se lhe fêz a vontade. Submeteu-se, então; porém, de manhã, quando me levantava para o ir beijar, encontrava-o com as pálpebras pisadas pelas lágrimas, as pupilas fixas, os lábios cerrados, dolorosamente. Inclinava-me para êle. Repelia-me. Esforcei-me então por enternecê-lo com palavras meigas. Não me respon-

dia e, no seu mutismo feroz, assemelhava-se a um pobre animal ferido que estremece sob a mão que o ferira.

— E que dizia tua mulher a tudo isso?

— Arminda tentava consolar-nos a um e a outro. A mim, ela repetia: — «Não liguês importância, isso são puerilidades! Quando regressares definitivamente aqui, tudo mudará. Elmano aprenderá a estimar-te. Que queres? Não é culpa sua nem tua... êle não te conhece!». Arminda dizia isto com a máxima sinceridade e lealdade. E, no entanto, eu adivinhava nela uma inconsciente parcialidade. Sem que o seu pensamento lho confessasse, o que é certo é que o seu interesse pelo filho vencia, no seu espírito, aquêlle que tinha por mim.

— Talvez. Mas a guerra terminou...

— A guerra terminou e eu voltei. Retomei o meu lugar neste lar que organizara para a minha felicidade. Mas nada se modificou. Nunca Elmano teve a cruel audácia de me perguntar: — «Quando torna a partir?» Mas pensava — confusamente, sofre, tem ciúmes, enfim, ciúmes em tôdas as fibras do seu ser, ciúmes com todo o ardor de homem que será um dia. E ciumento, porque lhe roubei a mãe!

Arlindo Barthélémy deixou apagar o cachimbo. Colocou-o no cinzeiro. Um raio de sol veio iluminar-lhe o rosto enérgico que o calvário da frente não pudera sombrear, mas que naquele momento patenteava bem a pungente amargura dêsse conflito familiar.

Eu fitava-o perturbado, procurando a palavra que consolasse e que não encontrava. Tais feridas são tão delicadas, que, quando tentamos cicatrizá-las, ainda as fazemos sangrar mais. Por fim, tomei a resolução de gracejar e disse:

Ora, teu filho é ainda um garôto e isso há-de passar-lhe. Quando for rapaz, amará por sua vez, amará uma rapariga que encontrará num dia de primavera e que terá no olhar um sorriso. E desde êsse dia, deixará de ter ciúmes de seu pai.

— É possível! — disse Barthémely.

Mas, após um rápido cálculo, acrescentou: — Sômente, até que chegue êsse dia, ainda terei pelo menos, quinze anos de sofrimento!



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO É ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844